BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

A CABRA
Jornal Universitário de Coimbra

DOM Digital

Nº91 25 de Fevereiro de 2003 **Quinzenal** **Director:** Emanuel Graça www.aac.uc.pt/cabra **e-mail -** cabra@aac.uc.pt
Produzido pela **Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra** **Distribuição Gratuita**

Academia

AAC lidera movimento sem FAP

Federação Académica do Porto critica constituição de grupo informal de associações académicas, do qual está ausente

PÁGINA 10

DERRADEIROS TRUNFOS NA CORRIDA AO OAF

A dois dias das eleições para os corpos gerentes do Organismo Autónomo de Futebol, os candidatos apresentam os últimos argumentos. Em com conversa com o jornal A CABRA, João Moreno e Sampaio Nora expõem as suas propostas para solucionar os problemas da Académica. Naquelas que se afiguram como as eleições mais concorridas dos últimos anos, a polémica tem marcado o dia–a–dia da campanha eleitoral, com acusações de parte a parte.

A questão da dívida do OAF à Direcção–Geral da AAC regressa também à agenda. Apesar dos candidatos manifestarem vontade em solucionar esta situação, os cabeças de lista referem a impossibilidade de liquidar a dívida a curto prazo, devido aos problemas que o organismo autónomo atravessa.

PÁGINAS 22 A 25

Cidade

Metro em Coimbra

Concurso público para o Metropolitano Ligeiro Mondego tem de ser lançado até ao final do próximo mês de Abril. O projecto pode vir a estar concluído em 2007

PÁGINA 13

Nacional

Desemprego aumenta

O desemprego disparou em Portugal no mês passado para valores que não se registavam desde 1998. O Governo lançou prontamente medidas de combate à crise, criticadas pela oposição

PÁGINA 14

Internacional

NATO em desacordo

A polémica relativa à situação do Iraque lança a divergência no seio da Aliança Atlântica. O Comité de Planeamento Defensivo aprovou a deslocação de forças militares para a Turquia

PÁGINA 15

Reportagem

A cidade à noite

O divertimento nocturno é característico da vida estudantil. A CABRA percorreu a noite coimbrã e pinta o quadro da cidade quando o Sol se põe

PÁGINAS CENTRAIS

Cultura

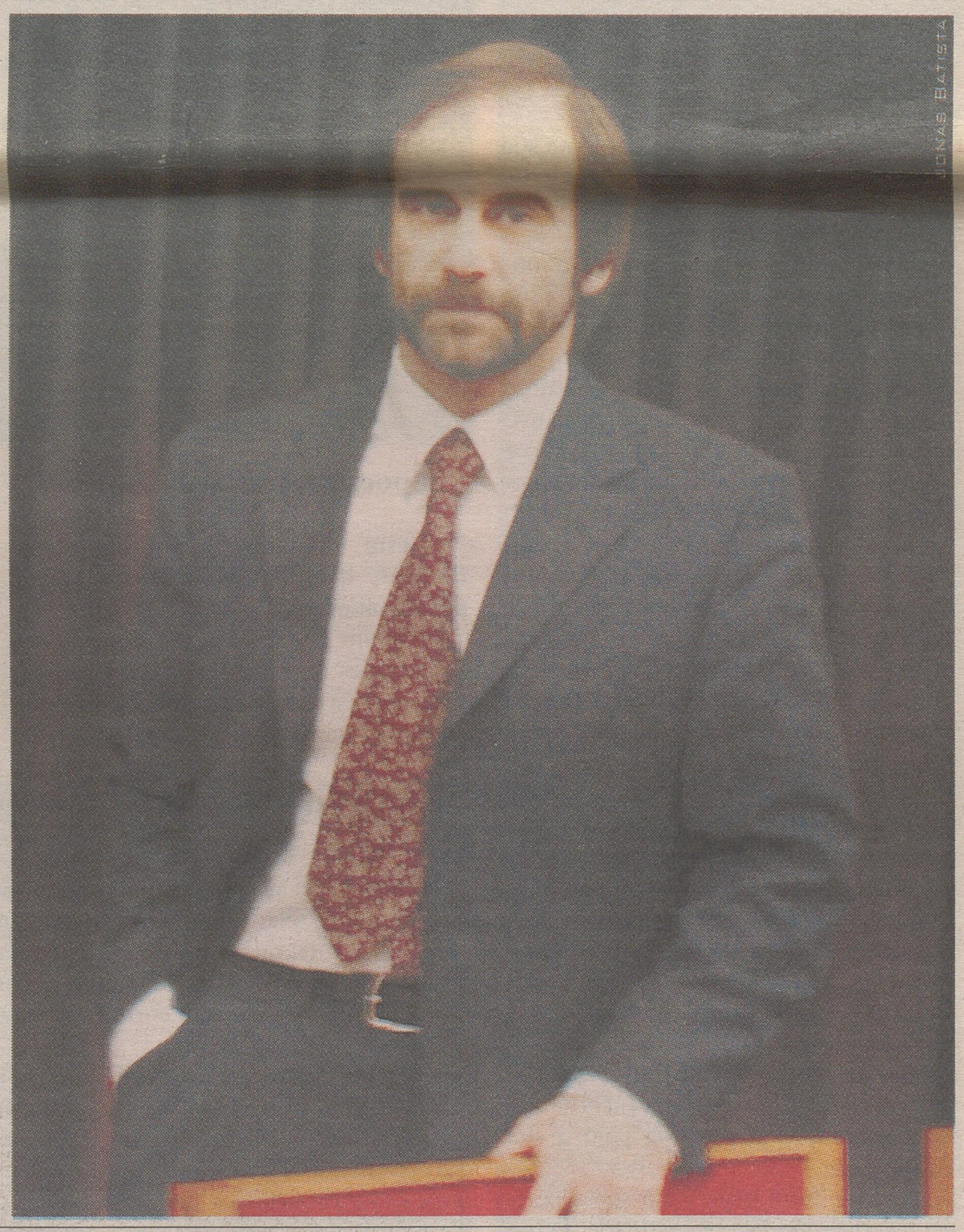
Teatro em Coimbra

Numa altura em que Coimbra é capital nacional da cultura, são muitos as dificuldades que se põem à produção teatral da cidade. Pequenos grupos e companhias de teatro subsistem em condições difíceis. Abílio Hernandez discorda

PÁGINA 26

Seabra Santos em entrevista

"Não vou dar música ao Governo"



Em entrevista ao Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA, Seabra Santos, recém–empossado reitor da Universidade de Coimbra, fala do que vão ser os próximos quatro anos à frente da reitoria. Admite que esta é uma época de grandes desafios, mas mostra–se confiante em relação ao futuro. A defesa e preservação do património da universidade e a questão do aumento das propinas - que considera insustentável - serão algumas das prioridades para o mandato que se inicia.

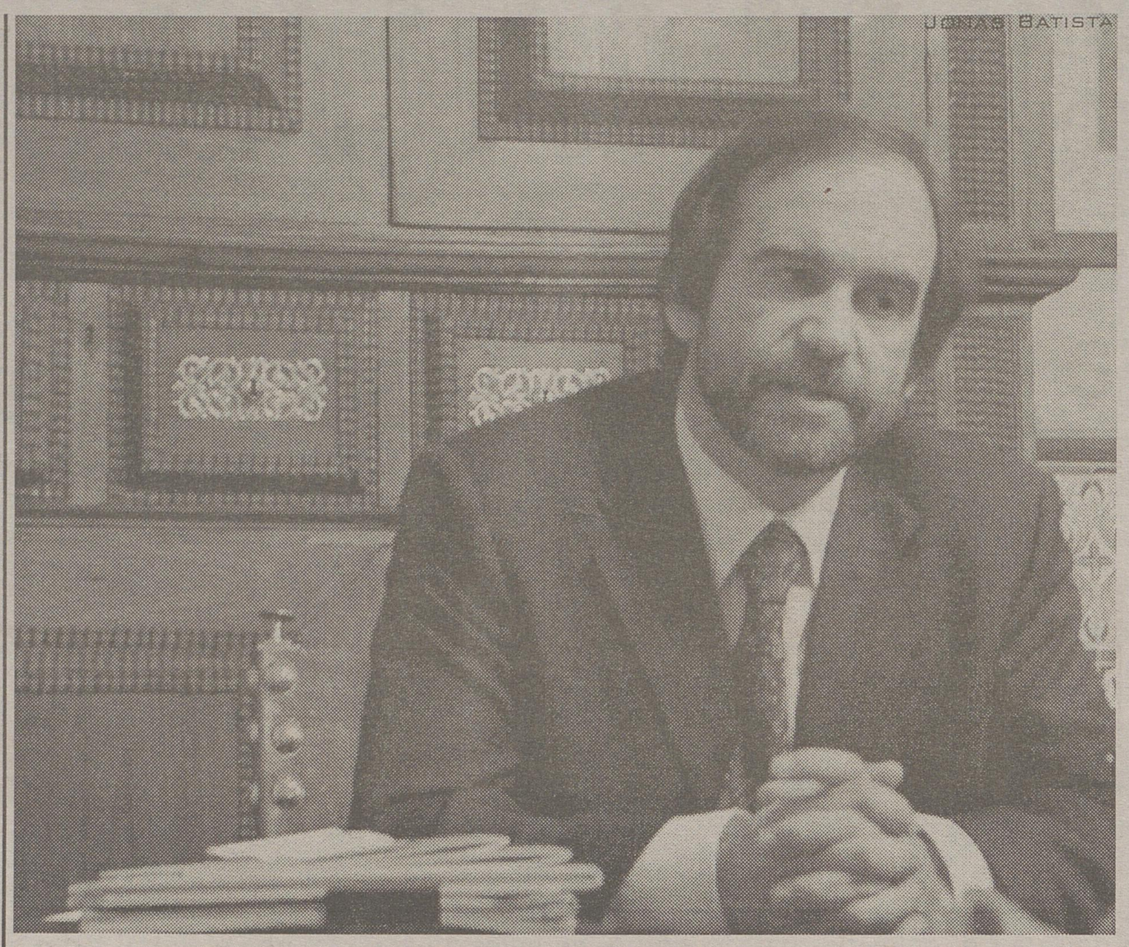
PÁGINAS 2 A 5

II ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE JORNALISMO E COMUNICAÇÃO
COMUNICAR FORMAR INFORMAR
II_ENEJC
apoio: A CABRA
Contactos:
João Pereira - 919541505
João Vasco - 965138788
Apartado 3054
3001-401 Coimbra
E-mail ii_enejc@mail.com
ABRIL 4 5 6
COIMBRA
AUDITÓRIO
DA FACULDADE DE DIREITO

"Tenho a sensação que não posso demorar

Numa entrevista de fundo, o recém–eleito reitor Seabra Santos explica o seu projecto para a Universidade de Coimbra (UC). O homem responsável pelos destinos da mais velha instituição de ensino superior em Portugal durante os próximos quatro anos, demostra–se sereno quanto ao futuro, mas algo crítico perante o Governo

Leila Campos
Emanuel Graça
Joana Montenegro


JONAS BATISTA

"O tempo é curto para todas as universidades públicas"

Incluindo esta entrevista numa agenda apertada, o novo reitor da UC recebeu o Jornal Universitário de Coimbra no que definiu como "o início do turno da noite". No mesmo dia em que reuniu com Pedro Lynce e participou num debate acerca das mudanças no ensino superior promovido pela Direcção–Geral da Asociação Académica de Coimbra, Seabra Santos fala das principais linhas do seu programa, da relação entre a universidade e a sociedade, da autonomia e do financiamento das instituições do ensino superior e do peso da UC no panorama nacional. De uma entrevista com cerca de uma hora e meia, fica a ideia de um homem calmo, com ideias próprias no que se refere à reforma do ensino superior e com pouco tempo a perder.

Após um período conturbado na sua vida, a UC volta a ter um reitor eleito. Que balanço faz destes primeiros dias à frente da reitoria?

Estou a pôr a casa novamente a funcionar. Tenho a sensação que não me posso demorar muito pois há desafios que se acotovelam à nossa porta. Estamos hoje a acabar de participar num debate sobre o novo pacote legislativo que se prevê estar completo em Maio e as contribuições das universidades devem estar feitas até ao final de Fevereiro. Se o tempo é curto para todas as universidades públicas, na situação concreta da UC, temos que agir rapidamente.

Já se notam algumas diferenças em relação ao reitorado de Fernando Rebelo?

Não vejo como, nem porquê. As coisas estão a ser preparadas, alguns projectos já vêm de trás, outros estão a ser iniciados. Mas existem certamente diferenças, assim como se verificaram diferenças entre o reitorado do professor Alarcão e do professor Fernando Rebelo.

A experiência de vice–reitor que obteve durante o reitorado de Fernando Rebelo foi uma mais–valia para a sua eleição?

Foi uma forte mais–valia sob a perspectiva que não tive necessidade de um período de adaptação nos estudos dos dossiers porque tinha responsabilidades pesadas e mantinha–me a par daquilo que se passava nas outras áreas.

Uma das novidades para já é a criação de um grupo de trabalho dedicado à investigação científica. Qual o seu objectivo?

A investigação científica é uma actividade que marca a diferença. Nas sociedades modernas, a universidade distingue–se das outras instituições de ensino e das outras instituições em geral, porque nela não é feita apenas a transmissão de conhecimentos, mas também a criação de novos conhecimentos. Assim, é natural que a reitoria não deixe passar ao lado esta actividade, que é uma actividade crucial, que marca a diferença e que cada vez mais deve ser estimulada e acarinhada.

> **"Estou a pôr a casa novamente a funcionar"**

"Época de grandes desafios"

Neste momento, já inteirado dos dossiers, qual considera ser o maior problema da UC?

É muito difícil de dizer. São muitas as questões que se devem abordar. Está tudo em discussão, é pedida a colaboração das universidades para alterações legislativas que envolvem quatro diplomas fundamentais (a Lei de Bases do Sistema Educativo, a Lei da Autonomia das Universidades, o Estatuto do Docente Universitário, a Lei de Financiamento). É uma época de grande efervescência, é uma época também de grandes desafios. Só tenho pena que tudo se tenha concretizado muito rapidamente, que a escolha dos tempos do ministério seja demasiado restritiva, o que não me deixa pôr estes assuntos à discussão aberta de toda comunidade universitária.

Pode dizer–se assim que, neste momento, as grandes questões da UC não são propriamente os problemas internos mas sim as questões de parâmetro nacional?

São, pelos menos, estas questões que são mais visíveis neste momento. Naturalmente, são duas faces da mesma moeda porque a relação legislativa que se prepara vai ter, com certeza, influências directas na própria universidade, principalmente no que diz respeito à gestão interna.

Mas o desenvolvimento dos pólos II e III continua a ser uma prioridade. Já existem datas de finalização para estes projectos?

O desenvolvimento físico da instituição é uma preocupação constante. Porque tenho sentido que é também uma preocupação das faculdades e constato que a UC é uma das mais mal dotadas universidades neste ponto de vista. Tenho tido a possibilidade de sensibilizar o ministro com argumentos fortes neste sentido, e estou sinceramente convencido que vamos ter nele uma pessoa consciente deste problema e com vontade de ultrapassar as dificuldades orçamentais, de financiamento e de investimento da UC. É minha convicção profunda que nos meus quatro anos de mandato vai ser possível avançar na construção do Pólo III, na instalação definitiva das faculdades de Farmácia e Medicina no Pólo III, e também na instalação definitiva das faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e da instalação da faculdade de Desporto no Pólo II. Estas são as quatro faculdades onde irá haver um maior esforço para resolver problemas de investimento. Não que sejam as mais importantes (porque não há faculdades mais importantes e menos importantes na UC), mas pelo facto de nós partirmos da alta universitária, onde se concentram a maior parte das actividades. Temos que desconcentrar antes de podermos intervir na alta.

Ensino superior em discussão

Numa altura em que se debate sobre o ensino superior, que modelo defende para a universidade em Portugal?

Essa é uma pergunta muito complexa e a sua resposta seria ainda mais complexa. A universidade pública é uma instituição que permite ao Estado realizar as suas actividades sociais básicas, a formação de um corpo técnico, com um nível cultural e científico adequado no desafio do desenvolvimento da sociedade, sobretudo económico. Entendo a autonomia como uma forma de contratualização entre o Estado e as instituições. Através deste contrato e

Politécnico versus Universidade

Após ter lançado a polémica com o seu discurso de tomada de posse, Seabra Santos volta a defender a insustentabilidade da actual relação entre ensino universitário e ensino politécnico. Sem propor ainda alternativas, o reitor da UC defende, para já, o diálogo entre ambas as instituições

Como classifica a "concorrência" hoje em dia patente entre o ensino superior e o ensino politécnico?

A situação actual é uma situação que não é sustentável e a disponibilidade da UC para participar na solução deste problema é franca, aberta e total. Não quero privilegiar nenhuma orientação mas estamos abertos a possíveis soluções, que aliás podem ser muitas. O que quero dizer é que tenho tido por parte dos representantes dos politécnicos a maior abertura para participar neste processo de discussão.

A médio ou longo prazo quais vão ser, na sua opinião, as consequências visíveis decorrentes desta situação?

Estou mais preocupado com as consequências a curto prazo. A curto prazo, as consequências visíveis são a existência de dois subsistemas que não estão suficientemente bem definidos, não estão bem articulados e outorgam diplomas com os mesmos nomes mas com conteúdos diferentes. Assim, instala–se na sociedade uma confusão muito grande, põem–se em causa os valores dos diplomas. A preocupação a curto prazo é precisamente evitar que esta confusão ocorra e contribuir para o aumento da qualidade do ensino superior. Não ponho em causa nenhum ensino, nem nenhum instituto, nem nenhum grau de ensino. Ponho em causa apenas a falta de qualidade das instituições.

E que medidas aponta para o combate desse panorama?

Não quero apontar nenhuma medida neste momento. Quero deixar apenas uma abertura total para as conversas que vou ter a curto prazo com os responsáveis dos politécnicos, porque acho que temos condições para encontrar soluções que possam constituir–se como sementes de um problema que é nacional e que deve preocupar todos os portugueses.

Seabra Santos em entrevista

muito pois há desafios que se acotovelam"

desta autonomia, as universidades comprometem–se a cumprir os objectivos do Estado nesta matéria e, em contrapartida, o Estado compromete–se a dotar as universidades com todas as estruturas e com todo o apoio que é necessário para que possam desenvolver a sua actividade. A arte está em definir consensualmente, através de formulações mutuamente aceites, aquilo que são os deveres e os direitos das duas partes. É basicamente isto que está em discussão quando falamos de autonomia, tipos de universidades e forma de organização das universidades.

O que pensa sobre o estudo liderado por Veiga Simão acerca do ensino superior para a próxima década?

O Dr. Veiga Simão é um exemplo notável de longevidade na liderança dos processos de repensamento do ensino superior. Cerca de 30 anos depois, vêmo–lo na primeira linha, a participar nos debates de ideias e a pensar nos problemas. O livro de que fala é um livro notável nesse sentido.

Mas concorda com as suas ideias?

Concordo com muitas das ideias. Tenho constatado que o Dr. Veiga Simão tem opiniões muito próximas das minhas no âmbito de aumentar a autonomia e responsabilizar as instituições. Estamos a contribuir todos para o mesmo objectivo, uma mesma solução, que é desenvencilharmo–nos deste enriçado em que se transformou a remodelação do ensino superior em Portugal. Devido a fórmulas mal–amanhadas, mal–cozidas, estamos a tentar contribuir todos para, de uma forma global, resolvermos os problemas.

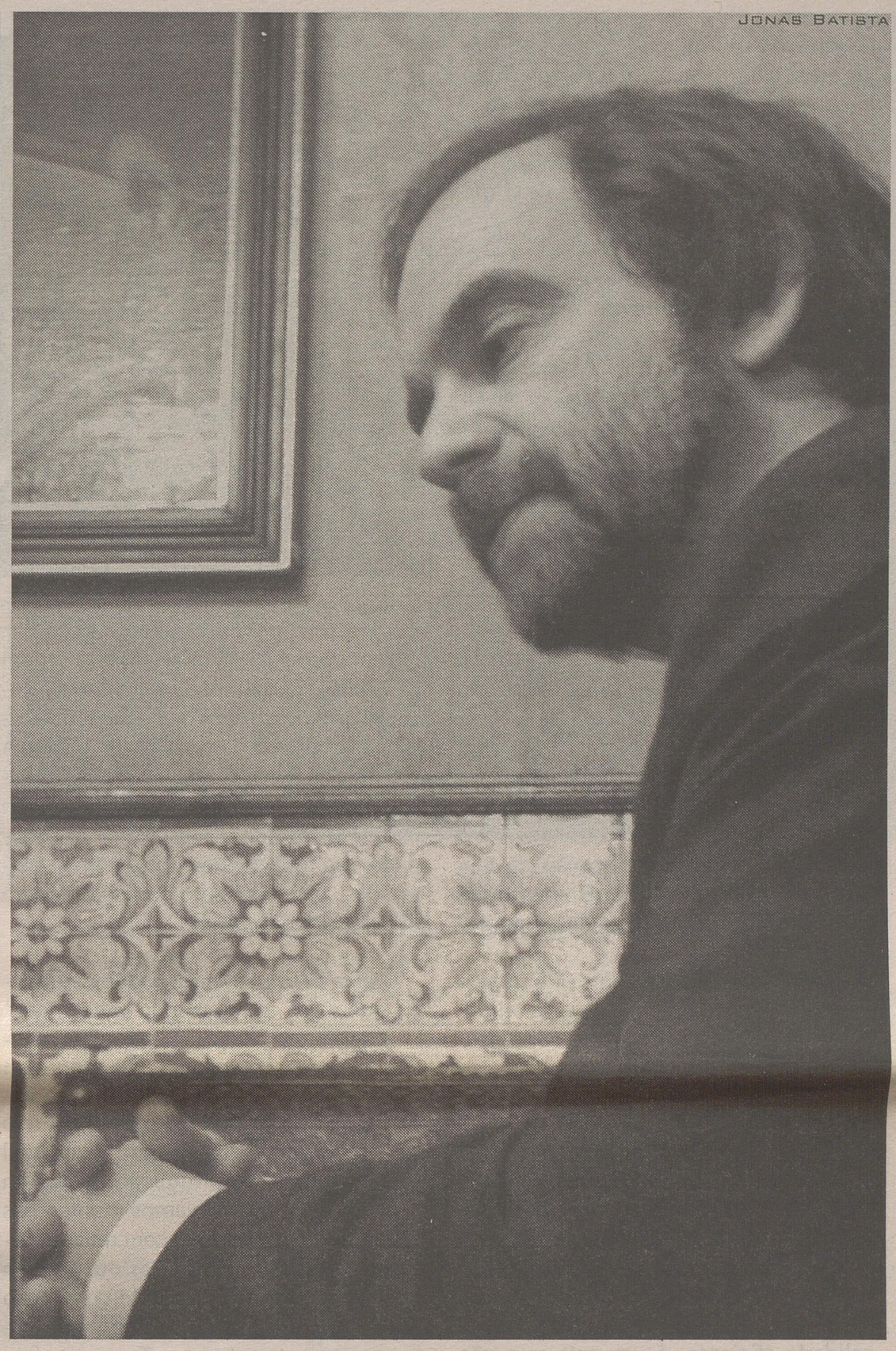
Lynce com nota positiva

Que avaliação faz do desempenho de Pedro Lynce, o actual responsável pela pasta da Ciência e do Ensino Superior?

Num programa da TSF, em directo, perguntaram–me que nota é que lhe dava - disse que lhe dava 11. Penso que é uma pessoa ambiciosa. O facto de ter proposto, de uma só vez, a modificação de quatro leis fundamentais do enquadramento do ensino superior e das universidades é disso mesmo prova. É uma abordagem inteligente mas muito arriscada. Vamos ver se todos temos a inteligência e a capacidade para o ajudarmos a levar a bom porto esta iniciativa, porque todos temos vantagens nisso.

Mas são muitos os que defendem que o ministro já tem esses projectos prontos e que o actual período de discussão política não lhes irá alterar uma vírgula...

Se for sem a alteração de uma vírgula, é pena que assim o seja. Mas eu tenho a esperança que estes debates e estas discussões sirvam para alguma coisa e que contribuam para melhorar a lei.



JONAS BATISTA

Seabra Santos espera frutos da remodelação do ensino superior

Um homem de esquerda

Sendo um homem de esquerda, esse poderá ser um dos seus trunfos da sua relação com a sociedade e o Governo?

Não sei se será um trunfo. Será, provavelmente, proveitoso nuns casos e menos proveitoso noutros. Penso que essa questão é esbatida no momento em que se verifica que todos os universitários têm ideias muito próximas em termos da necessidade de acções a desenvolver para revitalizar a universidade e para lhe dar uma outra posição no contexto nacional e internacional. A minha eleição não pode ser explicada de outra forma que não seja essa. Todos os sectores e os resultados concretos da votação mostram isso mesmo. Todos os sectores ultrapassaram essa marca ideológica e foram capazes de votar num programa e numa pessoa e não propriamente numa política partidária. Não é isso que está em causa, nem nunca esteve. Toda a minha vida universitária, nos milhares de decisões que tomei envolvendo pessoas, nunca foram tidas a favorecer ou a desfavorecer qualquer tipo de proximidades pessoais. O que está em causa é um conjunto de ideias, 25 anos de trabalho ao serviço da instituição e o programa que as pessoas entenderam ser interessante e importante apoiar. Foi simplesmente isso que aconteceu.

> **"Uma coisa que não vou fazer é dar música ao Governo"**

No que diz respeito às relações com o Governo, poderemos vir a assistir ao reavivar do estudante Seabra Santos, ligado à Brigada Victor Jara e afecto à União de Estudantes Comunistas?

Uma coisa que não vou fazer, com certeza, é dar música ao Governo ou ao Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas. Vou tentar defender a posição dos interesses da UC a todos os níveis, estudando os dossiers e defendendo objectivamente os pontos de vista que interessam à UC e aos universitários de Coimbra.

Considera que tem condições para a UC dar um pulo rumo ao futuro no seu reitorado?

Se está a querer dizer que nós temos de ser os melhores entre todas as universidades, os melhores em todas as áreas, naturalmente que esta é a minha intenção e penso que temos condições para isso.

Reitor e estudantes

Seabra Santos é contra uma restrição da presença dos estudantes nos órgãos de gestão da universidade. Por outro lado, apesar de salientar a importância da AAC na universidade, rejeita que os órgãos que regulam a universidade sejam subjugados à vontade do corpo discente. Por fim, promete ainda manter os actuais apoios à actividade desenvolvida nos corredores da Associação Académica de Coimbra (AAC)

Uma decisão em Assembleia Magna dos estudantes acabou por levar ao afastamento de Fernando Rebelo do cargo de reitor. Como comenta esse processo?

Os estudantes organizam–se há 115 anos na maior, mais antiga, mais completa, e mais complexa associação. Mas é isso mesmo, é uma associação de estudantes, com toda a legitimidade para ter os seus organismos próprios, para tomar as suas atitudes e as suas posições. Mas penso que essas posições não devem interferir nos órgãos de gestão da universidade, mesmo atendendo há historicamente uma ligação muito estreita entre a AAC e a UC. É preciso salvaguardar a esfera de actuação dos órgãos que regulam a universidade e naturalmente não entendo que estes devam estar subjugados à Assembleia Magna da AAC.

***Como classifica o poder que neste momento* os estudantes têm nos orgãos de gestão da universidade?**

Não me preocupa, nem penso que vêm daí os males que afligem a universidade ou que, de alguma forma, essa relação é impeditiva dos desenvolvimentos que é necessário fazer na universidade.

AAC é um lobbie ou uma força propulsionadora do desenvolvimento desta universidade?

Espero que seja as duas coisas, uma força propulsionadora, seguramente, porque sempre foi e tem que continuar a ser. Se for um lobbie nesse sentido, tanto melhor que seja. É uma força, é uma posição importante e organizada dos estudantes da UC, e só tenho a elogiar essa estrutura e a relevar o facto de termos uma universidade que tem uma estrutura de representação dos estudantes. Espero que esta situação continue, mas isto não significa que algum órgão, ou senado se deva subjugar à posição democraticamente assumida pelos orgãos da AAC.

Coimbra continua a ser a voz nacional dos estudantes ou pensa que esta posição já se desvirtualizou?

Não, penso que não, mas posso estar enganado. Mas não duvido que a AAC continua a ser a voz dos estudantes da UC.

Pretende manter os apoios da reitoria à AAC?

Atravessamos enormes dificuldades orçamentais, no entanto não é minha intenção fazer incidir essas dificuldades ao nível do relacionamento que temos com a AAC. Na medida das possibilidades manter–se-á esta relação de apoio da reitoria em relação à AAC.

"É insustentável falarmos do aumento das propinas"

O financiamento continua a ser uma das questões que mais polémica causa no seio da universidade. O recém–empossado reitor afirma–se a favor da manutenção da actual Lei de Financiamento do Ensino Superior e defende que o aumento das propinas é irrelevante para o equilíbrio financeiro das instituições universitárias

Já se demonstrou publicamente favorável à actual lei de financiamento desde que devidamente aplicada. Porquê?

O que me parece absolutamente indescutível é que qualquer alteração feita à actual lei de financiamento na linha de hoje vai legitimar a diminuição das transferências dotadas para as universidades. Do ponto de vista político, parece–me muito mais adequado defendermos uma lei que deveria garantir financiamentos mais elevados do que autorizarmos uma alteração de uma lei que seguramente vai permitir financiamentos mais baixos. Ao defender a manutenção da lei actual, faço-o com a convicção de que é uma luta perdida, porque eu não tenho dúvidas de que a lei vai ser alterada e que vêm tempos ainda mais difíceis do que os actuais.

Não concorda com o aumento das propinas?

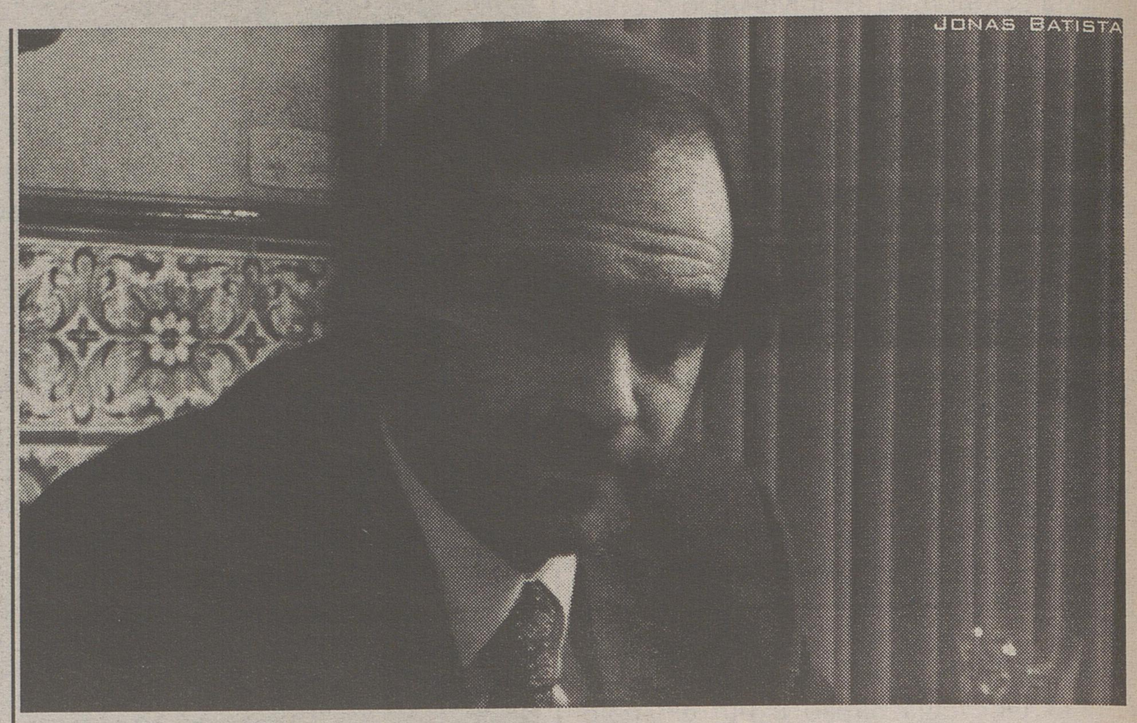
Não. Estamos num país com níveis de habilitação média da população muito inferiores aos da média europeia, um país que não encontrou ainda um conjunto de quadros técnicos, científicos e culturais que lhe permitam acompanhar os desafios da Europa e do futuro. Num contexto destes, entendo que é politicamente insustentável (até porque do ponto de vista económico é pouco menos do que irrelevante) falarmos de aumentos das propinas. Sobretudo numa altura em que são restringidos os apoios quer à acção social, quer às bolsas de estudo, quer aos preços das cantinas, quer à construção das próprias cantinas e das residências. Não separemos a discussão das propinas da discussão geral da matéria.

E quando os estudantes estiverem na rua a criticar esse aumento, onde vai estar o reitor?

Há muito tempo para ver quais vão ser as evoluções do processo, qual vai ser o texto definitivo das várias leis que estão prometidas, de que forma é que as várias sugestões que temos dado vão encontrar concretização prática, em que medida podemos garantir, com algum grau de razoabilidade e de segurança, que dentro de alguns anos temos os nossos estudantes convenientemente instalados. Depende de tudo isto a posição que a universidade deve tomar dentro desta matéria.

Pelas suas palavras, pode concluir–se que a sua voz é mais uma a juntar–se ao coro que defende que tem ocorrido uma desresponsabilização do Governo em relação ao financiamento das universidades. Porquê esta desresponsabilização?

Porque o Estado tem uma dificuldade muito grande em garantir uma fiscalidade eficiente (como é sabido, somos provavelmente dos países europeus com *maior taxa de evasão fiscal*). A medida "in extremis" e de recurso da ministra das Finanças no final do ano para equilibrar as contas veio ilustrar isso mesmo - a quantidade de impostos que havia por pagar e que se mantêm por pagar é assustadoramente elevada. Portanto, um país que não tem as receitas que devia ter porque não consegue impor uma fiscalidade eficiente, é um país que não pode impor às universidades a contenção que não está a impor a outros sectores em Portugal. Há também essa ordem de razões de natureza relativa, de justiça relativa. Recordo–me de dizer que, se o Estado tivesse contratado a UC para fiscalizar a Ponte Europa e se lhe tivesse dado três milhões de contos para essa fiscalização, tinha, mesmo assim, poupado oito milhões de contos e tinha permitido à UC viver no orçamento padrão durante um ano inteiro.


JONAS BATISTA

"Estamos em situações orçamentalmente difíceis"

Pelas suas palavras, podemos deduzir que a UC está perto da bancarrota?

Estamos de facto em situações orçamentalmente difíceis. O Governo tem conhecimento de que a expectativa actual é de que o orçamento de 2003 não será suficiente para permitir o normal funcionamento da instituição até ao fim do ano. No entanto, vamos manter–nos atentos e verificar se se concretizam essas perspectivas pessimistas ou, se com uma gestão equilibrada e de contenção muito forte dos gastos, conseguimos evitar maiores transtornos. Temos a promessa do primeiro–ministro de que o Governo vai apoiar as instituições que revelem impossibilidade de assegurar o seu normal funcionamento até ao final do ano. Vivemos nessa expectativa.

Qual será o modelo mais indicado ao nível do financiamento: universidades privadas e auto-suficientes ou universidades públicas com a crónica doença do "subsidiariarismo"?

Esse problema não tem que existir. Esse problema tem que estar completamente resolvido no âmbito de uma correcta definição dos contornos do funcionamento da autonomia universitária. O problema é que no passado não esteve. Ou melhor, esteve e depois não foi cumprido. E os problemas que nós sentimos hoje decorrem exclusivamente do facto de o Estado não ter tido capacidade para suportar os seus compromissos no âmbito de uma lei da Assembleia da República - a Lei de Financiamento do Ensino Superior. Só espero que as próximas versões garantam esse clima de estabilidade e uma capacidade de cumprimento que, no fundo, não tem acontecido no passado.

Seabra Santos defende a recuperação do Teatro Paulo Quintela

"Preservar e potenciar o enorme património da UC"

O ex–vice–reitor responsável pelas infra-estruturas sustenta a preservação do património da UC como forma de valorizar a instituição. Entre os principais projectos nesta área estão a recuperação do antigo Edifício das Caldeiras, actualmente cedido ao Centro de Estudos de Fotografia (CEF), do Teatro Paulo Quintela e a reabilitação do edifício da Associação Académica de Coimbra (AAC)

A preservação e defesa do património da universidade vai continuar a ser uma prioridade?

Naturalmente. Numa universidade com as características da UC, não podemos senão preservar e potenciar o enorme património que temos à nossa guarda.

Refere no programa que é urgente a recuperação do Teatro Paulo Quintela. Após esta intervenção, qual é o destino que lhe pretende dar?

A recuperação do Teatro Paulo Quintela seria útil, sobretudo, por duas razões. Por um lado, porque a faculdade tem agora uma licenciatura em Estudos Artísticos e precisa de uma infra-estrutura cultural que permita desenvolver essas actividades. Por outro lado, porque a alta universitária vai ter tendencialmente que quebrar aquilo que é actualmente, apenas um sítio em que se trabalha durante o dia e praticamente deserto durante a noite. Uma das componentes importantes dessa revitalização é, naturalmente, a componente cultural e, uma vez mais, temos o Teatro Paulo Quintela a desempenhar essas funções com espectáculos de teatro, de música, de cinema, etc.

A recuperação do edifício da AAC é referida no seu programa. As obras de recuperação estão previstas para breve?

É preciso não criar falsas expectativas. Estamos a alguns meses, diria mesmo a um ano, de concluir o projecto final de execução do edifício da AAC. Em paralelo, e numa fase inteiramente equivalente, está o projecto do novo edifício da AAC no Pólo II da universidade. As duas coisas estão ligadas porque não se pode intervir no actual edifício sem dar uma alternativa de funcionamento durante um ano, um ano e meio à AAC. Entretanto, no final do ano, podemos começar a angariação de financiamentos para iniciar a construção do novo edifício no Pólo II, que vai custar cerca de 400 mil contos. Vamos demorar entre um a dois anos para concretizar este projecto e só nessa altura é que podemos começar as obras no edifício sede da AAC. São coisas que demoram tempo.

Quais são os projectos que a reitoria tem para o Edifício das Caldeiras? Existem muitas dúvidas em relação a quem pertence a jurisdição desta infra-estrutura...

O edifício é da propriedade da UC. Apanhei, há quatro anos, uma situação em que regularmente o edifício era utilizado pelos Encontros de Fotografia e pelo CEF da AAC para a realização de exposições regulares, nomeadamente, no âmbito dos Encontros de Fotografia. Os Encontros de Fotografia são uma iniciativa cultural da cidade, das mais relevantes no panorama cultural e artístico a nível nacional e, portanto, é de todo o interesse para a universidade e para a cidade apoiarem a continuação deste evento. Agora, isto tem que ser feito segundo as instituições intervenientes. Se o CEF é o CEF da AAC, naturalmente que AAC tem que ser envolvida neste processo. A única coisa protocolada que existe neste momento é um texto que foi assinado pelo até então ministro da Cultura Manuel Maria Carrilho, no qual o ministério se comprometia a apoiar a requalificação do edifício para a realização de um centro de fotografia. É neste contexto que tenho prosseguido com o projecto. O que está previsto é que o edifício das Caldeiras seja utilizado pelos CEF da AAC.

Seabra Santos em entrevista

Universidade a perder peso?

Na opinião de Seabra Santos, a UC continua na vaguarda da produção científica nacional. No entanto, o catedrático da FCTUC reconhece a necessidade de uma melhoria ao nível da afirmação da instituição para o exterior e de uma estratégia de promoção de imagem da mais antiga instituição de ensino superior do país



"A produção científica da UC nunca esteve tão forte"

A UC está a perder peso no panorma nacional?

Não. Se analisarmos a produção científica, e é por é aí que se mede a importância da universidade, o número de artigos, de participações em revistas, em livros, etc, da UC nunca esteve tão forte. Mas se analisarmos a imagem que passa para a opinião pública, provavelmente estamos a perder velocidade. E isso tem a ver com a necessidade de uma nova capacidade de afirmação e de imagem. Temos que tirar partido daquilo em que somos muito bons, onde somos tão bons ou melhores do que os outros. Temos que saber fazer passar essa ideia para o exterior, para a opinião pública. É uma questão de imagem, apenas.

Como reitor da UC, vai trabalhar para que as suas posições possam ser encaradas como as de um porta–voz do ensino superior público?

Eu tenho a noção que o reitor é uma das imagens da instituição universitária e que, sendo reitor da UC, não posso fugir à responsabilidade que tenho de protagonizar essa afirmação e essa imagem da instituição universitária. Não é uma coisa que me agrade particularmente, não vai propriamente ao encontro das minhas características pessoais, mas tentarei desempenhar esse papel como o fiz nas outras funções em que me empenhei.

Um Seabra Santos presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP) pode ser uma possibilidade?

Não é uma coisa que me preocupe. Não procuro fazer campanha para que isso aconteça. Penso que é um pouco provinciano reclamar que a sede do CRUP venha para Coimbra ou que o reitor da UC seja presidente do CRUP. Isso é uma coisa que tem ser decidida pelos reitores. Não vou fazer campanha nesse sentido.

Seabra defende a manutenção dos estudantes nos órgãos de gestão

Nomeação estatal é desadequada

O reitor da UC defende que as universidades têm uma gestão suficientemente profissionalizada e não precisam de gestores nomeados pelo Governo. Por outro lado, o catedrático da FCTUC é a favor da manutenção dos actuais equilíbrios de poder nos diferentes órgãos de gestão da universidade

Concorda com a actual Lei de Autonomia Universitária?

Entendo que a autonomia que decorre da aplicação da actual lei foi bastante importante. Foi a consagração de que a lei era imprescíndivel para o normal desenvolvimento da livre iniciativa dos universitários e da prossecução dos fins da universidade. Naturalmente, o tempo veio revelar algumas dificuldades que penso que estarão na altura de corrigir. Talvez o figurino imposto à gestão das universidades seja demasiado rígido. Defendo um reforço das competências e das responsabilidades dos órgãos uninominais, o que permite manter nos órgãos colegiais uma estrutura de poder semelhante à actual. É uma solução equilibrada que pode resolver os vários problemas que se levantam neste momento.

E a autonomia dentro da própria universidade, a autonomia das faculdades, não é, por vezes, uma faca de dois gumes?

É seguramente uma faca de dois gumes. São direitos estatutários das faculdades aos quais não me vou opôr e nem o posso fazer. No entanto, tenho chamado a atenção para as dificuldades que podem advir do facto de assumirem a autonomia administrativa e financeira. E, do meu ponto de vista, a maior delas é a desvantagem financeira. O processo de autonomia é um processo caro, as faculdades têm que fazer contas e verificar se têm condições para prescindir de outras despesas.

Concorda com a ideia de reitores, gestores ou algum outro tipo de intervenientes na gestão das universidades que seja apontado pelo Estado?

Não me parece adequado. Temos algumas centenas de gestores, de quadros superiores na estrutura de gestão da universidade. Portanto, temos uma gestão profissional. Temos, aliás, índices de gestão que nos colocam na primeira linha das instituições públicas, nomeadamente das universidades, no que toca à qualidade da gestão. Estamos a desenvolver e vamos obter, previsivelmente já em Março, um certificado de qualidade da gestão universitária no âmbito de uma norma internacional (ISO 9001:2000) que nos dá essa alegria: a consagração de termos uma instituição bem gerida, com padrões internacionalmente aceites e consagrados.

Ou seja, é este o modelo que defende para gerir a autonomia das universidades perante o Estado?

É um modelo que me parece, desse ponto de vista, perfeitamente adequado com tudo o que há para fazer e eventualmente com as alterações pontuais que seja preciso introduzir. Mas, em termos gerais, penso que é um modelo que se adequa à gestão das universidades portuguesas.

E, nesse âmbito, acha que deve haver uma menor representatividade dos estudantes na gestão da universidade e nos seus desígnios?

A minha opinião é que não. Não tenho a certeza que um senado constituído somente por docentes tomasse decisões mais adequadas do que aquelas que o senado constituido da forma actual toma. Tenho a convicção profunda de que os estudantes nunca impediram a aprovação de uma proposta fundamentada e apresentada por um professor.

Capital da Cultura em análise

Cerca de um mês após a abertura oficial da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 (CCNC), o responsável máximo da UC faz o balanço das relações entre a universidade e este evento. Os "timings" e a falta financiamento às iniciativas no âmbito da recuperação de infraestruturas culturais são algumas das críticas apontadas

Visto que a UC é um dos parceiros fundamentais da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 (CCNC), que balanço faz, para já, deste evento?

Este evento está lançado e a universidade participa nele desde a primeira hora, envolvendo–se e colaborando na definição das várias estratégias e na proposta de realização de variadíssimas iniciativas culturais. Portanto, a UC intervém numa parte significativa dos eventos da CCNC. Mas há duas questões que penalizaram a nossa intervenção. Por um lado, esta transição difícil numa altura crucial, entre a eleição do professor Fernando Rebelo para o segundo mandato com a alteração dos responsáveis da área da cultura e depois o desfecho do processo, com o seu pedido de demissão, precisamente na altura em que se estavam a iniciar formalmente as primeiras iniciativas. Naturalmente, estas coisas não facilitaram a integração da universidade neste projecto. A outra questão é que, contrariamente à nossa expectativa e a toda a nossa iniciativa nesta matéria, não foi possível fazer passar a ideia de que se devia investir igualmente na área das infraestruturas culturais. Ainda assim, vamos procurar iniciar a concretização de três grandes iniciativas das várias que tinhamos previsto e preparado: a Casa das Caldeiras, o Teatro Paulo Quintela e o Laboratório Chímico.

Considera que esta parceria pode ser um bom exemplo do papel entre a UC e a sociedade?

Pode, desde que preparada com mais antecedência e com a mobilização de melhores meios. Eu penso que se poderia ter feito melhor. Mesmo assim, é um bom exemplo daquilo que pode ser a intervenção da universidade.

Além da área cultural, onde podem estar as mais–valias da universidade para a sociedade?

Desde já, ao dizer 'além da área cultural', está a excluir uma valência importantíssima. Mas para além dessa área, nas áreas das humanidades, da técnica, da ciência.

E no caso da CCNC? Existem intervenções noutras áreas que não a cultura?

Há muitas intervenções. Por exemplo, uma iniciativa da pré–temporada da CCNC foi realizada no âmbito da área da investigação científica e teve como objectivo dar a conhecer à cidade algumas das áreas de desenvolvimento científico da UC. Há muitas outras iniciativas que estão a ser preparadas e que vão desenrolar–se nesta área. O tempo demonstrará a intervenção da universidade nesta matéria.

OPINIÃO

EDITORIAL Emanuel Graça

A cultura dos outros

Desde que Coimbra foi oficialmente presenteada com o epíteto de primeira capital nacional da cultura já passou mais de um mês, um mês de eventos culturais e científicos que lançou a cidade dos estudantes para as páginas dos jornais mas para a indiferença geral. No fundo, Coimbra continuou igual a si mesma - presa à falta de infraestruturas culturais e aos sonhos megalómanos e elitistas de um punhado de pessoas do universo artístico.

Ainda assim, o rídiculo que, desde o seu início, assombrou este evento continua, passado um mês, a dar frutos. Basta pensar que os dois maiores "happenings" culturais que ocorreram para já em Portugal não foram, como seria de esperar, eventos relacionados com a Coimbra Capital Nacional de Cultura de 2003 (CCNC 2003), mas antes dois outros acontecimentos fora deste âmbito. E se um ocorreu no Porto (a primeira grande exposição de Francis Bacon em solo lusitano), o outro ocorreu na própria Lusa Atenas, na barbas de Abílio Hernandez e da sua equipa (embora, na maioria das vezes, pareça que a CCNC 2003 se resuma ao primeiro...), com a inauguração do Centro de Artes Visuais.

Ou seja, por um lado, a visão de Abílio Hernandez de tornar, durante este ano, a cidade de Coimbra no palco maior da produção cultural em Portugal está longe de se concretizar. Apontando para grandes nomes internacionais, o presidente da organização deste evento acabou por ter de se contentar com nomes do meio da tabela. Por outro, no ponto onde a CCNC 2003 poderia fazer a diferença, junto dos produtores e agentes culturais conimbricenses, parece manter-se a política que Hernandez apresentou enquanto director do Teatro Académico de Gil Vicente - favorecer os grandes grupos da cidade e lançar para o esquecimento as pequenas companhias.

> "É nesta lógica de circo para o povo que vive quem produz cultura em Coimbra"

Traduzindo por miúdos, se a CCNC 2003 poderia capitalizar mais a produção cultural original de Coimbra, apostando em utilizar as verbas que lhe foram atribuídas para subsidiar o crescimento exponencial dos pequenos grupos da cidade, a clara aposta da organização foi em aplicar a quota de leão do orçamento noutras companhias. Ou seja, em última instância, se grande parte do dinheiro atribuído a este evento poderia ter ficado na cidade e garantido um verdadeiro crescimento e amadurecimento cultural a longo prazo, a opção escolhida foi lançar fogo de artífício para o ar, trazer saltimbancos forasteiros à coutada conimbricense mas nunca perder tempo com preocupações altruístas e para o futuro relacionadas com o capital máximo que se pretenderia homenagear - o bem cultural. E isto sem falar também das péssimas opções estatais em não incluir neste projecto a reabilitação de algumas das estruturas degradadas da cidade.

É nesta lógica de circo para o povo que vive quem produz cultura em Coimbra.

O Iraque no futuro da Europa

Álvaro de Vasconcelos*

Quando se avolumam os sinais de guerra contra o Iraque, a França e a Alemanha propõem um plano ousado para dar corpo a uma política externa e de defesa europeia. Os países do elo matricial da União sabem que o futuro depende em muito da sua capacidade para liderar respostas comuns, europeias, aos grandes problemas da segurança internacional. A divergência com o consenso vale a Blair a marginalização no debate em que se vai escrevendo a Constituição Europeia.

Enquanto na Convenção se forja o futuro da Europa, o mundo inquieta-se com o cenário de mais uma guerra no Golfo, talvez ao arrepio das Nações Unidas, e o conflito israelo-palestino agrava-se tragicamente na indiferença geral. Entre o elaborar na Convenção da Constituição europeia, artigo a artigo, com paixão e encanto, como diz Giscard D'Estaing, e os sucessivos embarques de tropas americanas e inglesas para a península e os mares arábicos, percebe-se que a União já não tem tempo para se ir fazendo numa infinidade de pequenos passos e alguns recuos. A divisão entre os Estados membros numa crise internacional grave como a iraquiana causa fracturas difíceis de sanar. A paralisia europeia tem custos humanos e políticos incalculáveis, e o puro seguidismo em relação ao governo dos Estados Unidos significa abandonar os princípios e as convicções em que se funda a União Europeia e prestar um mau serviço à nação americana e à ordem internacional.

> **"Tony Blair privilegia quase em absoluto a relação dita especial com os Estados Unidos, na ilusão de estar assim no centro do mundo. Afasta-se por certo do coração da Europa a que afirma pertencer, e pela via da segurança, onde o peso militar do Reino Unido facilmente lhe daria o almejado lugar"**

Tony Blair privilegia quase em absoluto a relação dita especial com os Estados Unidos, na ilusão de estar assim no centro do mundo. Afasta-se por certo do coração da Europa a que afirma pertencer, e pela via da segurança, onde o peso militar do Reino Unido facilmente lhe daria o almejado lugar. Como já foi notado, a força das propostas franco-alemãs não vem da conjugação do peso das potências com a afirmação do interesse nacional. Quando o definem de forma estreita, aliás, nem encontram apoio nem são capazes de se unir. É a Europa que une a França e a Alemanha, e o seu peso cresce quando se inscreve no interesse europeu. Erram os que pensam que se pode fundar um directório de potências numa *entente* franco-germano-britânica, com ou sem satélites.

A procura de um compromisso em que possa assentar o consenso europeu é notória no actual plano franco-alemão que propõe, em suma, medidas para dar peso internacional à União e maior legitimidade à Comissão. Faz todo o sentido que a União decida a sua política externa por maioria qualificada e opte, na defesa, pela via das cooperações reforçadas, deixando agir no interesse europeu os que têm vontade e capacidade para isso. Assim se poria fim ao actual sistema cuja imperfeição vai ao ponto de permitir que, numa questão tão essencial como a guerra com um país árabe, o Reino Unido possa agir contrariamente aos interesses da União, como são percebidos pela maioria esmagadora dos cidadãos (inclusive britânicos) e dos Estados, e cuja perfeição se resume a que cada Estado possa eficazmente bloquear todos os demais. A criação de um ministro dos Negócios Estrangeiros da União reforçaria também a sua capacidade de acção, bem como a figura de um presidente do Conselho a par do da Comissão. Aqui, a proposta complica em excesso o modo de decisão, multiplica as presidências, a bicefalia presidencial enfraquece a Comissão, e o fim das presidências rotativas empobrece a manifestação das diferentes sensibilidades europeias em política internacional. Não foi achada ainda a boa solução para o problema que o alargamento coloca à Presidência do Conselho.

A afirmação franco-alemã da ambição internacional da União não se limita porém às propostas de reforma, inúteis na ausência de uma política certa. Chirac e Schroeder defendem no Conselho de Segurança que aos inspectores onusianos seja dado tempo e apoio bastante para cumprirem a sua missão: desarmar o Iraque. É inaceitável que numa questão tão importante da segurança internacional em que é parte interessada, a União seja incapaz de chegar a uma posição comum, que decerto pesaria fortemente na resolução da crise e influenciaria, talvez mesmo decisivamente, a posição americana.

*Director do Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais

Texto publicado em "O Mundo em Português", no. 41, Fevereiro de 2003



A CABRA errou

Na última edição do Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA afirma-se erroneamente nas páginas 2 e 3 que a Federação Académica do Porto (FAP) votou desfavoravelmente, no Encontro Nacional de Direcções Associativas (ENDA) realizado nos dias 24 e 26 de Janeiro, uma moção de censura ao ministro da Ciência e do Ensino Superior.

Com efeito, e como apontou Nuno Mendes, presidente da FAP, ao Jornal Universitário de Coimbra, a FAP não possui direito de voto no ENDA.

O Jornal Universitário de Coimbra agradece à FAP esta correcção. À FAP e aos leitores, as nossas desculpas.

A recomposição da população estudantil de Coimbra

Elísio Estanque*

Assistimos hoje a um conjunto de novas posturas, atitudes e orientações, entre a juventude universitária, as quais, afinal, não são senão o reflexo das tendências sociais mais gerais. Vejamos algumas dessas tendências no caso da Universidade de Coimbra (UC), a partir dos dados de um estudo que estamos a ultimar no Centro de Estudos Sociais.

Os estudantes da UC são hoje maioritariamente recrutados na Região Centro (cerca de 60 por cento). Porém, esta "regionalização" da universidade não pode ser unicamente atribuída a um défice de capacidade atractiva por parte da UC, já que, a proliferação de instituições deste nível de ensino (públicas e privadas) nas várias regiões do país tem necessariamente consequências a este nível. Ou seja, todas as universidades terão hoje uma incidência de públicos "regionais", mesmo aquelas que já possuíram um peso nacional (como Coimbra, Lisboa e Porto). Em todo o caso, sendo hoje muito maior a competitividade, a capacidade atractiva ou o esforço nesse sentido tem de passar por uma estratégia mais agressiva que não se compadece com uma atitude que se resguarde sobretudo à sombra da tradição.

Este reposicionamento no plano regional é acompanhado por outro tipo de mudanças, entre as quais destaco a recomposição de classe e sexual da população estudantil. Quanto à primeira, embora não exista uma correspondência entre a origem de classe dos estudantes e o peso relativo das diferentes classes sociais no país, é um facto que quando olhamos as origens de classe dos estudantes da UC já não encontramos a "pirâmide invertida" que existia há duas ou três décadas atrás. É verdade que categorias como os "empregadores " ou os "quadros técnicos e dirigentes" estão sobrerepresentadas na população estudantil, isto é, as percentagens relativas de estudantes cujos pais pertencem a esses estratos sociais é proporcionalmente maior do que o peso que os mesmos detêm no conjunto da estrutura social portuguesa. Mas, por outro lado, identificámos cerca de 30 por cento de estudantes que são oriundos da classe "trabalhadora" (sendo esta definida como o conjunto dos assalariados que detêm baixos níveis educacionais, baixas qualificações e nenhuma autoridade no emprego). Significa, portanto, que há alguma democratização do acesso à Universidade. Esta abertura é mais notória em áreas como "Artes e Letras", "Ciências Naturais/Matemáticas" e "Economia e Gestão", enquanto nas áreas de "Ciências Médicas/Farmácia", "Desporto" e "Direito" há uma menor representatividade da classe trabalhadora. Já pelo critério dos níveis de instrução dos pais dos inquiridos, verifica–se que, de um lado, estão as áreas de Letras, Ciências Sociais, Ciências Naturais/Matemática, cujos pais têm maioritariamente baixos níveis de instrução; do outro lado, estão a Medicina/Farmácia, Desporto, e as Engenharias, cujos pais possuem níveis mais elevados de escolaridade.

> **"Reequilibrar noutros termos o binómio tradição/ modernidade é um desafio urgente para a Universidade de Coimbra"**

Quanto à recomposição sexual, como se sabe, as raparigas são hoje maioritárias na Universidade (com cerca de 60 por cento) e isto verifica–se em quase todos os cursos da UC (são excepções as áreas de Engenharia e de Desporto). Curioso é verificar, ao relacionarmos as origens de classe com a condição sexual, que enquanto entre os descendentes de pais das classes média e alta existe uma maioria de rapazes, no caso dos filhos da classe trabalhadora, encontramos uma clara maioria feminina (34,5 por cento contra 28,9 por cento). Esta recomposição sexual reflecte–se, evidentemente, nas práticas e atitudes dos estudantes.

A preocupação com o acesso ao emprego que o curso pode permitir é, naturalmente, mais sentida entre os filhos de classe trabalhadora. E esta situação repercute–se nas atitudes perante o estudo e perante as actividades sociais em geral. As raparigas revelam maiores índices de leitura (extra–escolar), maior regularidade no estudo e na frequência das aulas, maiores expectativas quanto ao acesso a "uma profissão que permita realização pessoal", maior sensibilidade perante o "conhecimento académico como condição para intervir na sociedade", dão menor importância à praxe e revelam mais interesse, por exemplo, pelo Baile de Gala da Queima das Fitas. Os rapazes dão mais importância à ideia de obter "uma profissão de prestígio e bem remunerada", revelam maior presença nas salas de informática, dão mais importância à "praxe" e à participação na Garraiada. Também lêem menos e estudam menos, mas no entanto, esperam dar um maior "contributo ao desenvolvimento científico".

A relativa perda do velho estatuto "elitista" da Universidade, a crescente feminização da população estudantil *numa instituição secular como a UC*, repleta de rituais de raiz "masculino", associados às tendências gerais de individualismo e desinteresse pela discussão e participação associativa, são questões que merecem reflexão e debate. Reequilibrar noutros termos o binómio tradição/ modernidade é um desafio urgente para a UC.

*Professor Auxiliar da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra



Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA Depósito Legal nº 183245/02 **Registo ICS** nº 116759
Ficha Técnica: Director: Emanuel Graça **Director Gráfico:** Rafael Bidarra Rodrigues **Chefe de Redacção:** João Pereira **Editor de Fotografia:** Jorge Nande **Editor de Universidade e Academia:** Guilherme Oliveira **Editor de Cidade, Nacional e Internacional:** Mário Guerreiro **Editor de Desporto:** João Cortesão **Editor de Cultura:** João Vasco **Secretária de Redacção:** Liliana Guimarães **Redacção:** Adriana Silva Afonso, Aida Lima, Carina Valério, Cecília Santos, Claúdia Rodrigues, Cristina Bastos, Daniela Pereira, Gustavo Sampaio, Hugo Ferreira, Joana Fialho, João Pedro Marques, Jonas Batista, José Manuel Camacho, Kossaqui, Leila Campos, Luísa Bourbon, Lurdes Lagarto, Manuel Eduardo, Marco Carvalho, Maria João Lopes, Marília Frias, Marilyne Alves, Nuno Curado, Nuno Dias, Patrícia Batista, Paulo Alexandre Teixeira, Paulo Nuno Vicente, Paula Velho, Pedro Ramos, Pedro Santos, Rita Delille, Rui Caniço, Rui Justiniano, Rui Pestana, Sara Martins, Sérgio Alves, Sílvia Matos, Sofia Carvalho, Sónia Nunes, Soraia Letra, Tiago Azevedo, Tiago Carvalho, Vânia Correia, Vítor Rodrigues e Oliveira **Colaboradores:** Ana Claúdia Cardoso, Ana Oliveira, Andreia Ferreira, António Gil Leitão, Carina Fonseca, Carla Pinto, Claúdia Ferreira, Cristina Lopes, Daniela Rodrigues, Diana Catarino, Diana Mota, Diana Ramos, Edgar Caetano, Fátima Pinto, Francisco Simões, Isabel Oliveira, Joana Moreira, Joana Montenegro, João Baía, Liliana Figueiredo, Nuno Felício, Margarida Matos, Marta Poiares, Marta Varandas, Patrícia Abreu, Patrícia Lourenço, Patrícia Vic, Rita Loureiro, Rogério Ramos, Sandra Dias, Sara Cardoso, Sofia Marques, Susana Baptista, Suzana Marto, Susana Sampaio Dias, Vitor Aires **Fotografia:** Francisca Moreira, Marilyne Alves, Pedro Sá e Sousa, Sofia Cruz **Publicidade:** Pedro Correia, 965821301/239821554 **Impressão:** CIC - CORAZE, Oliveira de Azeméis, Telefone: 256661460, Fax: 256673861, e-mail: grafica@coraze.com **Tiragem:** 3000 exemplares **Produção:** Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra **Sede:** Rua Padre António Vieira **Telefone/Fax:** 239821554 **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra.

A METAMORFOSE
Gustavo Sampaio

Demagogias

A mobilização cívica mundial no dia 15 de Fevereiro, em protesto contra a mais do que certa guerra no Iraque, demonstra uma clara divergência de posições entre os governantes de determinados países e os respectivos cidadãos. O desfile de milhões de pessoas pelas avenidas de Nova Iorque, Londres, Roma ou Madrid apelando para a preservação da paz mundial e repudiando as intenções belicistas dos EUA e da Grã–Bretanha relativamente ao Iraque, põe a descoberto a ilegitimidade dos governos que apoiam a guerra contra a vontade das populações que os elegeram. E as sondagens não deixam dúvidas - a opinião pública mostra–se desfavorável relativamente à possibilidade de um conflito armado, sobretudo se este decorrer fora do âmbito da ONU.

Em Portugal, cerca de 80 mil pessoas exerceram o seu direito de livre manifestação nas ruas de Lisboa, paralelamente a outras cidades do país, protestando contra a política belicista seguida por George W. Bush e apoiada publicamente pelo primeiro–ministro Durão Barroso, em conjunto com outros governantes europeus como Blair, Berlusconi ou Aznar. A população demonstrou a sua oposição a uma guerra no Iraque e defendeu o prosseguimento da via pacífica através das inspecções de desarmamento realizadas pela ONU. A posição de apoio aos EUA assumida por Durão Barroso, disponibilizando o território nacional (Base das Lajes) e possivelmente soldados portugueses, reveste–se assim de uma condenável ilegitimidade perante os cidadãos. "Não em meu nome", lia–se nas faixas de protesto.

> "A sessão parlamentar acabou por ser um mero espectáculo de demagogia política"

O recente debate realizado na Assembleia da República sobre a referida posição do Governo relativamente ao conflito internacional, ou melhor, a sessão de esclarecimento, na medida em que a decisão estava já tomada, revelou o desrespeito do primeiro–ministro perante este órgão de soberania nacional ao não o consultar previamente sobre esta questão. A sessão parlamentar acabou por ser um mero espectáculo de demagogia política. A maioria de direita procurou justificar o injustificável, baseando a sua decisão na necessidade de preservar a aliança transatlântica e enaltecendo o papel vital dos EUA na defesa da Europa, descurando a necessidade de convergência dos díspares interesses europeus. A oposição demonstrou a sua indignação mas pouco podia fazer pois a decisão de apoiar a guerra era irreversível. Mas entre os discursos surgiram dados importantes: o primeiro–ministro limitou a discussão à escolha primária entre o "bem" (EUA) e o "mal" (Saddam Hussein); a oposição relembrou que quando Durão Barroso era ministro no governo liderado por Cavaco Silva vendeu urânio ao regime de Saddam Hussein para a produção de armas que massacraram milhares de curdos.

PENSAR A UNIVERSIDADE

A Universidade necessária

Nuno Ferreira Rilo*

"É função da Universidade dominar a Ciência de seu tempo no mais alto nível possível de conhecimento e de investigação, porque a ciência é o discurso do homem sobre sua experiência na terra, é a explicação mais completa e responsável de sua observação sobre a natureza e sobre as relações entre os homens e as coisas, e seus nexos causais."

Darcy Ribeiro

Ainda que centenária, a Universidade Portuguesa iniciou a sua última transformação no sentido da sua modernização e democratização, há apenas trinta anos. Simultaneamente, neste período teve uma enorme expansão para satisfazer as aspirações de educação superior da nossa população. E hoje debate–se com uma crise estrutural resultante, por um lado, de um crescimento anárquico da sua rede e dos seus cursos, que agora se debatem com falta de procura devida a uma queda demográfica, e por outro, pela sua inserção num sistema de ensino superior binário distorcido e injusto.

A última década trouxe, porém, outros constrangimentos à crise universitária. Eles derivam dos grandes avanços na informática e nas telecomunicações, que trouxeram enormes capacidades técnicas ao ensino, conjugado com o avanço das concepções neoliberais que procuram privatizar todas as funções sociais do estado.

Os países mais desenvolvidos de língua inglesa (EUA, Reino Unido, Austrália e Nova Zelândia) já criaram um forte aparelho empresarial de ensino superior à distância e procuram agora consolidar o seu funcionamento de forma transnacional. Para isso, desenvolvem hoje uma luta para incluir de imediato os serviços de ensino superior na Organização Mundial de Comercio (OMC). Por isso as questões de uniformização dos sistemas de ensino ou o processo de financiamento por "cheque ensino" também não podem deixar de ser vistos pelo lado da mercantilização transnacional do ensino.

Na discussão pública do nosso sistema de ensino superior, que o governo pretende reformar, a ideia mais forte que me ocorre é a da Universidade Necessária para atender às exigências do domínio do saber científico, tecnológico e humanístico de hoje, de que nos fala Darcy Ribeiro num ensaio com o mesmo nome. E gostaria de salientar dois falsos dilemas frequentes no discurso político e académico sobre a universidade: Elitismo versus Massificação e Cientificismo versus Profissionalismo.

> "A universidade falha quando limita rigidamente os ingressos, simulando eleger o seu corpo estudantil desde os primeiros passos"

Elitismo ou Massificação

Este dilema exprime–se em oposições formais entre orientações elitistas ou massificadoras, selectivas ou democráticas ou ainda entre qualidade ou quantidade. Frequentemente, em alguns discursos, a massificação e democracia opõem–se a elitismo e selectividade.

Em nosso entender o dilema é falso. A universidade tem compromissos com ambos os termos. Para nós o sistema universitário deveria absorver todos os jovens que buscam formação de nível superior antes de se incorporar na força de trabalho, ou desejosos de melhorar a sua posição nela. Cumpre–lhe oferecer–lhes a oportunidade de alcançar o nível mais elevado de qualificação que forem capazes de atingir, em competição com todos os demais.

A universidade falha quando limita rigidamente os ingressos, simulando eleger o seu corpo estudantil desde os primeiros passos. E também falha quando admite o ingresso em massa para depois seleccionar os jovens de perfil intelectual, desinteressando–se pelos demais.

Deve–se ampliar e elevar a qualidade de formação geral secundária para seleccionar dessa massa de estudantes, conforme os critérios mais objectivos e rigorosos, o maior numero possível de jovens que justifiquem um investimento adicional, por sua inteligência ou capacidade de trabalho, que os capacite a alcançar os mais altos níveis do saber.

Cientificismo ou Profissionalismo

Outro dilema que atravessa o discurso de muita e variada gente é expresso pela oposição, tida como irredutível, entre cientificismo e profissionalismo.

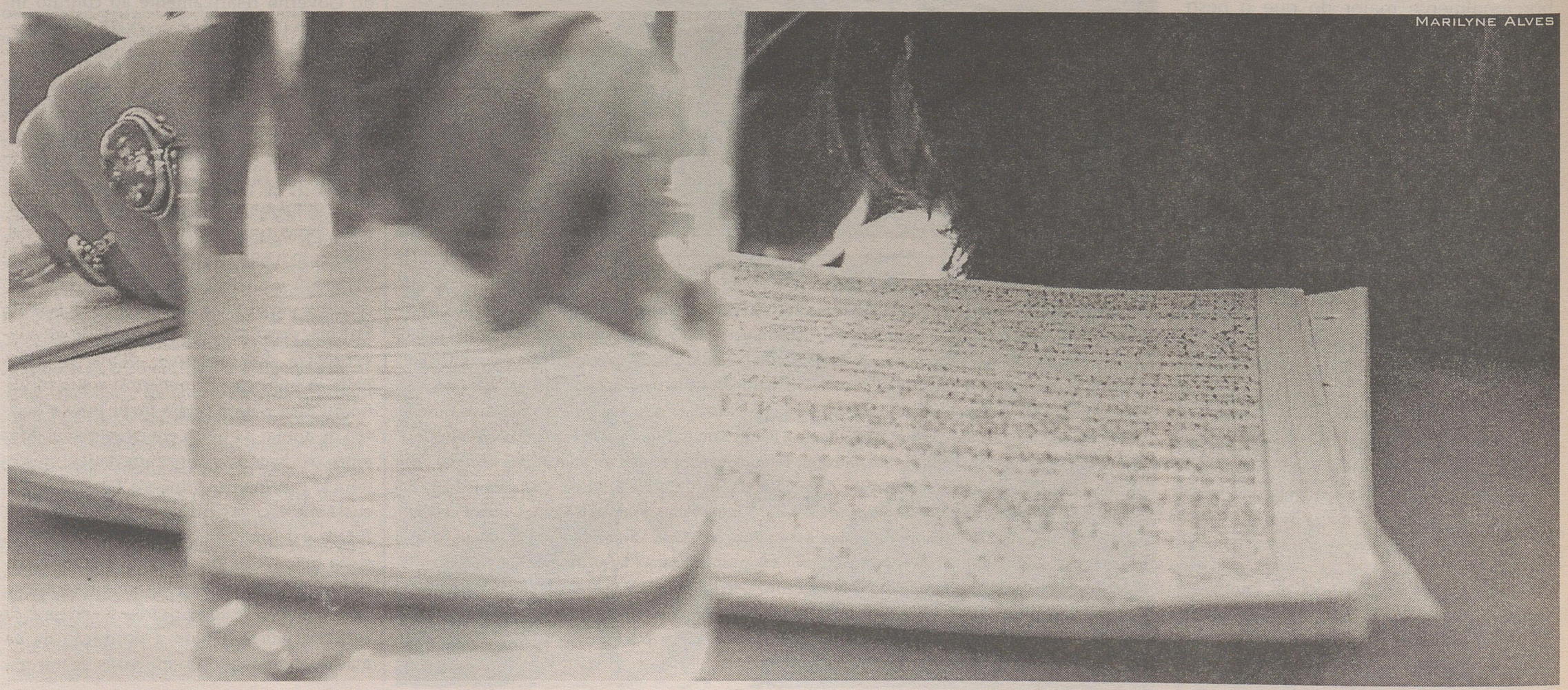
É tarefa da universidade cultivar e ensinar a todos os estudantes as bases do método científico, os fundamentos da observação experimental e da comparação sistemáticas. O ensino profissional não se opõe ao científico. Ao profissional cabe o ensino das aplicações dos princípios científicos a determinados campos de actividade humana. Assim, tem muitas exigências extra cientificas, como o treino em certas rotinas cujo ensino também é tarefa insubstituível da universidade. Entretanto, esse treino só pode ser fecundamente proporcionado quando, ao lado das práticas, se cultivar o saber geral em que se baseiam.

Uma variante desta falácia é formulada, às vezes, como a oposição entre a ciência e a tecnologia. É necessário reiterar que a ciência não é um discurso académico sobre o saber e, por isso, só pode ser ensinada onde se fizer ciência e no próprio processo de investigação. Isto adverte–nos para dois factos: primeiro, o valor prático insubstituível da ciência; segundo, que toda a investigação tem virtualidades educativas que devem ser bem exploradas. A universidade deve dedicar–se à ciência por ser indispensável, cumpre–lhe também fazê–lo considerando as virtualidades educativas em cada investigação.

Alguns professores, no afã de levar avante os seus trabalhos científicos, consideram as actividades educativas como um obstáculo. Esta atitude é inadmissível em qualquer universidade, pois mesmo os cientistas mais fecundos nos seus campos de investigação admitem o dever de orientar estudantes graduados e, frequentemente, fazem–no de modo muito proveitoso para o desenvolvimento dos seus próprios estudos. Por tudo isto, deve ser tida como falsa a oposição entre investigação e ensino, bem como falso o dilema ciências–tecnologias.

A universidade deve cultivar a investigação científica ao mais alto nível, orientando-a para o compromisso da luta contra o atraso, pelo desenvolvimento autónomo e sustentável da sociedade, não esquecendo também a sua obrigação de ministrar, simultânea e integradamente, ensino profissional da melhor qualidade possível.

*Professor do Departamento de Engenharia Mecânica da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra e Coordenador do Ensino Superior na Direcção do Sindicato dos Professores da Região Centro



Marilyne Alves

Mais ou menos cinco princípios contra os que estão a favor do aumento das propinas!

Humberto Martins *

Nos últimos dias o ensino superior, pela intervenção da tutela, tem sido o mote de diversas discussões que, de novo pouco têm, pelo menos para os estudantes, uma vez que estes temas têm sido recorrentes na agenda estudantil... Pelo menos terão servido para algo as inúmeras reivindicações que vêm sendo feitas nos domínios de alterações à carreira docente, em propostas sobre autonomia universitária, na problemática do insucesso escolar e, claro, do financiamento do ensino superior. Se falta de provas houvesse, mais uma vez fica claro que têm sido os estudantes quem mais tem denunciado o que de mal vai acontecendo no ensino, e como quase sempre, foram os únicos. Resta ter a esperança de que a lógica não se repita e que, na altura de tomar decisões, não venham a ser ignorados contributos sérios e responsáveis que os estudantes vêm fazendo e, desta forma, em vez de soluções, sobrem ainda mais preocupações para o ensino superior.

Num destes momentos de discussão acerca de alterações legislativas para o ensino superior, num debate em boa hora organizado pela AAC, um dos intervenientes avançou com dez justificações, irrefutáveis e inquestionáveis na sua opinião, para o aumento das propinas no ensino superior. Longe de querer pôr em causa ou polemizar ainda mais a intervenção do Exmo Professor Vital Moreira, proponho–me, com humildade, tentar responder ao repto por ele próprio lançado e apresentar em contra–ponto um contributo de apenas cinco princípios contra o aumento das propinas (o que me parece suficiente para a questão ao invés de inventar mais cinco com ainda menos conteúdo e coerência!).

1º - Princípio do "Alguém justifica?"

Considerando, como nos é apresentado, que as propinas constituem uma comparticipação nos custos de ensino na medida em que o indivíduo vai ter benefícios individuais decorrentes da sua formação superior, coloco–me a mim mesmo algumas questões: Porque não existem propinas para comparticipar os custos do ensino de todos aqueles que estão para além da escolaridade obrigatória? Porque existem financiamentos públicos para investigação e formação pós–graduada (mestrados e doutoramentos)? Certamente, e especialmente neste último, os detentores de mestrado e doutoramento devem ter elevados benefícios pessoais e profissionais que não devem justificar o investimento dos contribuintes (já para não mencionar que serão quase todos eterna e de forma segura, funcionários públicos nas nossas Universidades!)

2º - Princípo do "O que está lá escrito é mesmo assim?"

Pegando no que está escrito na nossa Constituição, argumento embora algo estafado, torna–se relevante quando enuncia que o ensino deve ser "tendencialmente gratuito" e não, como se discute "tendencialmente mais caro". Se bem que juridicamente, e para quem, que não eu, habita nos meandros legislativos possam encontar–se refúgios e subterfúgios na doutrina interpretativa da disposição para mim, como cidadão, apenas leio o conteúdo da afirmação proferida e, como tal, concordando–se ou não, confie–se em quem a redigiu e a fez aprovar em nome dos restantes cidadãos. Embora um dos maiores problemas do nosso ensino esteja precisamente na nossa Língua Materna, não me parece contudo que as possíveis interpretações difiram muito do que está lá escrito.

> "Mais uma vez fica claro que têm sido os estudantes quem mais tem denunciado o que de mal vai acontecendo no ensino"

3º - Princípio do "Alguém anda a mentir?"

Na actual lei de financiamento as propinas são "adesivadas" a uma melhoria da qualidade do ensino. Como todos sabemos a única coisa que terá melhorado será o défice público pois o Estado descontou matematicamente a fatia paga pelas famílias no orçamento a atribuir às Universidades. Se o défice público está como se tem dito, então alguém tem andado a mentir e, pior, a gastar noutras áreas e quiçá em despesismos, ainda mais do que cortou no ensino. Se o Estado neste aspecto não será propriamente a "pessoa de bem" em quem se pode confiar, pior será constatar que as salas de aula pioraram, os equipamentos deram as últimas e não se podem substituir, as bibliotecas vão ficar mais tempo fechadas, as turmas serão ainda maiores e as lâmpadas não se poderão ligar todas ao mesmo tempo(!)... ora aí está o famigerado "aumento da qualidade de ensino" no qual se promete agora continuar a ser uma prioridade. Apetece dizer que não se preocupem tanto pois para pior já basta assim.

4º - Princípio do "Vamos perder o comboio mais uma vez?"

Num país em que se fala de produtividade como carência e de inovação como mandamento é, no mínimo, estranho que no outro prato da balança se coloquem mais dificuldades na democratização e fomento da frequência do ensino superior. Assim o cenário parece ser o de tornar o ensino superior elitizado e menos acesível a todos quantos queiram, e tenham o mérito, de aceder a uma formação superior, em benefício dos poucos que possam pagar. Aliás, esta lógica é reforçada na alusão a propinas progressivas em função do insucesso escolar que, devendo ser por todos intolerável a sua persistência actual, se transforma num sistema em que quem pode pagar chumba o que quiser ao invés de se solucionarem as causas estruturais, e independentes do empenho do aluno, do inssucesso escolar. J* agora, alguém sabe como surgiu o milagre do desenvolvimento da Irlanda, que o nosso Governo apregoa como paradigma a seguir?! Ouvi dizer que trocaram o betão pela educação, mas só ouvi dizer... e como muitas vezes ouve–se cada uma!

5º - Princípio do "Porque sim!"

Como em tantas medidas de diversas áreas, mais uma vez deveremos assistir ao pôr em prática da máxima democrática do "quero, posso e até mando!" e, como tal, independentemente de mais ou menos justificações, mais ou menos princípios, mais ou menos opiniões, as decisões serão o que estão e como tal deixemos lá passar o tempo considerado suficiente para um pesudo–debate público e lá teremos a lei aprovada na Assembleia da República no final deste ano lectivo, mesmo antes das férias escolares... nada de novo portanto. Confesso ser este o único princípio cuja lógica não consigo rebater pois é tão coerente e indiscutível que me atrevo a deixá–lo do lado de quem pense, legitimamente, o contrário do que aqui escrevi. Até porque, ao contrário de outros, nunca ouso pensar ser dono de qualquer verdade, tão só limito–me a ter algumas reflexões e, se solicitado como o fui pelo Jornal Universitário de Coimbra - A Cabra, dar um pouco da minha modesta opinião!

Nota final: Apesar de breves apontamentos acerca de algumas questões sobre o nosso ensino superior, propus–me apenas levantar algumas dúvidas e inquietações acerca da forma como surgem os argumentos da inexorável necessidade de aumento de propinas. Desde logo tenho a consciência da superficialidade, até pela ironia com que me expressei, dos argumentos que apresentei, no entanto os exactos 7000 caracteres que me solicitaram não permitiram o maior detalhe e fundamento... até porque poucos (ou ainda menos) leriam um artigo com as argumentações técnicas (os "palavrões" dos entendidos na matéria) e (ainda) mais caracteres!!

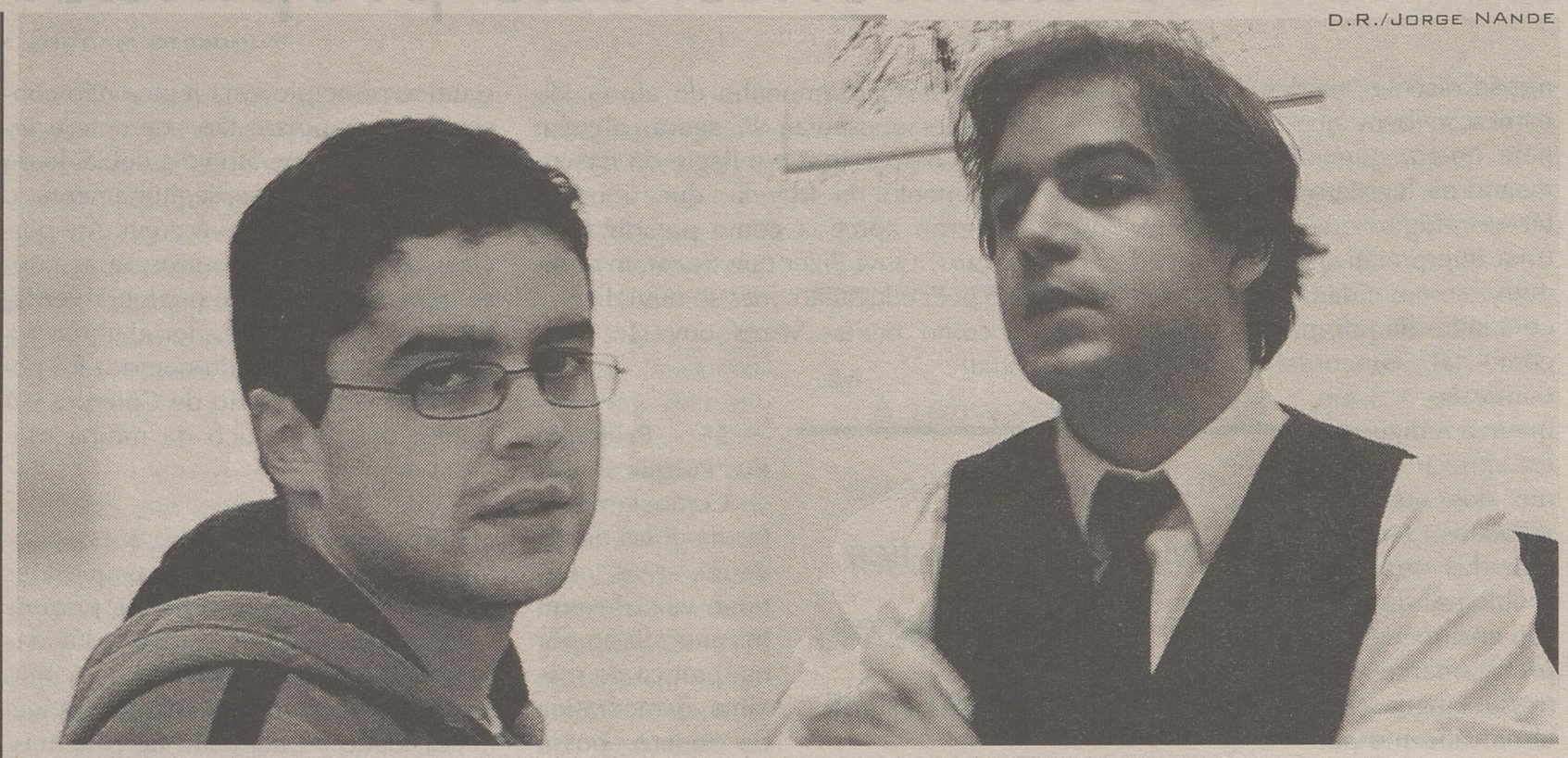
* Ex–presidente da Direcção–Geral da Associação Académica de Coimbra e membro do Conselho Nacional de *Avaliação do Ensino Superior*



Ausência do Porto em grupo de discussão

Academias de Coimbra e Porto em choque

D.R./JORGE NANDE



Nuno Mendes e Victor Hugo Salgado em rota de colisão

A criação de um grupo de discussão de academias é a novidade no movimento associativo. A ausência da Federação Académica do Porto (FAP) é encarada com alguma polémica

MÁRIO GUERREIRO
GUILHERME OLIVEIRA

Entre confusões e recados entre academias, e o desafio de reestruturação do ensino superior em marcha, o movimento associativo encontra tempo para mais uma novidade: a criação de um grupo de discussão. Formado por algumas academias, com a ausência notada da FAP, Victor Hugo Salgado, presidente da Direcção–Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) nega que este grupo vá ombrear com o poder decisório do ENDA.

"A AAC respeitará e marcará sempre as suas posições em ENDA". É assim que Victor Hugo Salgado comenta a formação de um grupo de discussão entre academias, paralelo ao órgão maior do movimento associativo. Assegurando que a criação deste grupo não pretende minar o funcionamento ou importância do ENDA, Victor Hugo Salgado justifica a sua criação com a "necessidade de se dar início a um processo de reconstrução" do movimento. Para o presidente da DG/AAC, urge "dar uma nova dinâmica ao movimento associativo", que define como "cíclico". Assim, e ainda de acordo com Victor Hugo Salgado, a AAC "resolveu iniciar esse processo [de reconstrução] através do diálogo e da discussão informal", e reafirma: "A AAC não vai contra o ENDA". Contudo, prossegue, "a AAC não se deve limitar ao ENDA".

Victor Hugo Salgado define o chamado grupo de discussão como "um grupo informal que tem como objectivo inicial" reconstruir o movimento associativo e "inverter o que se tem passado".

"Abrir a discussão"

Para Victor Hugo Salgado, é este o presente objectivo do grupo de discussão de academias, que "está a começar a abrir-se", e que pretende "continuar assim até obter todas as associações em reunião nacional".

A constituição do grupo de discussão permanece ainda algo misteriosa. À pergunta sobre quais as associações que fazem parte do grupo, Victor Hugo prefere ressalvar a vontade da AAC, que "está presente e debate".

Após a publicação do estudo da autoria de Veiga Simão relativo ao ensino superior, um ponto de partida para a maioria das propostas da tutela, muito se tem discutido sobre as contra–propostas e medidas do movimento associativo. Sobre esta questão em particular, Victor Hugo defende que "neste momento", não existe no grupo de discussão entre academias "qualquer tipo de posição em relação a medidas de contestação". O presidente da DG/AAC afirma que "a metodologia de trabalho assenta na troca de informação e na discussão". O dirigente associativo, ainda assim, afirma que a AAC poderá ir "sozinha para a rua", nunca prescindindo de quem a queira acompanhar. Sobre a ausência da FAP no grupo informal de discussão das várias academias, Victor Hugo atribui esse facto à própria federação, que se "auto–excluiu de todo este processo". Na opinião do dirigente de Coimbra, "a FAP, pela voz do seu presidente" declarou em sede de ENDA "não estar disposta a discutir a nível nacional", preferindo fazê–lo internamente. A DG/AAC, nas palavras do seu responsável máximo, lamenta o facto da FAP "criticar sistematicamente" e de forma pública a acção da AAC, bem como de outras associações. De acordo com Salgado, a DG/AAC só reconhece capacidade crítica aos estudantes que representa, mas acredita num peso igual entre as várias associações.

Nuno Mendes crítico

Para Nuno Mendes, o processo iniciado pela DG/AAC, que terá convidado "algumas associações académicas de âmbito regional, não federativas, com excepção da Associação Académica de Lisboa (AAL)", é uma plataforma bastante reduzida.

No entendimento do presidente da FAP, este grupo "visa traçar uma estratégia própria à margem do ENDA, deixando uma maioria de associações e estudantes de parte" para desta forma mediatizar "pessoas que talvez por motivos pessoais ou políticos precisam de uma maior relevância mediática".

Mendes aponta o dedo a Victor Hugo Salgado: "É a principal pessoa que busca esse mediatismo. Não vejo outro motivo que faça com que a AAC seja o principal motor de fractura do movimento associativo, dando–se ao luxo de afastar outras academias, como a FAP".

O dirigente portuense afirma que apenas a FAP tem tanto ou mais mediatismo do que a AAC. Logo, "não há nada melhor do que afastar a FAP de uma suposta plataforma nacional para obter um mediatismo que Victor Hugo Salgado não teve até agora". O responsável máximo da FAP mostra–se ressentido com a actual DG/AAC e realça o facto de ter estado na cerimónia de tomada de posse dos orgãos gerentes da AAC, "numa demonstração de boa–fé e vontade de esquecer desentendimentos".

Nuno Mendes acusa a DG/AAC de "frustar qualquer hipótese de unidade nacional", necessária para o sucesso da luta, pois incentiva "esta treta das plataformas, que não junta toda a gente à volta de uma mesa como a FAP pretende".

A manifestação organizada pela DG/AAC em Dezembro é também alvo de críticas por parte de Nuno Mendes: "A AAC conseguiu 300 estudantes, o que é um descalabro. "Eu tinha vergonha", declara. Sobre a manifestação levada a cabo em Novembro, que não contou com a participação da DG/AAC o presidente da FAP realça que na altura defendeu que aquele não seria o "timing" correcto para manifestações de rua. Uma divergência estratégica que, aliada ao facto da presidência da FAP ter sido ocupada por um presente deputado do PSD e, depois, por um actual acessor do Governo, lhe valeram uma conotação de social–democrata.

As referidas manifestações, devido à sua fraca adesão, são, na opinião do dirigente associativo, "fortes reveses para o movimento associativo" pois acredita que a contestação "em Março, por causa das propinas e de outras matérias" poderá estar comprometida.

Relativamente ao trabalho delineado pela FAP, Nuno Mendes afiança que "a FAP já estabeleceu também uma aliança com várias associações em termos de horizontalidade e não em estruturas piramidais" numa campanha nacional que chega quase aos 200 mil estudantes. O responsável pela federação nortenha assegura que a "FAP não precisa de ninguém para ir para a rua" e que até será possivel o encontro das associações académicas visadas neste processo numa manifestação em Lisboa, embore lamente que "esse encontro se dê por acaso, pois é o dia mais favorável para nos encontrarmos em Lisboa". O dirigente estudantil acredita que o discurso da FAP é dos mais reivindicativos. E acrescenta: "É uma posição pessoal contra mim, porque eventualmente faço sombra demasiado forte a Victor Hugo Salgado, no mediatismo de que ele pelos vistos precisa". Mas a FAP continua "de portas abertas a todas as associações académicas que queiram fazer esta união nacional, incluindo a AAC", termina.

ENDA gera discórdia

O último ENDA, realizado na cidade do Porto foi um dos momentos mais ilustradores do actual estado de divisão existente no movimento associativo. A eleição do representante dos estudantes do Ensino Universitário Público no Conselho Consultivo do Ensino Superior (CCES) foi o auge de um ENDA conturbado.

Sobre o ocorrido durante o ENDA da cidade invicta, Victor Hugo Salgado declara que a "AAC interviu sempre quando tinha que intervir", mas reconhece que "existiram factos a lamentar".

Nuno Mendes realça que durante os três dias que durou o ENDA, a DG/AAC não interviu uma única vez.

O presidente da FAP, candidato ao referido cargo, afirma ter desistido da sua candidatura, porque "não estava para discutir métodos de votação, em vez de assuntos prementes para o ensino superior. Mendes aponta o dedo a Salgado e a Miguel Teixeira, presidente da AAL "que juntaram trapinhos e conseguiram destabilizar o processo de votação". O presidente da FAP chega a qualificar um comunicado distribuido pela DG/AAC internamente que descreve o sucedido, como semelhante ao PRAVDA, jornal do regime da ex–URSS.

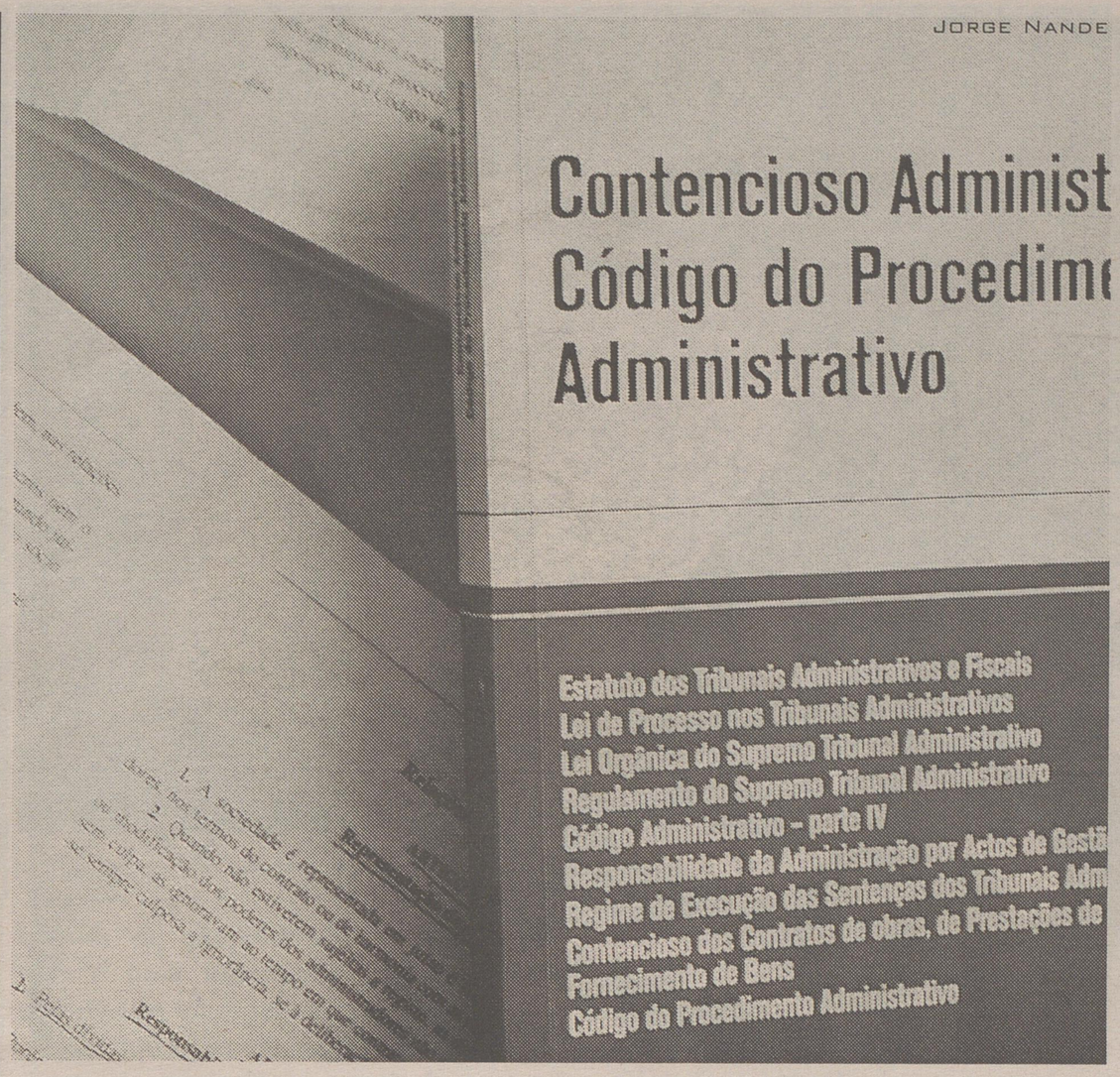
Em relação à retirada da candidatura de Mendes da eleição ao CCES, Salgado diz que "só quem esteve presente pode avaliar o que aconteceu".

Académicas querem levar o Estado de novo a tribunal

Processo pode avançar em breve

Há cerca de dois anos a Associação Académica de Coimbra (AAC) e a Associação Académica da Universidade do Algarve (AAUAlg) puseram o Estado português em tribunal. O processo encontra–se parado, mas poderá arrancar a curto prazo

Tiago Carvalho
Cláudia Ferreira
Francisco Simões



Jorge Nande

Estado português poderá voltar ao banco dos réus

A acção apresentada pelas associações académicas incidia sobre o desrespeito por parte do Estado pela Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior (Lei 113/97). Neste momento, encontra–se a aguardar documentação em falta, mas Victor Hugo Salgado, presidente da AAC e André Dias, presidente da AAUAlg, encaram o avançar do caso como uma prioridade e este deverá voltar à barra novamente, agora num Tribunal Administrativo.

A acção foi inicialmente apresentada a 24 de Janeiro de 2001. Após uma primeira defesa do Estado, que se cingiu a questões processuais, foi interposta réplica por parte das associações. O juiz do processo acabou por emitir um despacho a determinar a incompetência do tribunal para avaliar o processo. A partir daí, este foi reavaliado e aguarda que lhe seja anexada nova informação oficializada pelos serviços de acção social e pelas reitorias, quer da Universidade de Coimbra (UC) quer da Universidade do Algarve.

A génese do processo

Este meio legal foi accionado sob a forma de acção popular na 7ª vara cível de Lisboa quando Humberto Martins e Pedro Meireles eram, respectivamente, os presidentes da AAC e AAUAlg. O então presidente da AAUAlg refere que se tratou de uma atitude decorrente da convergência de perspectivas sobre o rumo da contestação estudantil, nomeadamente quanto à necessidade de não se enveredar pelo "fácil caminho da demagogia", bem como a intenção de dar uma solução a problemas concretos do ensino superior, "numa altura em que alguns dirigentes associativos pareciam mais preocupados com a contestação pela contestação". Este ponto de vista é corroborado por Humberto Martins, para quem, na base das razões desta acção, estava "o princípio de um Estado de direito". Para o ex–presidente da AAC "os estudantes que sempre haviam estado contra a lei eram os únicos a quem era exigido o cumprimento, demitindo–se o Estado de o fazer".

De acordo com Nuno Gonçalves, *um dos advogados da AAC responsável* pelo processo, a acção centrava–se em "dois vectores principais". O primeiro seria que o Estado não havia cumprido com as verbas das universidades e o outro baseava–se na omissão legislativa em relação à Lei 113/97. A resposta do MP referia que as associações não poderiam utilizar o expediente da acção popular (consagrado na Constituição da República Portuguesa) contra o Estado e alegava ainda que as custas judiciais do processo teriam de ser suportados pelas associações. Num processo em que era pedida uma indemnização de cerca de 45 milhões de contos (aproximadamente 225 milhões de euros), os custos processuais seriam avultados para a AAC. Esta contestação por parte do MP foi objecto de réplica pelos proponentes da acção, tendo o processo seguido para uma audiência preliminar. O tribunal emitiu um despacho, em Abril de 2002, onde alegava não existir omissão legislativa, faltando apenas a regulamentação da lei. O juiz declarou ainda o tribunal incompetente em relação ao julgamento do processo, reconhecendo–lhe um carácter maioritariamente administrativo.

"Uma pequena vitória"

Humberto Martins considera o parecer do tribunal cível uma pequena vitória, dado "determinar que há uma matéria de facto a ser julgada", e obriga a uma reorientação processual da acção, mas não ao seu fim. Victor Hugo Salgado aponta o factor burocrático e a instabilidade governativa (no Governo e na universidade) como os principais entraves ao avanço do processo neste momento.

Para acelerar este processo, Nuno Gonçalves pretende acrescentar um documento importante - uma *transcrição oficializada pelo reitor ou pelo Senado* - contendo as declarações proferidas por Seabra Santos durante a campanha para a reitoria. Segundo o advogado, estas declarações fornecem um dado inédito: uma declaração do reitor da UC em que este afirma que "o dinheiro das propinas nunca é utilizado para um acréscimo de qualidade, mas sim para as necessidades diárias da universidade".

À beira da maioridade

RUC, uma escola para a vida

A Rádio Universidade de Coimbra (RUC) comemora 17 anos de vida. A data é assinalada na antena dos 107.9 por uma emissão especial que se estende ao longo de todo o dia 28 de Fevereiro

Marilyne Alves
Nuno Felício

É a 1 de Março (dia da Universidade de Coimbra) que a RUC comemora mais um aniversário da sua fundação. Este ano, devido às contingências do calendário, as festividades serão antecipadas para sexta–feira, dia 28, e assinaladas em antena com uma emissão especial subordinada ao mote "A RUC mostra a UC".

Ângela Braga, directora de informação da RUC, fala na intenção de perspectivar uma abordagem aos 715 anos da Universidade de Coimbra e 17 da sua rádio, e de levar aos estudantes a vertente da universidade que eles menos conhecem.

O aniversário da RUC anuncia também a chegada de novos ventos. Para mais um ano de actividade, Hélder Wasterlain, director de programação, levantou–nos um pouco do véu em relação àquilo que podemos esperar. Com estreia prevista para Março está o projecto "Pumba", uma espécie de paródia que levará aos ouvintes um "experimentalismo radiofónico entre o que de pior se faz na música portuguesa, e o que de melhor se pode fazer em rádio." Outra das novidades previstas, ainda em fase de estudo, é um projecto que promete recuperar para a frequência da RUC o teatro radiofónico. Outra das novidades, a concretizar a breve trecho, é a ideia de projectar a divulgação da ementa semanal dos serviços sociais para toda a comunidade académica.

Relativamente ao contexto social em que a RUC se movimenta, Hélder Wasterlain refere que "o público–alvo são os estudantes", mas sublinha a importância do papel que cabe à RUC desempenhar na cidade. O director sustenta que esta é actualmente "a única rádio que verdadeiramente faz serviço público em Coimbra", e refere exemplos como as discussões em volta do projecto Polis ou o acompanhamento da equipa de futebol da Académica. "A programação da RUC tanto interessa aos estudantes, como ao resto da cidade."

Apesar das dificuldades que o panorama radiofónico português atravessa, Hélder Wasterlain assegura que a RUC seguirá com o mesmo espírito. "Comercialmente, não nos vendemos", afirma, "continuamos a passar a música que nos apetece e a fazer a divulgação da música que achamos que é boa." E acrescenta: "Somos dos poucos que continuam a fazer rádio mesmo."

O programa das festas

A RUC prepara para o dia 28 de Fevereiro uma emissão cheia de surpresas. A manhã começa com um especial da "Leitaria do Pirata", a contar com a presença de Seabra Santos. À hora do almoço, a emissão salta para um directo a partir de uma das cantinas universitárias, e da parte da tarde, num especial "Discos Perdidos", os notáveis de Coimbra e da universidade irão pedir os discos que há muito deixaram arrumados na gaveta. Segue–se um especial "Lado B", contando com as presenças do primeiro presidente do Centro Experimental de Rádio, Manuel António Ferreira, e do actual presidente da administração da RUC, Avelino Américo. Entre as 18 e as 20 horas, uma colaboração entre os "Santos da Casa" e o "RUC and Roll" resulta num concerto no corredor. A partir da noite, um especial de fados, inserido no programa "LP (A) e a Cover de Bruxelas". Seguem–se edições especiais do "Clepsidra" e do "Metro" e, pela madrugada fora, as sonoridades dançantes dos dj's da RUC.

Educação pesa na bolsa das famílias portuguesas

Gastos mensais ultrapassam salário mínimo


J. M. Lourenço

As despesas de um estudante médio dividem-se entre a universidade e o lazer

São muitos os estudantes que anualmente chegam a Coimbra. Contudo, nem sempre são feitas as contas aos gastos que esta decisão implica. A CABRA aceitou o *desafio e publica aqui uma estimativa do custo médio de vida* de um estudante conimbricense

Edgar Caetano
Margarida Matos
Joana Moreira
Paulo Nuno Vicente

É conhecido o esforço económico realizado pela maioria das famílias portuguesas para suportar os custos inerentes à frequência do ensino superior por parte de um, ou mais, dos seus elementos. As dificuldades são compreensíveis. Para além do pagamento obrigatório das propinas - 348,01 euros - os encargos familiares são engrossados pelas despesas com a habitação, a alimentação, o material escolar, os transportes, entre outros.

No início de mais um semestre, A CABRA fez um breve cálculo do custo de vida de um estudante. Os valores médios apurados apontam para um gasto mensal que ronda os 425 euros. Convém notar que esta verba é superior ao salário mínimo nacional (348,01 euros), o que justifica o apertar do cinto para grande parte das famílias.

Os gastos com a habitação constituem uma parcela importante no montante final. O valor médio pago pelos estudantes aproxima–se dos 174 euros, embora esta quantia oscile consoante a maior ou menor proximidade dos pólos da universidade. Para este número contribui também o facto de se tratar de um quarto individual ou duplo.

Há ainda quem prefira ficar alojado numa casa comunitária, como os solares ou repúblicas de estudantes. Aqui é privilegiada uma maior integração na vida académica e os preços são mais baixos do que os habitualmente exigidos.

Dado que a maior parte dos apartamentos não possui máquina de lavar roupa, torna–se necessário recorrer às lavandarias dos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra - 10 euros é o preço correspondente à lavagem de sete quilos de roupa, valor que duplicou este ano.

Entre os gastos mensais variáveis inclui-se o gás, a água e a electricidade. Nos dois últimos, as importâncias ascendem a 7,5 e a 20 euros, respectivamente.

No que diz respeito aos transportes públicos, o preço do passe de autocarro é de 16,80 euros. Por outro lado, uma senha de 11 viagens nos SMTUC que, em média, serve para uma semana de deslocações, custa 4,80 euros. A estes valores há que acrescentar as despesas relativas às viagens para a residência fora do tempo de aulas.

Da alimentação aos pequenos vícios

Os diferentes preços praticados pelas cantinas influenciam decisivamente o total dos gastos com a alimentação: enquanto que uma refeição em cantinas como as Amarelas ou as Químicas custa 1,75 euros, a refeição nas cantinas da Sereia ou no D. Dinis pode ascender aos quatro euros. Do mesmo modo, a quantia mensal gasta no supermercado ronda os 50 euros, se se considerar um estudante que almoce e jante diariamente nas cantinas.

Indispensável à vida do estudante é o material escolar, apontando a estimativa para um gasto médio de 30 euros por mês, se bem que este valor varie consoante o curso frequentado. A aproximação da época de exames é outro factor a ter em consideração, uma vez que neste período o gasto com fotocópias e livros tende a aumentar.

Os pequenos gastos diários representam um peso considerável nas despesas mensais. Nomeadamente, "vícios" tão comuns como o café, o tabaco ou a compra regular do jornal constituem uma fonte de despesa a acrescentar aos encargos já referidos. Também o telemóvel acarreta custos acrescidos para o bolso do universitário. Os valores médios apontam para um gasto que ronda os 26 euros mensais.

Actividades extra, como uma ida ao teatro, ao cinema e a concertos, significam uma despesa de 20 euros, na generalidade das pessoas. Entre três a sete euros é quanto se desembolsa, em média, numa saída nocturna em Coimbra. Estes números flutuam em função de múltiplos factores, entre os quais se destaca a discoteca ou o bar que se frequente.

Universidade com rosto

Os estudantes com mais dificuldades financeiras podem contar com o apoio dos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra (SASUC). Porém, continuam a ser muitos os casos de fraude e de erros na atribuição de bolsas de estudo

Os SASUC têm como finalidade apoiar financeiramente os estudantes mais carenciados. Os montantes anualmente reservados para a atribuição de bolsas de estudo passaram de cerca de 200.000 euros, em 1993/1994, para 500.000 euros em 2000/2001, enquanto que o número de candidaturas aceites praticamente duplicou no mesmo período de tempo.

Actualmente, os SASUC prestam assistência a cerca de 4000 alunos num universo de aproximadamente 22.000 estudantes. De facto, as bolsas de estudo constituem um suporte fundamental para a subsistência do aluno. Durante o período de licenciatura, determinadas bolsas correspondem ao valor determinado pela lei como o correspondente à propina, pela atribuição de quantias mensais que variam entre 34 euros e um valor equivalente ao salário mínimo nacional.

Para além das ajudas financeiras directas, o apoio prestado pelos serviços sociais extende–se a outras áreas (infantários para filhos de estudantes, serviços de reprografia e livraria exclusivos para a comunidade estudantil e lavandarias, devidamente comparticipadas pelo Estado), algumas das quais desconhecidas por grande parte dos estudantes.

No entanto, são numerosos os casos de investigações respeitantes a irregularidades na atribuição de bolsas de estudo. Como fraudes que são, culminam por vezes em processos–crime direccionados àqueles que ilegitimamente recebem valores que não correspondem às suas reais condições económicas.

A resolução deste problema parece estar fora das capacidades dos SASUC, dado que a decisão do montante adequado a cada candidato tem por base a documentação fiscal entregue. A única medida de prevenção reside na verificação da coerência dos dados apresentados ao longo do percurso académico de determinado estudante. Mas a maioria destas situações passa impune.

No entanto, em certos casos, são destacadas equipas de assistentes sociais que, aleatoriamente ou baseadas em denúncias, iniciam processos de investigação localizada na junta de freguesia onde está registado o aluno. Os processos podem vir a ser reencaminhados para a Polícia Judiciária, quando tal se justifique. Ainda assim, a complexidade da investigação leva a que muitas situações não sejam devidamente clarificadas e que as verbas não sejam repostas.



Coimbra com metro em 2007 se projecto for lançado até Abril

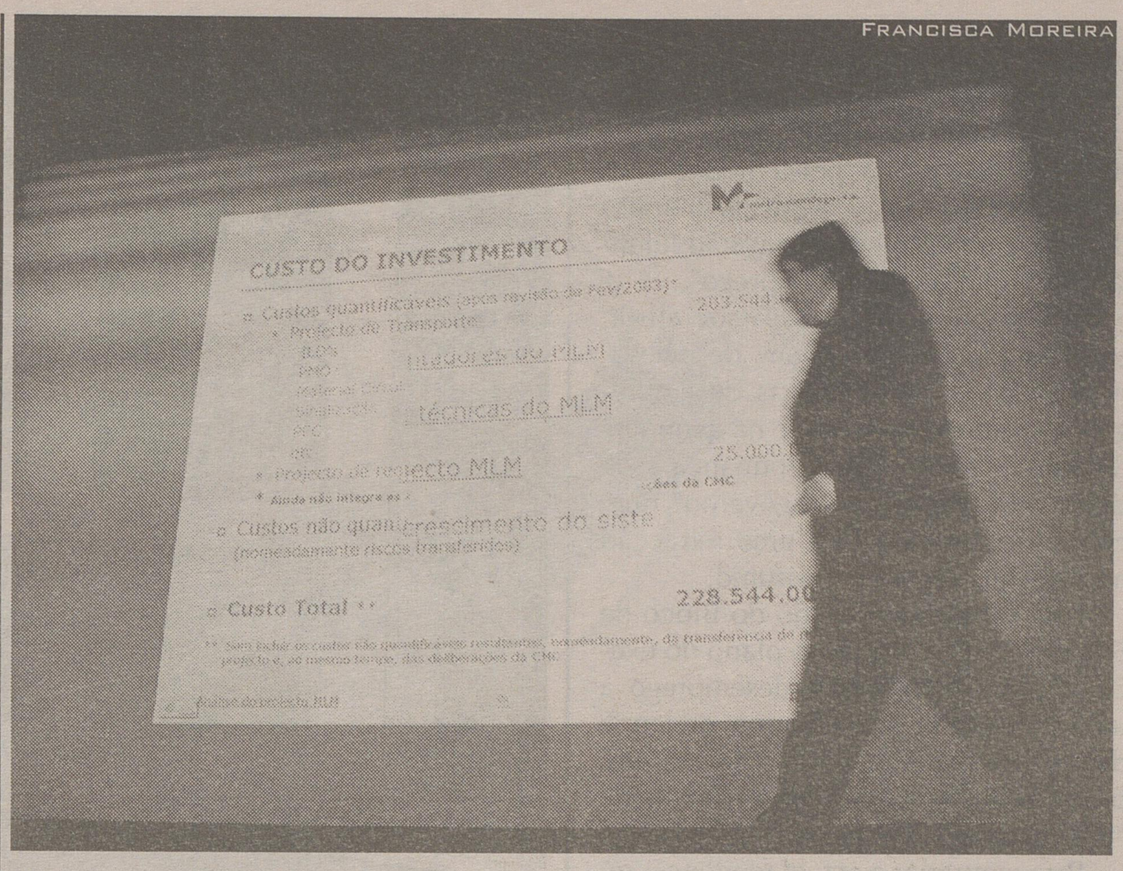
Metro dá os primeiros passos

O prazo para o lançamento do concurso público internacional do Metropolitano Ligeiro do Mondego (MLM) encurta. Abril é o mês crucial para a execução do projecto

Sara Cardoso
Diana Ramos

Uma parceria entre o sector público e o privado foi o modelo escolhido para o concurso do Metro Mondego, o que se traduz num importante passo para a concretização de um projecto há já tanto tempo aguardado pela cidade de Coimbra. É, no entanto, necessário que o concurso seja lançado até ao próximo mês de Abril para que possa usufruir dos fundos comunitários.

Para tentar esclarecer muitas das dúvidas que têm surgido em torno do projecto do MLM, o Conselho da Cidade promoveu na passada quarta–feira um debate com alguns dos intervenientes no projecto. Nesta sessão, Armando Pereira, presidente do Conselho de Administração da Metro Mondego SA, alertou para a urgência do lançamento do concurso público internacional que, caso não seja efectuado no prazo de um mês, pode vir a perder o financiamento do III Quadro Comunitário de Apoio, facto que pode mesmo comprometer a execução do projecto. Um concurso que, a ser lançado em Abril, teria a sua conclusão agendada para 2007. Também presente esteve Carlos Encarnação, presidente da Câmara Municipal de Coimbra que salientou que o MLM não é uma "mezinha para todos os problemas de mobilidade de Coimbra", mas é uma importante oportunidade que não se irá repetir tão cedo.



Francisca Moreira
Metropolitano Ligeiro do Mondego vai custar mais de 200 milhões de euros

No que se refere ao modelo de concurso já aprovado, o papel do sector privado vai ao encontro da concepção e construção da obra, assim como do fornecimento de equipamentos e de material circulante. Também parte do financiamento, bem como a exploração, a manutenção e conservação do sistema do MLM ficam à responsabilidade do consórcio escolhido. Esta ligação entre o privado e o público implica uma transferência de riscos para o domínio do parceiro privado, e possibilita ainda prazos globais mais curtos de concurso e construção. Em termos da prestação de serviços, com a parceria entre os dois sectores, aumentam as garantias da existência de concorrentes e evitam–se concursos que fiquem "desertos". Ainda assim, apesar destas mais valias, este tipo de modelo acarreta algumas desvantagens, nomeadamamente ao nível do caderno de encargos que se apresenta pouco definido. Do mesmo modo, há também uma maior complexidade inerente ao processo negocial, devido à importância da transferência de risco.

Metro custa mais de 200 milhões

No que respeita ao financiamento, a maior fatia cabe ao Estado (53 por cento do valor total da obra). As Câmaras Municipais de Coimbra, Lousã e Miranda do Corvo, os concelhos ligados pelo metro ligeiro de superfície, vão participar em 14 por cento cada, cabendo à CP e Refer os restantes cinco por cento do valor total da obra. O valor previsto para o custo total do projecto é de aproximadamente 228 milhões de euros (cerca de 45 milhões de contos), um valor que sofreu uma variação de 800 mil euros desde 2002. Este valor não inclui o investimento na requalificação urbana, orçado inicialmente em um milhão de euros (200 mil contos) e que numa segunda fase passou a 10 milhões de euros.

Durante a sessão pública da passada quarta–feira, realizada no auditório do Instituto Português da Juventude, foram várias as criticas feitas pela audiência ao modo como está a ser conduzido o projecto. Assim, o receio do não cumprimento dos prazos e a sombra da ponte Europa dominaram as intervenções. Também alvo de críticas foi o traçado definido para a passagem do metro, sobretudo na Avenida Sá da Bandeira, com o público a defender a construção de um túnel para não prejudicar uma zona já muito complicada em matéria de trânsito. No entanto, Armando Pereira advogou que esta solução não era viável devido ao tipo de solos, correndo–se o risco de pôr em causa as construções circundantes.

Segurança Social abre seis balcões

Loja do Cidadão em Coimbra

A partir do início deste Verão, a Segurança Social vai abrir seis postos de atendimento ao público na Avenida Fernão Magalhães

João Pedro Marques

A Segurança Social vai abrir seis postos de atendimento da futura Loja do Cidadão de Coimbra, cuja inauguração está prevista para meados deste ano. Os novos postos vão facultar toda a informação relativa à Segurança Social, abrangendo três áreas principais: os beneficiários, os contribuintes e os pedidos de prestação de acção social.

Apesar da transferência de parte dos postos de atendimento ao público estar ainda numa fase de estudo, é já certo que qualquer inscrição, impresso ou informação relativa à Segurança Social poderá passar a ser requerida nas futuras instalações da Loja do Cidadão de Coimbra, que irão situar–se na Avenida Fernão Magalhães, abertas das 08h00 às 20h00. Ainda assim, grande parte dos postos de atendimento irá continuar a funcionar nos locais habituais.

Com esta decisão de integrar a Loja do Cidadão, o bairro Norton de Matos fica sem a Loja da Solidariedade que estava inicialmente prevista para o local. Isto porque, como adianta Oliveira Alves, director do Centro Distrital de Solidariedade e Segurança Social de Coimbra, o projecto das lojas da solidariedade, que implicava uma filosofia de funcionamento completamente diferente, está agora em lume brando e o mais provável é não passar do papel. Assim, devido a esta decisão, os serviços de atendimento ao público da Segurança Social que estavam originalmente planeados para a zona do Bairro do Loreto também não vão ter seguimento.

Avaliação dos hospitais SA divulgada

Oncologia de Coimbra no topo

O ranking de eficiência dos 34 hospitais–empresa apresenta o Conselho de Administração do Centro Regional de Oncologia de Coimbra (CROC, SA) como a unidade com melhores resultados no panorama nacional

Vítor Aires

O ranking de avaliação dos hospitais transformados em sociedades anónimas (SA) de capitais exclusivamente públicos, liderado pelo CROC, SA, foi apresentado durante a semana passada, numa reunião entre o ministro da Saúde e responsáveis das unidades hospitalares. O presidente do Conselho de Administração do Centro Regional de Oncologia de Coimbra, Manuel António Silva, manifestou uma grande satisfação "pelo dever cumprido" e atribui à colaboração de todo o pessoal hospitalar os resultados da unidade.

Os hospitais–empresa, que representam metade do atendimento em saúde no país, foram avaliados tendo em conta a produção e ganhos em saúde e outros indicadores, como o número de consultas realizadas ou o tempo de internamento.

No entanto, estes resultados referem–se à actividade em 2000, o que, segundo Manuel Silva, torna "difícil de avaliar" a eficiência de desempenho dos hospitais SA, uma vez que este regime apenas foi implementado em Dezembro. Contudo, já é possível afirmar que "a capacidade em termos de resposta foi mantida". Os hospitais estão a entrar num "período novo, com novas regras de gestão", em que o objectivo principal continuará a ser o bom tratamento dos doentes, uma vez que as unidades "não servem para ganhar dinheiro", afirma o responsável do CROC.

dia 7 . Março . 2003
Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra
Simpósio
Coimbra
Plantas Atropínicas | Prof. Dr. Jorge Paiva • O que está para além da Ressaca | Prof. Dra. Emília Duarte • Produtos Cancerígenos | Prof. Dra. Graça Vale
Reacções Adversas aos Fármacos | Prof. Dra. Tice Macedo • Importância dos Sapais na Descontaminação dos Estuários | Prof. Dra. Maria Isabel Caçador
Mais Eco na Ecotoxicologia | Prof. Dr. Rui Ribeiro • Fungos – Efeitos Nocivos e Tratamentos | Dr. Francisco Xavier
Para mais informações: e-mail: nebaac@hotmail.com | tel: 917 622 436 | fax: 239 820 780
Toxicidades: Noções do Nocivo
Organização:
NÚCLEO DE ESTUDANTES DE BIOLOGIA DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA

Governo avança com medidas

Desemprego "galopante"

O desemprego disparou em Portugal no mês de Janeiro, subindo 19,3 por cento em relação ao período homólogo do ano passado. Após o governo já ter apresentado um plano de combate à crise, A CABRA foi auscultar as reacções dos parceiros sociais

Pedro Ramos
Pedro Santos

Segundo dados do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP), a taxa de desemprego atingiu no mês passado 7,4 por cento, ultrapassando a barreira das 400 mil pessoas, cifra que não se verificava desde Abril de 1998.

A resposta do Governo a esta situação de crise foi quase imediata tornando público um pacote social de combate ao desemprego. Os sindicatos logo se insurgiram, alegando a falta de seriedade das propostas e considerando–os "uma resposta à pressa aos dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística" e ao posicionamento crítico assumido pelo Presidente da República nesta matéria. No seguimento, Bagão Félix, ministro da Segurança Social e do Trabalho, referiu que o plano já vinha sendo preparado há muito tempo, estando mesmo consagrado no próprio Orçamento de Estado para 2003. (Ver caixa).

Depois de tornado público, o documento tem sido alvo de críticas por parte dos vários parceiros sociais, tendo sido apelidado de "toque de cosmética" ou ainda, de forma mais satírica, de "aspirina para curar uma doença grave", nas palavras de Jerónimo de Sousa, deputado do PCP.

Segundo António Moreira, coordenador da União de Sindicatos de Coimbra (USC), organização sindical afecta à CGTP, o conjunto de medidas apresentadas pelo governo "fica muito aquém da realidade vivida pelos trabalhadores" apontando o aumento do número de "encerramentos, falências fraudulentas e o aumento do desemprego".

Rui Cunha, deputado socialista, considera que "houve um desinvestimento das políticas activas de emprego", indo ainda mais longe na denúncia do actual "clima de desconfiança e de descrédito lançado pelo governo" que, consequentemente gera uma retracção no investimento e no consumo.

Luís Fazenda deputado do Bloco de Esquerda (BE), compara o plano do executivo para combater o desemprego a uma "almofada social", que pretende diminuir a "contestação social ao emprego explosivo", pecando pela falta de "uma estratégia integrada".

Para contrariar a actual tendência regressiva de desemprego que adjectiva de "galopante", o dirigente bloquista avança com algumas propostas de "reforço do investimento público" nomeadamente no campo da formação profissional e no "lançamento de tecnologias avançadas".

Entretanto, e no seguimento do reforço do pacote laboral, o ministro da Economia Carlos Tavares revelou recentemente uma nova medida, o Programa de Recuperação de Áreas e Sectores Deprimidos. Este visa promover o financiamento da criação de novas empresas por parte de desempregados, bem como a subsidiação até 50 por cento dos salários dos trabalhadores de empresas com dificuldades.

A discussão promete manter–se activa na agenda do trabalho e da segurança social do país.

FRANCISDA MOREIRA



Janeiro foi testemunha de uma subida atípica do desemprego

Propostas do Governo

O Plano do Governo de incentivo ao emprego e à formação profissional assenta em quatro pilares fundamentais.

O primeiro diz respeito à atribuição imediata do subsídio de desemprego assim que o trabalhador fique desempregado. Sendo o valor deste 50 por cento da última remuneração auferida, não pode ser nem inferior, nem superior ao dobro, da remuneração mínima garantida à generalidade dos trabalhadores. O segundo ponto regulamenta a reforma antecipada: os trabalhadores desempregados com 55 anos vão poder reformar–se, assim que atinjam os 58 anos de idade, desde que tenham completado 30 meses de concessão de subsídio de desemprego e feito 30 anos de descontos para a Segurança Social.

O terceiro pilar prescreve que para poder ser atribuído o subsídio de desemprego basta que os trabalhadores tenham descontado apenas 270 dias no último ano, contrariamente aos actuais 18 meses.

Por último, as famílias com filhos e em situação de desemprego passarão a receber o dobro do abono de família, desde que se encontrem no primeiro escalão.

Derrapagem orçamental em Portugal é provável

Economia em baixa

A Comissão Europeia (CE) alertou para o risco de uma derrapagem orçamental em Portugal. O Governo já admitiu uma revisão do défice público e a adopção de novas medidas

Mário Guerreiro
Suzana Marto

Numa altura em que especialistas económicos acenam com a revista em baixa do crescimento económico mundial, Portugal não escapa às condicionantes financeiras. Apesar de no ano transacto o défice orçamental ter sido reduzido para 2,5 por cento do PIB, Bruxelas chamou a atenção para uma derrapagem orçamental num futuro próximo. A CE exprimiu uma opinião discordante das perspectivas governamentais do défice para 2003. De acordo com a CE, e em virtude da actual conjuntura económica, uma projecção de crescimento do PIB para 2003 na ordem dos 1,25 por cento será mais real.

A opinião foi expressa a semana passada, após a aprovação do Programa de Estabilidade e Crescimento português (PEC) para o período de 2003 a 2006. O PEC aprovado e actualizado aponta para uma evolução do défice público de 2,8 por cento do PIB, no ano transacto, para 0,6 por cento em 2006. O outro grande objectivo do programa é a diminuição da dívida pública de 58,8 por cento para 52,7 do PIB no período homólogo. A 7 de Março é esperado que os ministros europeus das Finanças aprovem a recomendação da CE relativa ao PEC actualizado.

Pedro Solbes, comissário europeu dos Assuntos Económicos, alertou mesmo a ministra das Finanças, Manuela Ferreira Leite, para as medidas tomadas com o propósito de respeitar as directrizes europeias relativas ao défice. Solbes recomendou que se passasse de "medidas temporárias", como o perdão fiscal, a "decisões permanentes". O comissário europeu referiu também que 2003 irá ser um ano fulcral para a economia europeia.

A CE não põe de parte a existência de mais medidas de "contenção orçamental" de carácter mais restritivo do que as adoptadas pelo executivo de Durão Barroso, de modo a cumprir o défice de 2,4 por cento para o corrente ano. Para a CE, os benefícios que virão das reformas estruturais podem revelar–se "insuficientes" para compensar as medidas aplicadas em 2002 que não têm possibilidade de se repetir.

Extremamente influente sobre a economia europeia é um eventual conflito no Iraque. Na possiblidade de se verificar, a CE já fez saber que qualquer país da zona euro que participe no conflito pode vir a ser autorizado a ultrapassar o défice proclamado no PEC. A CE encontra–se de momento a analisar várias medidas possíveis sobre este assunto, no caso da guerra despoletar. A cláusula do PEC que salvaguarda "circunstâncias excepcionais" pode vir a ser aplicada. Este ponto do PEC estipula que o défice de três por cento pode ser ultrapassado sem sanções, se tal se revelar necessário devido a algum acontecimento imponderado.

Crescimento zero

Ainda durante a semana passada, Manuela Ferreira Leite admitiu que a economia portuguesa pode vir a registar um crescimento zero em 2003. Em declarações à comunicação social, a ministra das Finanças tomou o exemplo da Alemanha. Para Ferreira Leite, "se a Alemanha tem um crescimento zero, ninguém pode estar à espera que Portugal consiga crescer muito acima disso". Para justificar a sua posição, a ministra relembrou também a dependência da economia nacional em relação às outras economias europeias, "nomeadamente a da Alemanha", e reforçou a ideia de que um possível conflito no Iraque terá uma grande influência nas várias economias.

Mas nem tudo foram más notícias. Manuela Ferreira Leite informou também que o défice do ano anterior se terá quedado mesmo pelos 2,5 por cento, embora ainda faltem apurar os números relativos a cerca de 50 autarquias. Este valor foi atingido mercê de algumas receitas extraordinárias, como a venda em hasta pública de patrimóno do Estado ou o perdão fiscal. Para em 2003 se respeitar o défice máximo de 2,4 consagrado no PEC a hipótese de novas receitas extraordinárias parece tomar forma. Os dados relativos ao IVA do mês transacto, em que se regista um decréscimo de 3,5 por cento nas entradas, reforçam essa possibilidade.

Situação de divergência inédita no seio da NATO

Iraque gera crise na NATO



O Iraque é o responsável pela maior crise da Aliança Atlântica desde a sua criação

O impasse criado pelo veto da França, Alemanha e Bélgica no Conselho da NATO, relativamente a um reforço militar da Turquia, apenas foi ultrapassado após decisão do Comité de Planeamento Defensivo

Tiago Azevedo
Gustavo Sampaio

"Há acordo", confirmou o secretário–geral da NATO, George Robertson, no passado dia 16 de Fevereiro após treze horas de intensas negociações. A crise, iniciada com a decisão de veto de três estados–membros (França, Alemanha e Bélgica) perante o pedido de protecção militar da Turquia na eventualidade de um ataque do Iraque, só foi solucionada através de um acordo concretizado no âmbito do Comité de Planeamento Defensivo (CPD), onde a França não tem representação desde o ano de 1996. Apesar do desbloqueio da situação, com a assinatura de um documento comum entre os dezoito membros da organização, as divergências entre os países parecem permanecer. Paris, Berlim e Bruxelas assinalam que continuam a apoiar uma solução pacífica para o conflito no Iraque, independentemente do reforço militar da Turquia fazer prever a inevitabilidade da guerra.

No dia anterior à resolução do diferendo, os representantes diplomáticos da Bélgica propuseram a aprovação do documento mediante determinadas alterações no seu conteúdo. O voto favorável dos belgas estava dependente da não implicação de uma participação da NATO na eventual intervenção militar contra o Iraque, ressalvando uma solução pacífica. Bruxelas insistiu também em incluir no texto que a decisão não deveria influenciar as futuras discussões nas Nações Unidas sobre a crise iraquiana, condição considerada inaceitável pelos EUA, Grã–Bretanha e Espanha. Por fim, ficou expressa no documento a seguinte referência: "Vamos continuar a apoiar os esforços nas Nações Unidas para encontrar uma solução pacífica para a crise", gerando consenso entre todos os membros. Ficou assim desbloqueado o impasse no interior da Aliança, tendo George Robertson convocado o CPD que acabaria por aprovar o documento final. No entanto, através de acordos bilaterais com outros membros, o certo é que a Turquia já tinha a garantia de reforço militar para a defesa do seu território, independentemente da sua aprovação na NATO.

Paralelamente a esta tomada de posição conjunta, os três países que haviam vetado inicialmente a decisão no Conselho da NATO emitiram uma declaração comum referindo que o acordo conseguido não iria prejudicar os esforços em curso no sentido da paz, ressalvando as directrizes da resolução 1441 do Conselho de Segurança da ONU. França, Alemanha e Bélgica defendem o uso da força como último recurso, na medida em que não estarão esgotadas todas as vias diplomáticas.

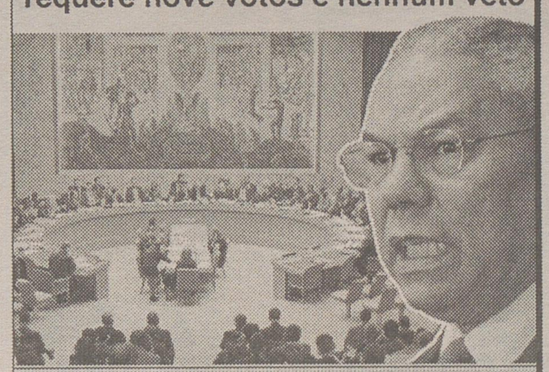
Posições contrárias

"Há uma tentativa de compromisso que pode, por agora, travar uma discussão mais funda e uma clivagem definitiva". Quem o afirma é José Manuel Pureza, docente da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, para quem a organização evidencia "óbvios sinais de crise". A clivagem de posições no interior da NATO, relativamente ao conflito iraquiano, demonstra a discordância que se tem generalizado na comunidade internacional. Aos principais defensores do recurso militar, EUA e Grã–Bretanha, opõem–se os que ressalvam a via pacífica, como a França ou a Alemanha. A cisão estende–se a outras organizações internacionais como a União Europeia, onde a falta de coesão interna pode ser exemplificada com a "Carta dos oito", manifestação pública de apoio à política norte–americana de "guerra preventiva" efectuada por governantes de países como a Grã–Bretanha, Itália, Espanha ou Portugal.

Na opinião de José Manuel Pureza, o acordo da NATO representa "um prolongamento da estratégia de guerra preventiva defendida pela administração norte–americana. Doutra forma, seria admissível uma acção colectiva da NATO, mas apenas perante um ataque perpetrado contra um dos estados–membros", acrescenta. Pureza considera que "se está a pedir protecção reforçada para um Estado que de facto não está a ser atacado e nem se percebe porque é que pode vir a ser atacado". Reforçar os meios de segurança da Turquia "é pressupor ou aceitar antecipadamente que vai haver guerra contra o Iraque", conclui.

Conselho de Segurança

Houve uma resposta difusa à apresentação de Colin Powell ao Conselho de Segurança da ONU a defender uma intervenção militar no Iraque. Qualquer nova resolução a autorizar o uso da força para desarmar o regime de Saddam requere nove votos e nenhum veto



A favor da intervenção militar:

EUA	***Poder de veto***
Reino Unido	***Poder de veto***
Espanha	
Bulgária	

Cépticos ou opostos à acção militar:

França	***Poder de veto***
Rússia	***Poder de veto***
China	***Poder de veto***
Alemanha	
Síria	

Indecisos sobre a acção militar:
Angola, Camarões, Chile, Guiné, México, Paquistão

Foto: Associated Press © GRAPHIC NEWS

A Europa da discórdia

A questão iraquiana provocou uma cisão interna entre os Estados–membros da União Europeia (UE) que parece ter sido atenuada pelo compromisso conseguido durante a recente cimeira europeia extraordinária

Rita Delille
Marília Frias

A posição dos quinze sofreu um revés na sequência do documento assinado por oito países a 30 de Janeiro, cinco dos quais membros da UE (Reino–Unido, Espanha, Itália, Portugal e Dinamarca), e outros três que vão aderir em Maio de 2004 (Polónia, Hungria e República–Checa), onde declaram o seu apoio a uma intervenção militar do EUA no Iraque. Três dias depois de os ministros dos Negócios Estrangeiros terem emitido uma "posição comum" sobre a questão iraquiana, esta foi abalada pelo documento.

Num momento de preparação da maior reforma institucional da UE desde o Tratado de Roma e do alargamento a uma dezena de países, a tentativa de voltar a unir a Europa é uma prioridade. A cimeira europeia extraordinária, onde se visava atingir um consenso entre os quinze relativamente à questão do Iraque, aconteceu no passado dia 17. Este encontro de emergência convocado pela Grécia, detentora da actual presidência da UE, analisou a crise iraquiana à luz do relatório apresentado ao Conselho de Segurança (CS) da ONU, dia 14 de Fevereiro, pelos inspectores do desarmamento do Iraque. O relatório sublinha uma progressiva cooperação por parte do Iraque com os inspectores. Este facto aliado às manifestações populares do passado dia 15, que mostraram uma forte oposição à guerra, contribuiu para desanuviar as posições.

O receio de um agravamento da crise na UE levou os Estados–membros a procurarem uma posição comum, permitindo, no entanto, a convivência de posições divergentes. A base consensual assenta no reconhecimento de uma possível necessidade de recorrer a outros meios para além do pacífico, já que os inspectores não poderão permanecer no terreno indefinidamente. Os quinze países membros da UE concordaram na importância da presença militar americana no Iraque como decisiva para a aceitação dos inspectores na região.

Costas Simitis, que assegura a presidência do Conselho Europeu neste semestre, defendeu o sucesso desta iniciativa ao afirmar que "apesar da persistência de um grande número de diferenças, temos alguns pontos de referência comuns".

Apesar disto, Jacques Chirac fez saber que a França não limitará a sua actuação enquanto membro do CS das Nações Unidas e que se oporá, nas actuais circunstâncias, a uma segunda resolução apoiada pelo Reino Unido e EUA. Esta deverá conter um ultimato a Saddam, o que está longe de agradar consensualmente aos quinze.

A tradição já não é o que era nas noites da





Longe vão os tempos em que o cantar do fado acompanhado pelas guitarras e as serenatas debaixo das janelas pautavam a vida nocturna coimbrã. Embora ainda marque ocasional presença, a tradição de Coimbra dilui-se hoje numa profusão de bares e discotecas que animam uma noite que, como quase tudo na cidade, é dos estudantes

Texto: João Pereira
Fotos: Marilyne Alves

Conhecida pelas longas noitadas, Coimbra permanece fiel ao espírito que a eternizou na memória de muitos noctívagos. Os moldes são diferentes, a capa e batina são muitas vezes postas de lado e as serenatas são mais a excepção do que a regra. Mas o espírito boémio permanece intacto e continua a arrastar muitos estudantes noite fora, até às primeira luzes da madrugada e ao pequeno-almoço numa cantina ou no café mais próximo.

À disposição dos que procuram dançar, beber ou simplesmente relaxar após um dia de aulas cansativas está um leque de locais muito distintos, capazes de se adaptar a diferentes gostos e, também, a diferentes orçamentos. Contudo, muitos criticam a falta de di-

O bar da academia

Música alta, as mesas cheias, muita gente a dançar e bebida a circular em abundância. São assim as noites no bar da Associação Académica de Coimbra (AAC). Situado no edifício da Padre António Vieira, constitui paragem obrigatória para todos os que querem um sítio animado, onde a música electrónica e comercial marca os ritmos.

Este é um local procurado quase exclusivamente por estudantes, mas também há quem, apesar de não estudar na Universidade de Coimbra, goste de desfrutar do ambiente do bar da associação. É o caso de Marcelo. A pronúncia brasileira denuncia a origem deste pintor que considera o espaço "espectacular" e "muito barato", ideal para o "convívio entre estudantes".

Característico do bar da AAC é ainda o grande número de estudantes estrangeiros. Basta deambular alguns minutos pelo local para ouvir as conversas num misto de espanhol, italiano, romeno e português que caracterizam as longas noites de festa, onde quem chega sozinho sai muitas vezes acompanhado.

Francesca é italiana e estuda na faculdade de Letras. Veio para Coimbra através do programa Erasmus. Confessa não gostar muito da música que aqui costumam passar, mas, apesar disso, reconhece ser uma frequentadora assídua do bar. "É por causa da cerveja. É mais barata", admite entre gargalhadas. E tem razão. Uma cerveja pode custar apenas 60 cêntimos e mesmo as bebidas brancas dificilmente ultrapassam a fasquia dos quatro euros.

Um percurso pela vida nocturna coimbrã

cidade dos estudantes

versidade musical oferecida pelo roteiro nocturno da cidade de Coimbra. É o caso de Anne Marie Roque. A estudante do primeiro ano de Relações Internacionais afirma que gostaria que houvesse "mais bares com diferentes tipos de música". E acrescenta que a maior parte dos sítios passa música "bastante comercial". Também Rodrigo Abreu, estudante do segundo ano de Antropologia, defende a criação de "espaços com música mais alternativa". "Está tudo com música muito comercial", queixa–se.

Apesar das críticas, Rodrigo não deixa de salientar aspectos positivos. E um deles são os preços. Diz gastar, em média, cerca de 10 euros numa saída nocturna, uma quantia que, quando comparada com o que gastaria noutra cidade, "acaba por ser acessível". Já Anne Marie admite que por vezes as tentações da noite a fazem gastar "um pouco demais", mas reconhece que há sítios, como o Dom Dinis, que oferecem noites divertidas sem acarretar grandes custos.

De facto, com inúmeros locais interessados em cativar uma clientela jovem (e, normalmente, menos endinheirada), uma noite em Coimbra não obriga a que se puxe muito os cordões à bolsa. Trata–se de uma marca distintiva que não passa despercebida aos que vêm de fora. É o caso de Daniel Moreira, aluno de Gestão de Empresas no Instituto Politécnico de Leiria: "A diferença em relação a Leiria é que aqui [em Coimbra] os preços são inferiores e a quantidade de pessoas é maior". Contudo, Daniel e a namorada, Joana Couto, estudante de Direito na Universidade de Coimbra, não hesitam em dizer que saem à noite com pouca frequência. "Coimbra não traz nada de novo", justifica–se Joana com um encolher de ombros.

À volta da praça

Em torno da Praça da República e das ruas que a circundam encontram–se alguns dos cafés, bares e discotecas mais procurados pelos noctívagos da Lusa Atenas. Todos os sítios são muito próximos e, regra geral, os preços praticados nesta zona são reduzidos. Em locais como o Bar da Associação Académica de Coimbra ou o Bar do OAF uma cerveja custa menos de 70 cêntimos. Para Anne Marie este é um bom sítio para se tomar café e começar a noite. Daqui costuma seguir para o Dom Dinis, para a Via Latina ou para o Noites Longas, onde é possível dançar ao som dos últimos êxitos musicais. A noite acaba já tarde no Clube de Rugby, apenas a uns escassos metros do local onde algumas horas antes tudo tinha começado.

Já o Tropical, o Académico ou o Cartola são para muitos os sítios de eleição para o quase obrigatório café após o jantar. E, se a companhia o proporcionar, a conversa pode arrastar–se pela noite ao sabor de uma cerveja. Se se pretende mais animação, o Famous Mouse, o Tapas ou o Pink complementam o rol de alternativas.

A zona alta

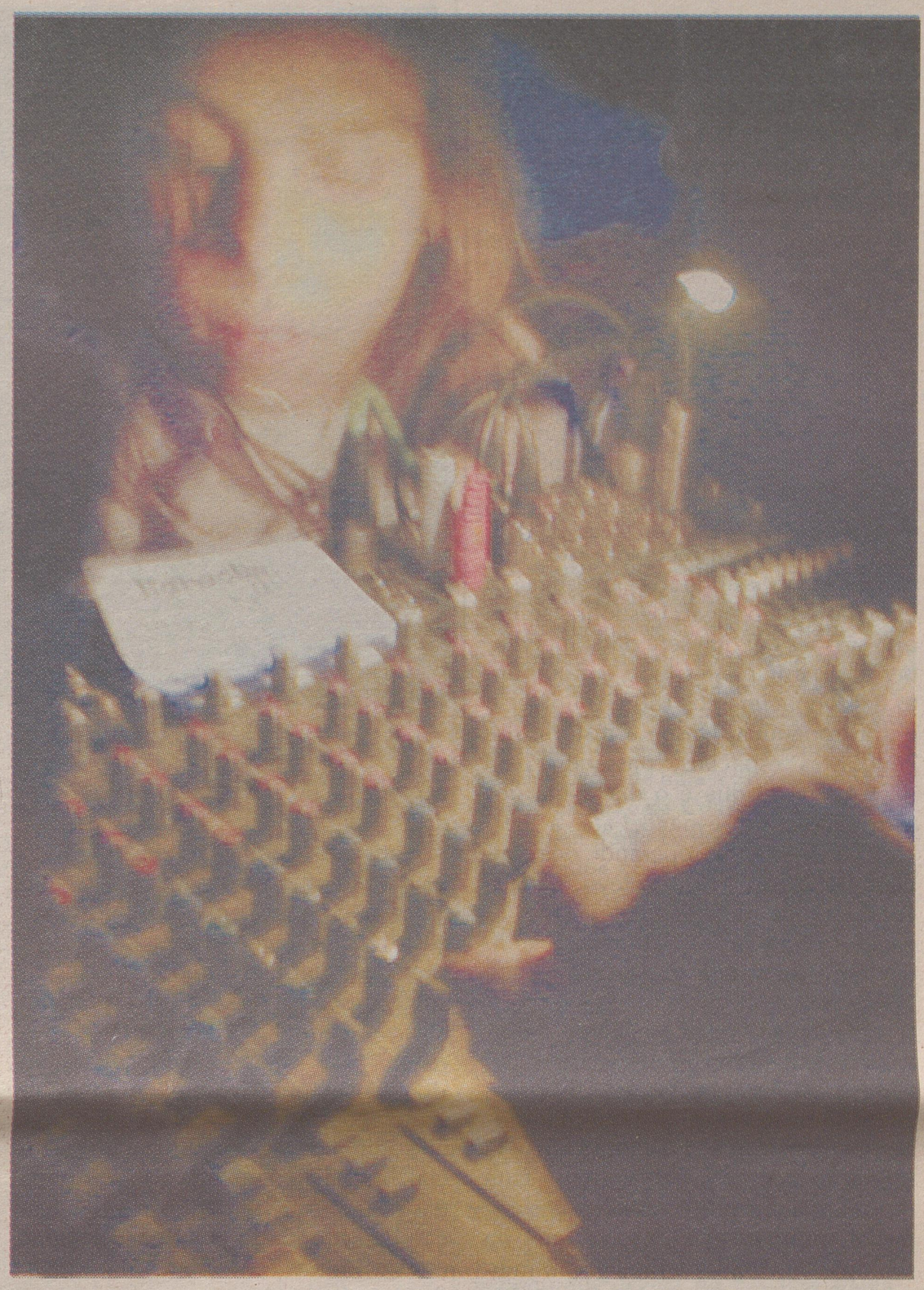
Regra geral mais calmos - mas também mais caros - são os espaços existentes na Alta da cidade. Nas proximidades da Sé Velha, escondem–se pequenos bares. Não é fácil dar com eles. O emaranhado de ruas escuras facilmente confunde quem não as conhece bem ou aqueles que de outros sítios trazem já alguns copos bebidos.

Locais como o Bigorna, o Quebra–Costas, o Piano Negro ou o Dixie caracterizam–se por possuírem uma atmosfera calma, mais recatada e intimista, onde o volume da música é normalmente reduzido a um mero pano de fundo das conversas em voz baixa. Nas mesas, casais ou pequenos grupos desfrutam de um ambiente sossegado.

Mas tudo isto tem custos. Nestes bares, o preço da cerveja (por norma, a mais barata das bebidas alcoólicas) ronda o euro, ao passo que as bebidas brancas podem chegar aos cinco euros.

À moda antiga

Numa das muitas ruelas estreitas da Baixa, encontramos o Diligência. Esta casa de fado, situada na Rua Nova, atrai tanto turistas como habitantes locais das mais variadas idades. Nas paredes de pedra e nas mesas, os candeeiros emitem uma luminosidade fraca e amarelada. Cantores contratados e clientes revezam–se para dar voz a um repertório vasto que não se fica pelos fados de Coimbra. Mas todo este ambiente exige maiores despesas. Aqui, uma cerveja custa 1.30 euros e um jarro de sangria (um dos ex–líbris da casa) atinge os 9.30 euros.





Universidade de Aveiro lança-se à descoberta do espaço

Curso pioneiro em Portugal

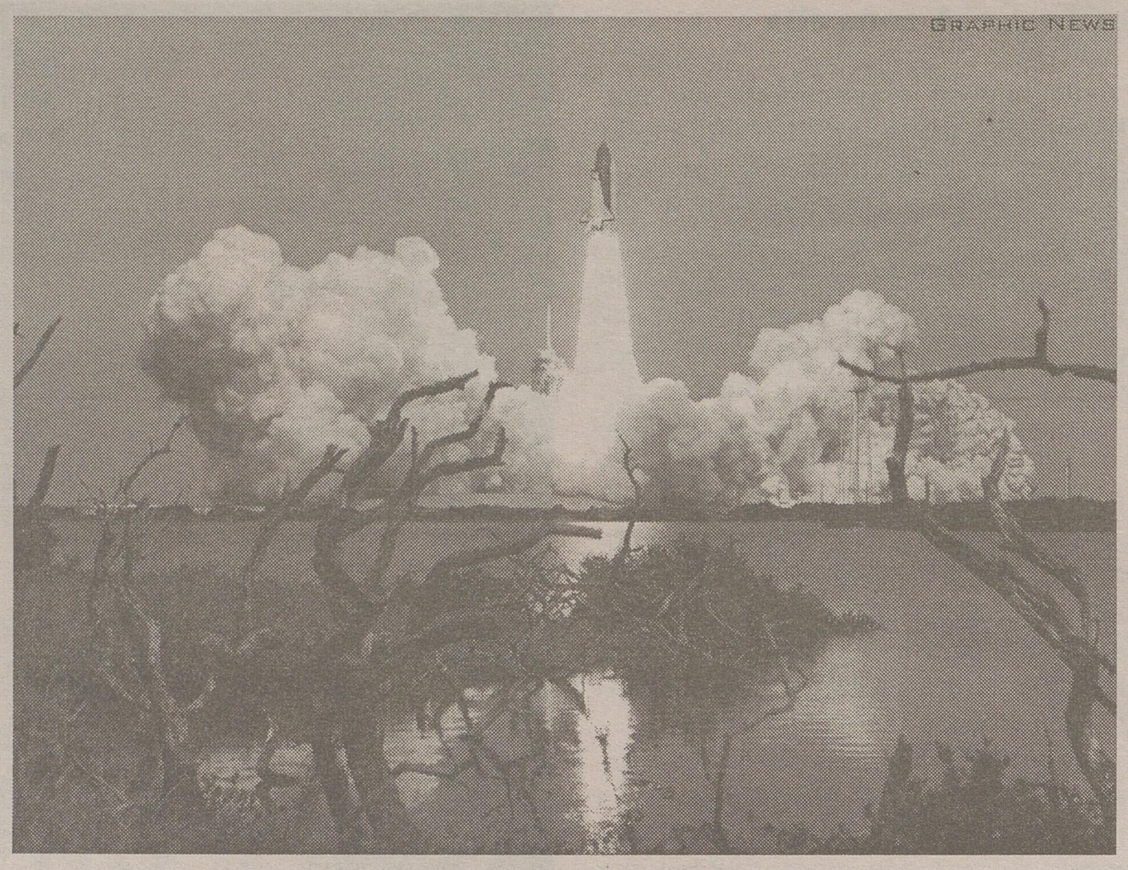
Órbitas, foguetões e outros que tais. De Março a Maio, a Associação de Física da Universidade de Aveiro (FISUA) abre uma janela para o espaço e explica, em oito sessões, o que é o Universo.

MARCO CARVALHO

Dar a conhecer o cosmos e transformar os entusiastas da astronomia em amantes do espaço. Eis os objectivos do Curso de Exploração Espacial que a Associação de Física da Universidade de Aveiro leva a efeito naquela universidade a partir de 17 de Março do próximo mês.

A iniciativa, precursora no que concerne ao estudo da investigação espacial em Portugal, desdobra-se em oito sessões em que será dado a perceber aos participantes todo um conjunto de conhecimentos sobre o universo e a astronáutica. Desde a história das conquistas espaciais, passando pela descoberta do que é o dia-a-dia dos astronautas no espaço, até à percepção do modus operandi dos vaivéns espaciais (com relevo para a compreensão dos acidentes com as naves Columbia e Challenger), todo um universo estará em discussão até 12 de Maio.

Preenchendo uma lacuna no âmbito da investigação científica que se faz sobre o assunto em Portugal, o curso *de Exploração Espacial surge, para Jo*sé Augusto Matos - responsável pela formação - como uma resposta à falta de informação sobre investigação espacial propriamente dita, já que, na sua opinião, "há uma divulgação muito centrada na astronomia e a parte da exploração do espaço tem sido ignorada".


GRAPHIC NEWS

Universidade de Aveiro propõe curso para partir em busca do espaço

Satisfeito com o interesse que o curso tem vindo a suscitar - são quarenta já as pessoas inscritas - José Augusto Matos reconhece à comunicação social um papel importante na divulgação dos acontecimentos que têm lugar no campo da descoberta do universo. "Hoje em dia, as pessoas estão a par dos acontecimentos ao nível da *exploração espacial, pela visibilidade* que têm tido na comunicação espacial, mas não tem havido, por parte das pessoas que se dedicam à divulgação da astronomia, informações sobre estes assuntos", confidenciou o formador à Agência Lusa.

Nem só de sessões de formação se fazem, no entanto, as actividades do FISUA. Tendo-se associado ao Dia do Sol e da Terra - um evento promovido ao nível mundial com a chancela da NASA - a Associação de Física da Universidade de Aveiro vai organizar a 18 de Março (data em que se comemora a efeméride em questão) uma sessão de observação solar no campus da Universidade de Aveiro.

O Dia do Sol e da Terra é, recorde-se, uma iniciativa do Fórum Educacional da NASA que se realiza desde há três anos a esta data com o intuito de dar a conhecer a todos um pouco mais sobre a relação que existe entre a Terra e o Sol.

Café pode causar aborto

Estudo recente liga café em demasia ao aumento da probabilidade de uma gravidez terminar num nado-morto

EMANUEL GRAÇA

As mulheres grávidas que consomem mais de oito chávenas de café por dia triplicam a probabilidade de verem a sua gravidez resultar no nascimento de uma criança morta, alerta uma investigação científica publicada na edição de Sábado do British Medical Journal. Por outro lado, este estudo conclui também que as mulheres em período de gestação que ingiram entre quatro a sete chávenas de café diárias aumentam em cerca de oitenta por cento o risco de darem à luz um nado-morto.

Por outro lado, não foi encontrada nenhuma ligação entre a taxa de mortalidade infantil durante o primeiro ano de vida da criança e o consumo de café durante o período de gestação. Entre outras descobertas apresentadas por esta análise está também o facto de que mulheres consumidoras de café, álcool e tabaco aumentarem o risco de nascimento de um bebé morto para o dobro. Por fim, os resultados obtidos revelam ainda que 4,4 por cento em cada mil gravidezes têm como resultado o nascimento de uma criança morta.

No entanto, os resultados dos estudos acerca dos efeitos da cafeína são díspares, com algumas investigações a considerarem que esta tem efeitos negativos sobre o feto e outros a não encontrarem qualquer tipo de relação. Ainda assim, todos os estudos consideram que o consumo moderado de café - uma a duas cháfenas - é geralmente seguro.

Divulgado ranking tecnológico

Portugal em 31º lugar

O Fórum Económico Mundial divulgou um estudo sobre o desenvolvimento tecnológico dos países mais releventes a nivel económico. Portugal perdeu quatro lugares em relação ao anterior relatório

LURDES LAGARTO

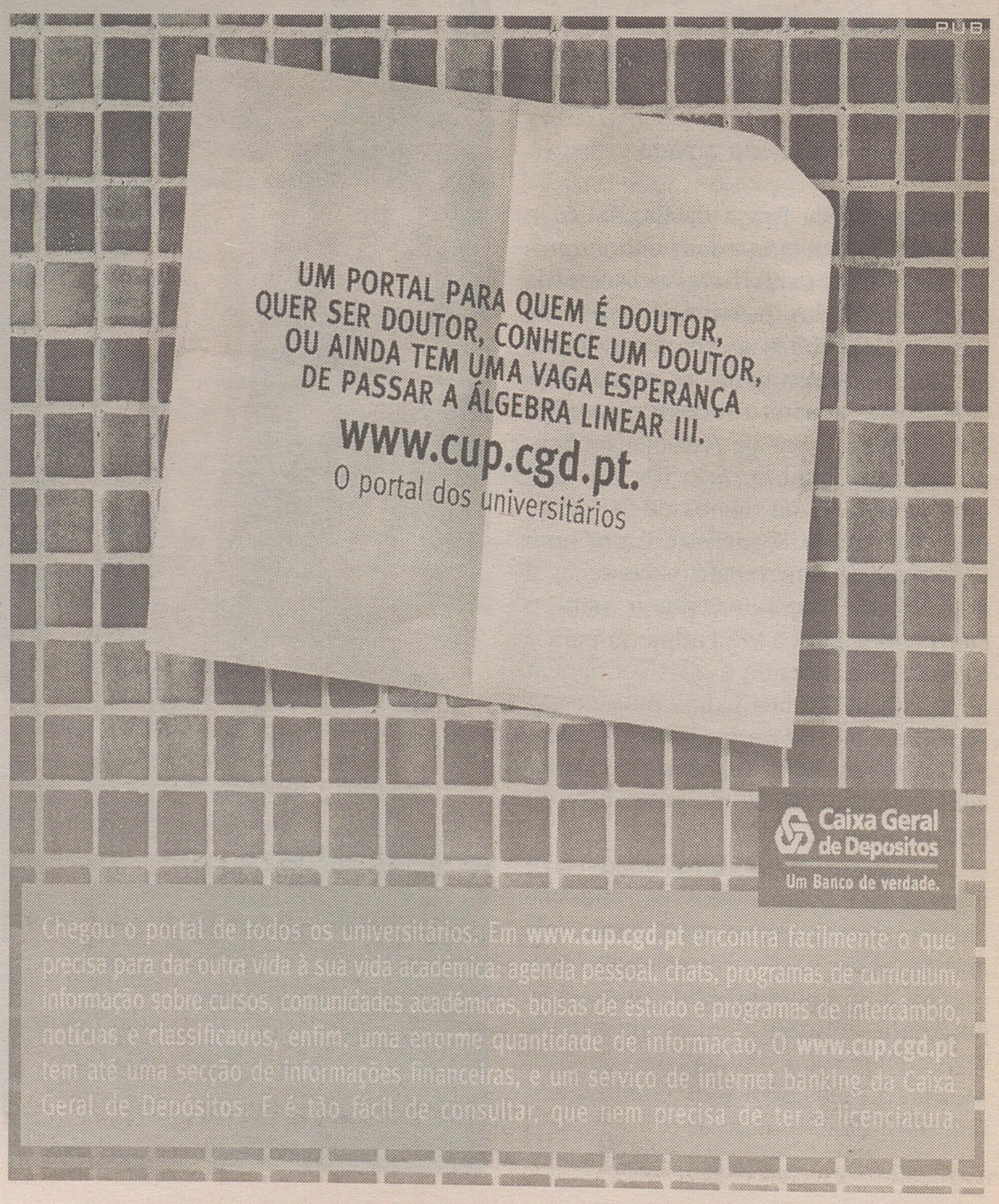
Foi publicado, na quarta-feira, o Relatório de Informação Tecnológica Global 2002-2003, que apresenta um ranking dos 82 países com maior importância económica mundial, tendo por base a avaliação de dez itens de desenvolvimento tecnológico a nível económico e social. Portugal desceu da 27ª posição para a 31ª, ficando com 4,28 valores.

A Finlândia é o primeiro classificado deste ranking com 5,92 valores, seguida pelos Estados Unidos com 5,79 (que o ano passado estava em primeiro lugar) e Singapura com 5,74. Os últimos classificados são as Honduras, com 2,37 valores, e o Haiti com 2,07. Com melhor classificação que a portuguesa ficaram a Estónia (24º), a República Checa (28º) e a Hungria (30º), que se preparam para entrar na União Europeia. Da Europa dos Quinze, o pior classificado é a Grécia, na 42ª posição.

Numa época em que cada vez mais as pessoas têm necessidade de estar informadas e de comunicar, o relatório salienta a importâcia de compreender o contributo das tecnologias de informação e comunicação para o desevolvimento económico e para a produtividade, uma vez que estas se apresentam como um considerável instrumento de desenvolvimento.

O relatório foi publicado pela primeira vez o ano passado e permite conhecer as razões do desenvolvimento de um país ou região. O estudo parte da análise do perfil dos países avaliados para demonstrar a importância da actuação dos governos para o desenvolvimento social e económico através da aplicação das tecnologias de informação e comunicação.

Através da análise de factores económicos e sociais, como a percentagem de adultos analfabetos, o acesso à internet ou o custo das chamadas telefónicas, o relatório possibilita aos países menos desenvolvidos compreender o sucesso dos primeiros classificados do ranking permitindo-lhes adaptar as suas políticas de modo a expandirem-se tecnologicamente.



Resultado justo em jogo muito disputado

Briosa volta às vitórias

A Académica continua a ganhar em casa e a perder fora. No Estádio Sérgio Conceição, a Briosa ganhou por duas bolas a zero ao Marítimo, uma equipa que ainda não venceu no papel de visitante

Guilherme Oliveira



Dário foi o autor do golo da tranquilidade da Académica frente ao Marítimo

Num jogo que valeu pelos golos, a Académica levou de vencida um Marítimo muitos furos abaixo daquele que venceu o F. C. Porto na jornada passada. Com a ausência de Rocha por lesão, Vitor Vieira assumiu bem o papel de trinco da equipa de preto, como já tinha sucedido na derrota da semana passada frente ao Vitória de Guimarães.

O Marítimo entrou melhor no jogo, pressionando bem a Académica quando não tinha a posse de bola, apesar de Fredy e Manuel José tentarem subir pelos flancos para causarem desiquilíbrios na defesa contrária. Só aos 19 minutos a equipa da casa causou algum perigo quando Carlos Martins, que esteve em plano de destaque durante a primeira parte ao combinar e fazer jogar os seus companheiros, desferiu um remate de longe que saíu muito por cima da baliza defendida por Marcos. Aos 29 minutos a equipa madeirense quase chegava ao golo, com um cabeçeamento de Eusébio a fazer passar a bola a poucos centímetros do poste esquerdo da baliza de Hilário, após cobrança de uma falta a meio campo por Bruno. No minuto 32 da primeira parte, Eusébio centra rasteiro para a grande área academista, onde encontra Gaúcho que se enrola com a bola, falhando escandalosamente uma oportunidade flagrante. O golo acabou por surgir passados apenas dois minutos, mas na baliza contrária. Após um canto batido na esquerda por Carlos Martins, Dyduch cabeceia para defesa de Marcos, sobrando a bola para Fredy que ajeita para o pontapé canhão de André Makanga. O número oito da Académica, de fora da área, faz um golo que levanta todo o estádio.

As equipas voltam para a etapa complementar numa toada ainda mais morna. Nelo Vingada, treinador dos insulares, numa tentativa de dinamizar o ataque, faz entrar Jacques aos 62 minutos. A frente de ataque do Marítimo ficou assim alargada a três homens, mas Jacques, Gaúcho e Danny estavam em dia de pouca inspiração. Numa rápida jogada, iniciada depois de um passe longo do defesa-central Tonel, o avançado Dário, com um toque subtil, faz um chapéu perfeito ao guardião verde-rubro. Três minutos após o golo, Dário sai do campo lesionado, entrando para o seu lugar Pedro Oliveira - uma estreia na Superliga. Aos 74 minutos, Gaúcho remata por cima do travessão depois de ganhar uma bola perdida. Ao cair do pano, Jorginho, que tinha entrado para o lugar de Marinescu poucos minutos antes, remata de cabeça para as mãos de Marcos.

No final do desafio, Artur Jorge queixou-se do estado do campo. O treinador dos estudantes admitiu ainda que não estava contente com a exibição da sua equipa e que esta tem uma segunda volta complicada, pois muitas equipas encontram-se em apuros para se manterem na Superliga.

Râguebi - Balanço de 2002/2003

Expectativas frustradas

A Secção de Râguebi da Associação Académica de Coimbra não conseguiu atingir o seu objectivo principal - o título nacional. O facto de ter ficado na quinta posição, a escassos dois pontos do quarto lugar, fez com que falhasse o apuramento para o "final four". Agora que a fase final do campeonato está parada devido aos compromissos da selecção nacional no Torneio das Seis Nações B, é altura de fazer o balanço da época

Paulo Alexandre Teixeira

Este ano, a prestação do râguebi da Académica ficou aquém das expectativas. Dificuldades no planeamento da época, com a chegada tardia de atletas - três neozelandeses - , e um mau arranque, com cinco derrotas consecutivas - Belenenses (6-13); Agronomia (11-15); CDUP (13-30); Benfica (3-17) e de novo com o Belenenses (17-33), foi o suficiente para que a prestação da equipa ficasse comprometida. Apesar de tudo, após a chegada dos estrangeiros, a equipa embalalou para duas vitórias consecutivas no final da época regular, contra o Benfica (41-11) e contra o Técnico (31-13). Contudo, já era tarde demais para que se conseguisse o apuramento para o "final four".

Outra das razões para este falhanço foi a participação da selecção do Centro/Norte na Taça da Europa das Nações, constituída na sua grande maioria por jogadores da Académica, que alcançou as meias-finais da competição. Além da interrupção do campeonato por duas semanas, este facto dispersou também energias e acabou por debilitar a equipa.

Agora, com a participação da selecção nacional no Torneio das Seis Nações "B" (que conta com a inclusão do pilar da Académica Rui Cordeiro) e que alcançou este fim-de-semana uma vitória histórica sobre a Roménia por 16-15, a competição vai estar parada até meados de Abril. Assim, a actividade clubística está reduzida à participação na Taça Manuel Castro Pereira, onde a Académica participa no Grupo A, com CDUP, CRAV (Clube de Râguebi de Arcos de Valdevez) e Rugby Clube de Lousã. Uma situação que vai ser modificada no ano que vem, com o alargamento do campeonato de seis para oito equipas e a intenção de acabar a época antes de Fevereiro, altura dos compromissos da selecção, para evitar situações como as que ocorreram esta época.

Entretanto, apesar desta época ainda não ter acabado, começa-se já a planificar a próxima. Existem possibilidades da secção contratar um técnico estrangeiro, que teria como funções não só as de treinador, mas também as de coordenador, que abrangeria as camadas jovens. Contudo, nada está decidido. Em termos de jogadores, ainda não há novidades. De resto, duvida-se que existam novas contratações durante o defeso, devido ao facto desta modalidade ser eminentemente amadora e existirem faltas de verbas de apoio a este desporto.

BOLA AO AR
João Cortesão

Feira das vaidades

Com seis pontos de vantagem sobre o último classificado, uma das equipas de futebol da AAC está mais próxima do grande objectivo da época, a manutenção. Quanto à outra, poucos sabem quais são os seus problemas e dificuldades. Provavelmente, nem sequer têm em dia os salários que não recebem, devido a problemas financeiros tão graves que não se resolvem com a venda de bilheteiras de jogos.

Esta situação hipotética faz-nos recuar ao tempo em que eram celebrados protocolos entre a "casa-mãe" e o mais conhecido dos organismos autónomos, numa tentativa de regulamentar as relações problemáticas que se faziam sentir na altura.

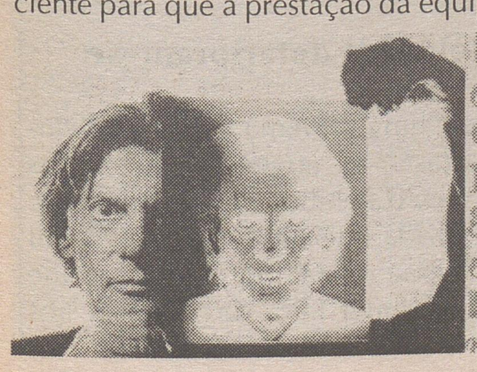
Curiosamente, cerca de quinze anos depois da celebração do polémico protocolo do Bingo, as coisas mudaram, mas para pior. As dívidas continuam teimosamente a aumentar de mês para mês, enquanto se distribuem panfletos e dão entrevistas aos órgãos de comunicação locais. Apesar de toda a propaganda que invade as ruas de Coimbra, as pessoas continuam a não conhecer a situação da outra equipa de futebol da AAC, aquela que com certeza teria muito menos problemas se as promessas antigas fossem cumpridas.

"Onde fica a discussão, quando uma das listas se recusa a entrar em debate?"

Esquecendo estes problemas por um período que deverá ser bastante alargado, os candidatos que vão a votos daqui a dois dias aplicam-se para agradar ao seu público-alvo, ou seja, sócios com quotas em dia (factor que parece não ser muito importante, se tivermos em conta o processo de formação das listas). As figuras mais ou menos públicas de uma e de outra lista esforçam-se por serem vistas, numa tentativa ridícula para angariar colaboradores. Usando meios mais subtis, existem outros apoiantes que fazem campanha à sua maneira - negligentemente - devido ao facto de já conhecerem o resultado das eleições há muito tempo.

Apesar das semelhanças óbvias com qualquer outro processo eleitoral, com direito às intrigas e acusações da praxe, esta campanha trouxe algo de novo, pelo menos se tivermos em conta os últimos anos. Desta vez, o consenso foi esquecido e apareceram duas listas a sufrágio. Falou-se em problematizar o futuro do OAF.

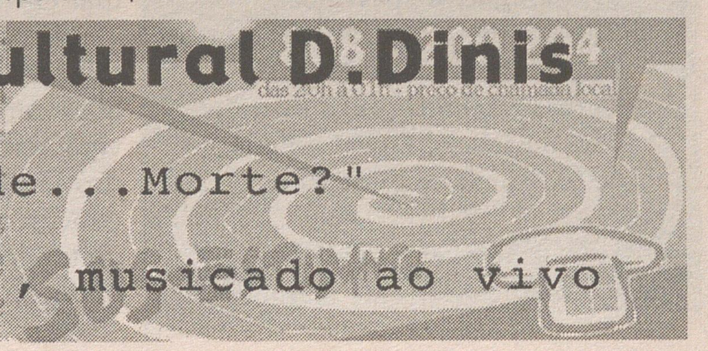
De novo, também surgiu uma pergunta: "Onde fica a discussão, quando uma das listas se recusa a entrar em debate?"



25 de Fevereiro, Centro Cultural D.Dinis

18h: Debate "E porque não falar de...Morte?"

21h: Projecção do filme "A Terra", musicado ao vivo



(Des)acordos entre DG/AAC e OAF geram



FRANCISCA MOREIRA

Lucros do Bingo representam a maior fatia da dívida do OAF à DG/AAC

Depois da saída do Organismo Autónomo de Futebol (OAF) do seio da Associação Académica de Coimbra (AAC), existiu um progressivo afastamento entre as *duas instituições, que culminou* recentemente na não–indigitação de um elemento da Direcção–Geral da AAC para os corpos gerentes do OAF. Esta decisão foi tomada durante o primeiro mandato de Victor Hugo Salgado e deveu–se ao acumular de uma dívida que actualmente ascende a mais de 70 mil euros

João Cortesão
Ana Oliveira
Rui Pestana

Foi durante os últimos anos da direcção presidida por Campos Coroa que o dossier "dívida OAF" foi ganhando volume e protagonismo. Com a tentativa de criação de um espaço para a prática de bowling no Pavilhão Jorge Anjinho, o organismo autónomo vem somar a uma conta já por si avultada uma quantia mensal de cerca de 700 euros. Esta referia–se ao aluguer de vários pavilhões, indispensáveis *para o normal funcionamento das secções* desportivas que ocupavam o pavilhão secundário do OAF. Com a subida da Briosa à Superliga surge mais um factor a ditar o afastamento entre o clube de futebol e a "casa–mãe", que se viu privada de 4500 euros, que diziam respeito a uma cláusula contratual.

Segundo Victor Hugo Salgado, para compreender todo este problema é necessário ter em conta a evolução da relação entre a AAC e o Organismo Autónomo de Futebol. Uma convivência nem sempre pacífica, marcada pela assinatura de vários protocolos celebrados entre a Direcção–Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) e o organismo autónomo.

Após o 25 de Abril de 1974, foi extinta a Secção de Futebol da Associação Académica de Coimbra, pois na altura considerava–se que o futebol estava corrompido pelo profissionalismo, tendo perdido completamente a sua identidade.

Mais tarde é dado o primeiro passo para que esta situação seja alterada, com um protocolo que é celebrado dez anos depois, em Julho de 1984, pelo antigo presidente da DG/AAC, Ricardo Roque, e pelo presidente do Clube Académico de Futebol, Jorge Anjinho. Com este acordo nasce o actual OAF.

No ano de 1998 são reguladas as relações entre a AAC e o organismo autónomo em novo protocolo que vem acrescentar três pontos aos acordos já existentes. O primeiro previa a criação do "sócio único da AAC", que pretendia fundir as massas associativas numa única figura jurídica, em que todos os associados usufruíam dos mesmos direitos. Apesar de esta "ter sido uma das grandes discussões da época hoje em dia ainda não está a funcionar normalmente", como refere Victor Hugo Salgado. A utilização de espaços publicitáveis nos terrenos de treino e jogo da AAC e do seu organismo autónomo também estava prevista neste protocolo. No entanto, acabou por ser apenas mais um projecto do qual não se tirou a máxima rentabilidade. O ponto mais polémico deste acordo acaba por ser a concessão da exploração do jogo do Bingo ao OAF, do qual deveria reverter uma percentagem para a "casa–mãe".

Os pontos da discórdia

Devido à necessidade do Bingo ter alguma complementação da parte da AAC, no sentido de viabilizar a sua existência através do desporto amador, houve a necessidade de criar esta nova ponte. A partir desta altura a "casa–mãe", na figura do Conselho Desportivo, vem permitir o aparecimento de uma nova fonte de receitas para o OAF. Como contrapartida, a AAC iria receber várias benesses, de onde se destacam a utilização de espaços publicitários em estruturas desportivas (como é o caso do estádio ou do Pavilhão Jorge Anjinho) e a atribuição de 15 por cento dos lucros líquidos do Bingo, que seriam atribuídos ao Conselho Desportivo para fomentar o desenvolvimento das secções desportivas.

A partir de 2000, o então presidente do OAF, Campos Coroa, tenta arrancar com um projecto de bowling, que iria nascer no espaço secundário do Pavilhão Jorge Anjinho. Devido a esta alteração, as secções desportivas que utilizavam este recinto ao abrigo de um protocolo anterior, viram–se impossibilitadas de continuar a sua prática desportiva neste local. Numa tentativa de solucionar este problema, a direcção do OAF comprometeu–se a pagar o aluguer dos espaços necessários ao normal funcionamento das secções desportivas que tinham sido prejudicadas.

Em 2001, surge um terceiro protocolo que acrescenta um factor a esta questão: a Sociedade Figueira Praia - para além de patrocinar oficialmente o OAF, esta empresa compromete–se também a apoiar a AAC, ao nível das suas secções amadoras (através de uma distribuição de verbas efectuada pelo Conselho Desportivo) e também de algumas secções culturais. No âmbito deste acordo seriam atribuídos 70 por cento das verbas ao OAF e 30 por cento à AAC.

Mais tarde acaba por surgir outro problema, procedente de uma cláusula do acordo celebrado com a Sociedade Figueira Praia. Este acordo prevê que, em caso de subida da Académica/OAF à Superliga, existisse um reforço do valor do contrato em 20 por cento, quer no que diz respeito à verba do OAF, quer no que diz respeito ao montante atribuído à AAC. No entanto, e apesar da subida ter sido atingida, a "casa–mãe" não teve hipótese de receber os 20 por cento sobre os 30 por cento que já estavam acordados. Esta verba adicional acaba por ser canalizada para o OAF, devido às contingências económicas que se verificavam na altura.

Relações deterioram–se

Este é um problema que, tendo vindo a arrastar–se através de sucessivas direcções, desemboca neste momento numa dívida que ultrapassa os 73 mil euros (cerca de 14 mil contos), e que resulta de uma falta de resposta aos

Os valores

As quantias referentes à dívida do OAF à AAC já ascendem a mais de 70 mil euros, entre protocolos por cumprir e compromissos por saldar

Verbas referentes ao Bingo
50.677,37 Euros (cerca de 10 mil contos)

Verbas referentes ao aluguer de pavilhões
17.950,42 Euros (cerca de 3500 contos)

Verbas referentes ao patrocínio da Sociedade Figueira Praia
4.500,00 Euros (cerca de 900 contos)

Total em dívida
73.127,78 Euros (cerca de 14 mil contos)

Situação arrasta-se desde 1998

dívida de 70 mil euros

protocolos celebrados.

Em todo este processo, Victor Hugo Salgado destaca o contacto que a AAC teve com o OAF: "Em 1º lugar, antes de avançar com qualquer posição não fundamentada, marquei uma reunião com o presidente do OAF, na altura Campos Coroa. Nesta reunião tive hipótese de dizer ao presidente que esta situação não podia continuar como estava porque o Conselho Desportivo estava a passar por algumas dificuldades".

Na perspectiva da "casa-mãe", enquanto não existisse o pagamento, não iria ser indigitado nenhum elemento da DG/AAC para o OAF. O actual presidente da DG/AAC confirma "o pagamento de uma pequena parcela de dez mil euros" e acrescenta "a DG/AAC indigitou automaticamente um elemento para o OAF [Fevereiro de 2002]". No entanto, esta foi meramente uma indigitação formal pois este elemento não assistiu a nenhuma reunião devido ao facto de, a partir daí, não ter existido qualquer esforço para solucionar definitivamente esta situação.

Para o homem forte da AAC, esta é uma questão que não pode ser esquecida, mesmo tendo em conta o momento de instabilidade reinante no OAF. Nestes últimos meses existiram duas reuniões, uma com cada um dos candidatos e, neste caso, também com a Comissão de Gestão que está à frente do OAF. "Tanto uma como outra candidatura apresentam um projecto válido e uma vontade enorme de resolver os problemas da AAC e estão predispostas a tentar resolver este problema", salienta o dirigente associativo.

Esperando uma rápida resolução deste problema, Victor Hugo Salgado reconhece que tal poderá não ser possível pois "só quando a Comissão de Gestão reuniu com aDG/AAC é que tomou conhecimento da situação, uma vez que não possuia qualquer tipo de documentação". Destaca ainda que "numa primeira fase lamentámos a actuação da Comissão de Gestão pelo facto de não terem contactado a 'casa-mãe' mas, mais tarde, acabou por demonstrar uma vontade de criar laços de proximidade entre a AAC e o OAF".

Questionado acerca do momento actual do clube, o estudante de Direito esquiva-se a entrar em assuntos internos do OAF e, sobretudo, na sua situação económica. Adianta apenas que da parte da DG/AAC, apenas será indigitado um elemento para o OAF após a apresentação de uma proposta que permita resolver a curto ou a médio prazo os problemas da academia conimbricense. Apesar de se mostrar algo céptico em relação a uma solução imediata, o dirigente estudantil alerta para o facto de existirem "permanentemente 24 secções desportivas gravemente prejudicadas no seu dia-a-dia, pela falta de condições económicas".

Victor Hugo Salgado evita a polémica afirmando que, "se há algo que a AAC preza é a defesa do seu bom nome que nunca quererá ver denegrido, seja por quem for". Por esta razão "vamos sempre tentar resolver este problema internamente, e numa relação de proximidade". Apesar disto, não está posta de parte a hipótese de trazer as divergências para a praça pública, caso estas não se consigam resolver com um acordo entre as partes envolvidas. Entretanto, ficam por resolver os problemas de uma dívida que cres-ce a cada dia que passa.



FRANCISCA MOREIRA

Secções desportivas da AAC esperam resolução rápida do problema

A posição do Conselho Desportivo

No centro de todo este problema está o Conselho Desportivo (CD), que faz a distribuição das verbas pelas diversas secções desportivas. Para ultrapassar este problema o CD procurou seguir uma política de procura de apoios, de forma a minimizar os prejuízos causados pelo não cumprimento dos protocolos celebrados. António Rochette, membro deste orgão, destaca a engenharia financeira que foi necessária para manter muitos projectos: "Por exemplo, nós contámos sempre com esse dinheiro para pagar o autocarro que comprámos. A partir desse momento, tivemos que, trimestralmente, inventar dinheiro porque essas verbas não vinham."

No que toca à actuação das DG's sobre este assunto é compreensivo, destacando os esforços da "casa-mãe" para que as dívidas fossem pagas.

António Rochette mostra-se optimista quanto ao pagamento do valor em falta, apesar das dificuldades que o OAF atravessa. No entanto, salienta que existem outras situações que merecem ser analisadas, como é o caso da utilização (devida ou indevida) do símbolo, bem como "a questão dos espaços desportivos, que é sempre complicada até porque não podemos contar com o Santa Cruz, que deverá entrar em obras brevemente. Existem situações que devem ser analisadas no seu todo. A dívida é uma das partes que devem ser tratadas com quem fôr eleito".

Candidatos surpreendidos

Tanto João Moreno como Sampaio e Nora expressaram uma grande surpresa pelo valor da dívida do organismo autónomo à Direcção-Geral da AAC. A ausência de qualquer tipo de documentação acerca desta matéria é a principal causa apontada para justificar este desconhecimento.

Caso sejam eleitos, ambos os candidatos demonstraram bastante vontade de solucionar esta situação, apesar de destacarem o difícil momento económico que o clube atravessa.

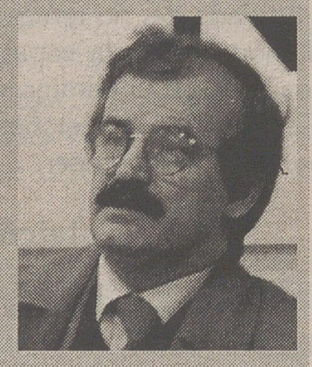
João Moreno



"Fiquei muito sensibilizado pela forma como o presidente da "casa-mãe" me recebeu. Tive com ele uma relação que me impressionou muito favoravelmente, apesar de existir algum tipo de contencioso entre a casa-mãe e o comportamento do "filhote". Há processos contenciosos em que o filho se porta muito mal com a mãe, e que depois se traduzem em aspectos financeiros que prejudicam a "casa-mãe" em termos financeiros, e isso vai ser corrigido.

Logo que sejamos direcção, esta será uma das primeiras atitudes a tomar. Posteriormente, vamos ter oportunidade de fazer algumas coisas com mais visibilidade, partindo da complementaridade dos nossos papéis. Foi prometido que nós, logo que fôssemos direcção e tivéssemos possibilidade, iríamos regularizar esta situação".

Sampaio e Nora



"Já tive oportunidade de falar com o actual presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, que me expôs esta situação do acumular de dívidas à academia de Coimbra. Devo confessar que fiquei bastante surpreendido, já que foi o primeiro a chamar-me à atenção para este problema.

Do meu ponto de vista, a solução do problema passa sobretudo por alguns projectos de natureza comercial que nós pretendemos desenvolver em parceria com a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, ponto em que o Victor Hugo Salgado concordou comigo. Em vez de ser o Organismo Autónomo de Futebol a pagar-lhe a totalidade do valor, a "casa-mãe" recebe, tal como nós, de acordo com as percentagens que forem aprovadas para cada uma das participações comerciais em que nos poderemos integrar".

"Parto em vantagem para estas eleições"

Quando, há dois meses, assumiu os comandos do clube, a Académica atravessava uma grave crise. Agora, João Moreno concorre pela lista A à direcção do Organismo Autónomo de Futebol. Entre os nomes da sua equipa destacam-se o de Almeida Santos e o de Dias Loureiro

Nuno Dias
Daniela Pereira


MARLENE ALVES

"É preciso um mundo de coisas para mudar a Académica"

Apesar de afirmar que fez coisas importantes enquanto presidente da Comissão de Gestão, o candidato garante que ainda tem muito para dar à Briosa, sobretudo porque quer recuperar a imagem e a capacidade de gestão do clube. Enquanto fala das eleições que se avizinham, há ainda tempo para um balanço do trabalho que já efectuou.

Como avalia o seu trabalho enquanto presidente da Comissão de Gestão?

Foi positivo. Primeiro porque houve uma recuperação relativamente rápida da imagem da instituição para o exterior. Passou a falar–se da Académica de uma forma mais positiva e com uma sensação de esperança. Segundo: o aspecto organizativo da instituição. Embora seja um trabalho longo e ainda não esteja acabado, a auditoria às contas da antiga direcção já começou a ser feita. Terceiro, conseguimos recuperar a Académica em termos desportivos. As *prestações da equipa a partir do momento* em que a Comissão de Gestão tomou conta do clube não têm nada a ver com os oito pontos que tinha ao fim de treze jogos. Tenho esperança que, desta forma, a equipa se mantenha na Superliga.

O facto de ser presidente da Comissão de Gestão leva-o a partir em vantagem para estas eleições?

Decididamente parto em vantagem. Tenho dois meses de um conhecimento mais profundo da situação e tive a possibilidade de, no terreno, fazer alguma demonstração da capacidade das pessoas que estão comigo na Comissão de Gestão. Mas as eleições são eleições e tudo pode acontecer.

As eleições

Como perspectiva o confronto com Sampaio Nora?

Acho que só o facto de haver duas listas significa que a Académica é querida pelos sócios e que há um leque muito alargado de pessoas que, eventualmente, terão capacidades para levar a nau a bom porto. Nesse sentido, acho saudável que apareça mais alguém, uma lista alternativa que esteja disponível para poder vir a assumir os *comandos da instituição. Só desejo é* que este debate se faça com dignidade e com programas claros e específicos sobre os objectivos que estão em causa. A reformulação do clube é algo que tem de ser feito por todos nós, não só pela Comissão de Gestão, ou pela lista A ou pela lista B.

Não seria possível uma conjugação das ideias das duas listas para o bem da Académica?

Penso que isso está ultrapassado. Isso teria sido possível quando formámos a Comissão de Gestão. Foi um momento de união e era muito importante que outras pessoas tivessem chegado aqui e dito: "Estamos dispostos a ajudar". Não apareceu cá ninguém. Mas hoje há sócios que, com todo o direito, constituem uma nova lista. É provável que na altura, estrategicamente, estivessem a admitir outras hipóteses, que não vou referir.

Sampaio Nora afirmou que não era com jantares caros que a Académica beneficiava financeiramente. Tem algum comentário a fazer?

Está a insultar todos aqueles académicos que, através de um jantar, mostraram adesão num momento difícil para a Académica. Não é a minha pessoa que ele ofende, mas sim esses sócios que deram a cara e deram dinheiro, numa situação complicada para o clube. O que ele disse é gravoso, é mal–criação.

> **"Eu não gosto muito de prometer coisas, mas prometo estar cá enquanto Deus o permitir e ser útil à instituição"**

Que modelo institucional defende para a Académica?

Em termos práticos, não aponto um modelo. A auditoria está a decorrer e, enquanto não terminar, não podemos ter um ponto de partida para seguir. Só se pode construir alguma coisa depois de termos a noção do 'status quo' do ponto de partida. A partir daí, vamos estudar o modelo, para depois ser aprovado pelos sócios. Em termos filosóficos, não gostava que a Académica, ao escolher um modelo, se homogeneizasse com os outros clubes, isto é, se transformasse numa SAD. As SAD's não são um remédio milagroso para a solução dos problemas desportivos.

Uma fundação seria mais viável?

Sentimentalmente sim. O Barcelona é uma fundação e tem a dimensão que tem. A fundação não é apenas uma imagem, tem que ter dentro dela mecanismos de gestão, mas penso que as duas coisas são perfeitamente compatíveis. Este modelo só cresce se for viável, empreendedor e se apresentar resultados. No fundo, se tiver unidades de gestão dentro dela que venham reforçar o peso da própria fundação.

Se for eleito, aposta na continuidade do que tem feito até agora enquanto presidente da Comissão de Gestão ou vai mudar alguma coisa?

Há sempre que mudar, o imobilismo é a pior coisa que pode acontecer às instituições. As comissões de gestão são sempre estatutos de precaridade porque não são institucionalizadas. Não têm os mecanismos de poder para fazer acções complementares e abrangentes. Só na passagem de comissão de gestão para direcção eleita há um mundo de coisas diferentes que podem serem feitas. É preciso um mundo de coisas para mudar a Académica.

Se for eleito, o que promete aos sócios da Académica?

Eu não gosto muito de prometer coisas, mas prometo estar cá enquanto Deus o permitir e ser útil à instituição.

O regresso à Briosa

"A Académica sempre se intrometeu na minha vida". Foi assim que João Moreno justificou o seu regresso, após ter estado mais de duas décadas afastado dos comandos do clube. Apesar de há dois meses ter garantido que não gostava de voltar a ser presidente do Organismo Autónomo de Futebol, e que apenas aceitava o desafio de ser presidente da Comissão de Gestão por este ser um estatuto transitório, a verdade é que João Moreno acabou por se candidatar. A mudança de ideias, explica, aconteceu porque o tempo que esteve à frente da Comissão de Gestão "foi muito pouco para ser mais útil ao clube e para conseguir um efeito mais visível". Contudo, João Moreno garante que "em dois meses fiz coisas muito importantes para a Académica". A este sentimento de que ainda há muito por fazer na instituição, João Moreno acrescenta a "solidariedade para com as pessoas que estiveram comigo durante estes dois meses". João Moreno aposta na experiência e no conhecimento que já tem do clube para o tornar "a Académica".

Jogo de palavras

Académica: uma coisa linda.

Artur Jorge: para continuar connosco.

Campos Coroa: fervoroso e indiscutível académico, mas isso não lhe bastou

Euro 2004: momento importante para o panorama desportivo nacional e, sobretudo, para Coimbra

Sampaio Nora: candidato da lista B

Mancha Negra: simboliza a força da Académica

Nuno Freitas: jovem cheio de capacidades, que tem desempenhado um papel de grande importância.

Candidatos à direcção do AAC/OAF apresentam os seus projectos

"A Académica precisa de verdade"

Sampaio Nora é o candidato da lista B à direcção do Organismo Autónomo de Futebol. Pretende apostar na mudança, para que a Académica seja "uma tradição com futuro, um futuro com paixão"

Nuno Dias
Daniela Pereira

Mostrando–se crítico em relação à actuação da Comissão de Gestão, o candidato refere que "a Académica não tem tido a verdade e a transparência de que o clube necessita, e não pode continuar a viver de boas vontades". Sampaio Nora lamenta ainda a falta de debate entre as duas listas, sobretudo num momento difícil, como o que o clube atravessa.

Como vê a actuação da Comissão de Gestão?

Têm resolvido alguns problemas, nomeadamente de natureza financeira. No entanto, a informação de João Moreno é muito vaga e fiquei com a ideia que a extensão dos problemas que eles resolveram não foi tão grande quanto eu supunha. Tiveram o mérito de levantar o ânimo dos sócios. Mas devo dizer que muito do mérito do que se fez se deve ao treinador que foi escolhido e que fez um belíssimo trabalho, mudou a filosofia da equipa. Pelo que sei, Artur Jorge já tinha sido contratado pela anterior direcção ou pelo menos abordado uns dias antes de a outra direcção cair, uma situação aproveitada pela Comissão de Gestão.

Caso seja eleito, Artur Jorge é o treinador da Académica?

Claro, sem discussão. No mercado nacional, é uma sorte termos Artur Jorge como treinador.

É positivo haver duas listas candidatas aos destinos da Académica?

É sempre positivo, quando essas listas apresentam programas e discutem projectos, o que infelizmente não tem acontecido.

Se não fosse candidato votava em João Moreno?

Não, e por uma razão muito simples. É uma lista sem programa. O grupo que acompanha essa lista quer tomar o poder pelo poder e ainda não apresentou ideias novas para a Académica, nem vejo que as possa apresentar.

No seu entender, como está a decorrer a campanha eleitoral?

Gostaria que a campanha tivesse sido de discussão de ideias e de projectos, o que nem sempre tem acontecido. É um aspecto negativo, porque acho que a Académica deve ser uma lição.

Como está a ser o confronto com a lista A?

Não existe confronto, porque não há quaisquer debates.

Acha que a lista A parte em vantagem nesta campanha eleitoral?

Quem tem o poder parte sempre em vantagem.

O projecto da lista B passa pela criação de uma SAD?

Não. A SAD é uma sociedade anónima desportiva, o que significa que se o modelo não tiver resultados já não poderá voltar ao ponto de partida. O que sugiro não é nada disso. A SAD está posta de parte neste momento, até porque está em revisão a lei de bases do sistema desportivo, e nós não queremos entrar em aventuras até isso estar definido. O que quero é uma sociedade gestora de participações sociais, uma sociedade que tem apenas por função participar do capital de outras empresas, geri–las e obter rendimentos.

> **"O grupo que acompanha a lista A quer tomar o poder pelo poder e ainda não apresentou ideias novas"**



"Gostaria que a campanha tivesse sido de discussão de ideias"

Equipa

Quais foram os critérios usados ao preparar a equipa que o acompanha?

Foram critérios de competência para as diferentes funções. No sector desportivo, o vice–presidente será o Dimas, antigo jogador de futebol. Tem uma experiência muito grande ao longo de vários anos como atleta. Será em princípio coadjuvado por um doutorado em Ciências do Desporto, conjugando a prática e a teoria. No sector administrativo–financeiro, vamos aproveitar um trabalho que já foi apresentado há alguns anos por um grupo que englobava António Rochette. Procurámos as pessoas que melhor pudessem desenvolver os projectos que temos nas respectivas áreas. Não foi por uma questão de amizade, porque alguns nem os conheço. Foi por uma questão de escolher as pessoas certas para lugares certos.

Disse há algum tempo que a mesa da Assembleia Geral andava a privilegiar uns em detrimento de outros. Quer comentar essa situação?

Já dei a entender isso mesmo e dei alguns exemplos. Agora posso acrescentar mais dois. O presidente da mesa da Assembleia Geral da lista A não pode ser candidato, porque não tem capacidade nem para votar, nem para ser votado, uma vez que é sócio correspondente e ainda assim foi considerado como um elemento base na lista A. Da mesma forma, Rui Alegre fazia parte desta lista, apesar de ser sócio da Académica há pouco tempo. Foi uma situação tão evidente que ele já foi substituído, também não percebo bem como, uma vez que já não se podem fazer substituições.

O que é preciso para mudar a Académica?

Pelos vistos, muito mais do que eu pensava. Quando comecei esta campanha eleitoral pensava que o clube precisava de mudar de organização, com pessoas mais preparadas para os cargos. Hoje, acho que a Académica precisa acima de tudo de verdade. É muito importante que haja verdade e transparência neste clube, o que nem sempre tem acontecido. Os últimos meses não são excepção.

O que é que promete aos sócios da Académica caso seja eleito?

Prometo a execução do programa que apresentámos. Não é um programa com ideias vagas. Vai ter esquemas de actuação muito concretos em várias áreas, desde o futebol sénior ao futsal.

Uma só Académica

O grande projecto de Sampaio Nora passa pela união da Académica à cidade e à academia, isto é, "colocar o clube no lugar a que tem direito" e recuperar a imagem da instituição. Também a formação dos jogadores a partir das camadas jovens é outro dos fins deste candidato, uma vez que "a Académica tem descurado os seus escalões de formação e não tem criado novos jogadores tendo em vista o futuro". Uma das formas de atingir este objectivo passa pela manutenção da equipa B, para que "sempre que necessário se cedam jogadores à equipa principal" e só se recorra a compras ou empréstimos em último caso. A nível financeiro, a aposta de Sampaio Nora pode passar pela criação de uma Académica comercial, uma sociedade gestora de participações sociais, em que se devem encontrar "parceiros onde o clube participe nas diferentes actividades comerciais e retire daí os rendimentos de que precisa". Para o candidato, "a Académica tem vivido muito da boa vontade" e agora têm de se encontrar formas definitivas de receitas, que "não podem passar só pelos contratos de publicidade, receitas dos jogos ou pelos associados".

Jogo de palavras

Académica: uma fé desde sempre

Artur Jorge: o melhor treinador português

Campos Coroa: um presidente demasiado emocional

Euro 2004: o maior evento desportivo realizado em Portugal

João Moreno: um opositor que respeito

Mancha Negra: uma claque que nunca abandona a Académica

Nuno Freitas: um jovem com futuro, mas que tem de ter alguma arte na maneira de exercer política

V Semana da Mostra Cultural da Universidade de Coimbra

Cultura universitária mostra-se à cidade

Organizado pela reitoria, decorre até ao próximo sábado um certame que abre ao público as portas da cultura universitária

Liliana Figueiredo
Soraia Letra

Iniciou–se ontem, pela quinta vez consecutiva, a Mostra Cultural da Universidade de Coimbra, que decorrerá até dia 1 de Março. Exposições, cinema, concertos, dança, teatro, seminários e palestras constam das várias actividades agendadas.

Dentro dos eventos destaca–se um círculo de conferências sob o tema "Europa em mutação - Cidadania. Identidades. Diversidade Cultural", que traz a Coimbra uma mão cheia de intelectuais portugueses e estrangeiros.

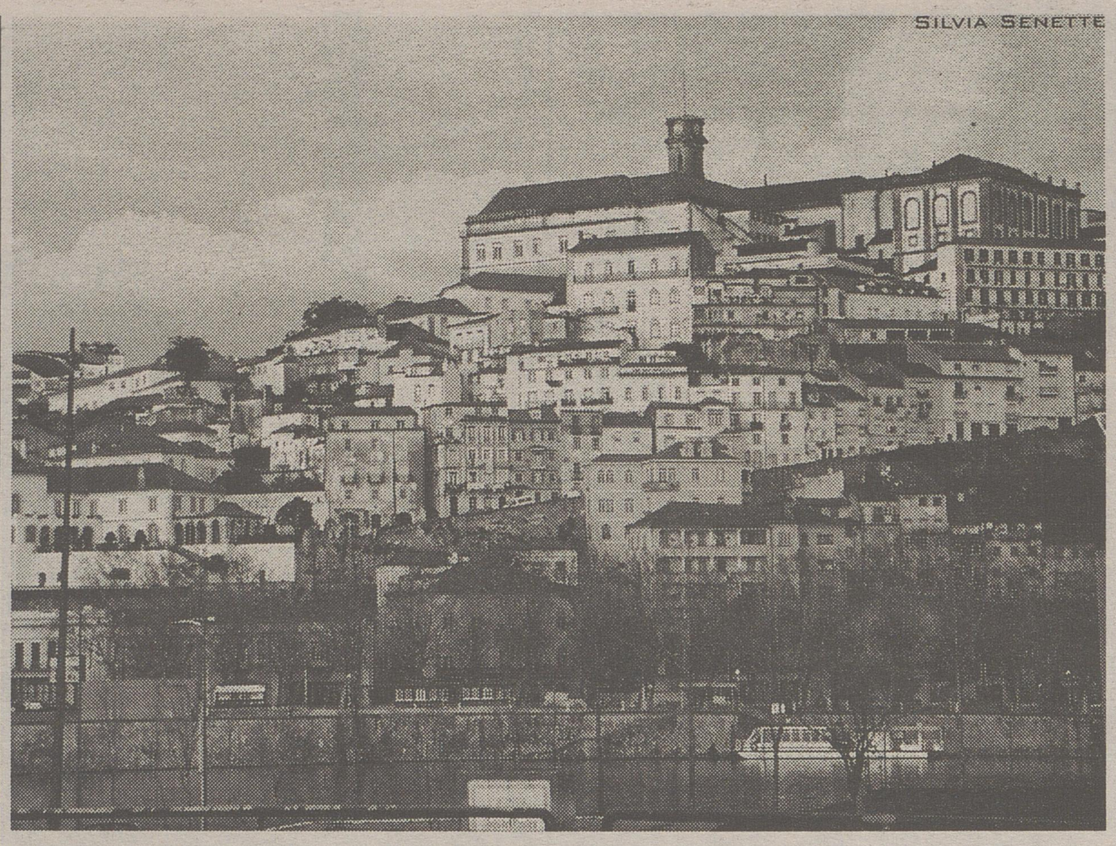
Inaugurada em 1999, a iniciativa encontra–se, este ano, integrada no espírito da Coimbra, Capital Nacional da Cultura 2003 e, por isso, subordinada ao tema "Cultura, Ciência e Cidadania".

São muitas as secções que aproveitam esta oportunidade para mostrar o trabalho que levam a cabo durante o ano. Assim, e entre outros, marca presença o Centro de Estudos Cinematográficos, com um ciclo de cinema português destinado a celebrar os 55 anos da secção. Por seu lado, a RUC apostou na planificação de um conjunto de actividades que vão de encontro à comemoração do seu décimo sétimo aniversário. Ângela Braga, directora de Informação, destaca que "este programa, para além de juntar a comunidade estudantil, oferece também um leque alargado de informações que permitem que haja uma outra consciência do que é a universidade e enriquece os estudantes em termos culturais e humanos".

Alexandrina Lourenço, super–coordenadora do pelouro da Cultura da Direcção–Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), salienta a importância da mostra, mas manifesta–se bastante crítica quanto à Coimbra Capital da Cultura, uma vez que considera que "a participação da AAC, das suas secções e organismos, só é visível através da universidade".

No que diz respeito ao financiamento, acrescenta que "as secções também têm de apertar o cinto. Há falta de infraestruturas o que advém da falta de dinheiro. O facto de só termos um teatro em Coimbra também condiciona toda a actuação cultural que possa sair da associação académica. É um ciclo vicioso".

Silvia Senette



Universidade de Coimbra apresenta 5ª Mostra Cultural à cidade

Em destaque

25 de Fevereiro
21h45 - Mini–Auditório Salgado Zenha
Ciclo de cinema português (Década de 40/50) - "A Menina da Rádio", de Artur Duarte (1994)
Organizado pelo Centro de Estudos Cinematográficos da AAC

26 de Fevereiro
15h00-19h00 - Centro Cultural D. Dinis
Mesa redonda - "Prostituição: da tradicional à estudantil"
Organizado pela Secção de Defesa dos Direitos Humanos da AAC

16h00-19h00 - Sala 50 FLUC
Seminário - "SMS - uma forma emergente de literatura?", por Carlos Guimarães e com a participação dos alunos do 3º e 4º anos
Organizado pelo Instituto de Estudos Alemães da FLUC

27 de Fevereiro
21h45 - TAGV
Espectáculo "Universidade de Coimbra: The World Meeting Point"
Organizado pelo Serviço de Relações Internacionais da Universidade de Coimbra

28 de Fevereiro
21h45 - TAGV
Concerto de piano a quatro mãos pelo Pianissi Due, constituído por Elsa Cabral e Luís Vasco
Organizado pela Reitoria da Universidade de Coimbra

1 de Março
21h45 - TAGV
Concerto com José Mário Branco
Entrada para estudantes: 2,5 euros
Organizado pela RUC

"A estrada curva" em livro

Dentro da Mostra Cultural, a Secção de Jornalismo envolveu–se na produção do livro "A estrada curva", de Jorge Nande, que verá o seu lançamento no dia 27 deste mês.

Este livro reúne crónicas publicadas no jornal A CABRA a partir de Março de 2002, altura em que surgiu o conceito de Estrada Curva .

O projecto, que teve o apoio da reitoria, "demonstra a vontade de uma secção que, apesar das suas dificuldades, tem conjugado esforços no sentido de desenvolver trabalho e cumprir os objectivos a que se tem proposto. É um livro de carácter literário que apresenta fotos inéditas, sendo mais do que uma simples compilação de crónicas", salienta o autor.

A dança como espelho da modernidade

Um concerto coreografado

A Capital da Cultura apresenta a mais recente criação de Clara Andermatt. Através de um discurso pessoal e emotivo, "Polaroid" reflecte as novas tendências da dança contemporânea

Sofia Carvalho
Patrícia Lourenço

O palco do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) vai receber, nos dias 7 e 8 de Março, o espectáculo de dança "Polaroid", integrado na programação de Coimbra Capital Nacional da Cultura (CCNC) 2003. A produção insere–se no âmbito do Projecto Pirata, da responsabilidade da Associação Cultural Companhia Clara Andermatt (ACC CA).

Concebido por Clara Andermatt, o espectáculo consiste num duplo solo que, para além da presença da criadora, conta com Amélia Bentes, coreógrafa e bailarina que tem acompanhado a ACC CA desde o início. "Polaroid" marca uma viragem no percurso dos seus últimos anos de trabalho. A coreógrafa recorre a elementos inovadores como o vídeo, que assume um papel essencial na composição da estrutura dramatúrgica.

A presença de um ecrã gigante, sincronizado com a coreografia, convoca uma grande intimidade com o palco. Vídeo, luzes e banda sonora não desempenham uma função meramente ilustrativa: articulam–se e contribuem para a dinâmica da narrativa.

A velocidade e o excesso que caracterizam a sociedade contemporânea estão na origem do título "Polaroid", que é também o nome da heroína da história. O discurso do espectáculo reveste–se, assim, de uma linguagem moderna reproduzida nos figurinos, coreografia e cenário.

A criação corresponde à segunda fase do Projecto Pirata, cuja fase inicial foi composta por um período de reflexão e pesquisa que compreendeu um conjunto de workshops com profissionais de várias áreas, desde o cinema até às artes plásticas, passando pelo teatro, dança, música e dramaturgia.

"Poetry" para ver e ouvir

Olaio e Taborda no ISEC

"Poetry" é o novo espectáculo da dupla António Olaio e João Taborda. O auditório do Instituto Superior de Engenharia de Coimbra recebe–os no final desta semana

Mário Guerreiro

Os conimbricenses António Olaio e João Taborda vão subir na próxima quinta e sexta-feira ao palco do auditório do ISEC para apresentar "Poetry", espectáculo que alia a música ao vídeo.

"Poetry" está incluído na programação de Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 e integra–se no projecto Caixa de Música. A iniciativa pretende mostrar durante este ano diversas criações musicais de pessoas ligadas à cidade.

No espectáculo multimédia "Poetry", os dois músicos apresentam um espectáculo em que se cria uma cenografia a partir de vídeos, num universo em que a composição musical da dupla de Coimbra atinge novas dimensões.

De acordo com António Olaio, ex-Reportér Estrábico, "o vídeo não irá surgir apenas como pano de fundo", mas vai funcionar "paralelamente" ao concerto. O artista plástico e músico considera uma "mais–valia" esta simbiose entre a produção musical da dupla e a exploração das artes plásticas. António Olaio expressa também a satisfação que a projecção de "Poetry", um espectáculo "construído como estaria uma ópera", tem provocado. "Gostamos de quebrar a rotina do que fazemos", afirma.

A parceria entre António Olaio, músico e artista plástico, e João Taborda, músico, deu origem a dois discos: "Loud Cloud" e "Sit On My Soul", em que os arranjos musicais de Taborda e a voz oscilante de Olaio criam um espectro onde a melodia dá corpo a uma intimidade embevecidamente apelativa.

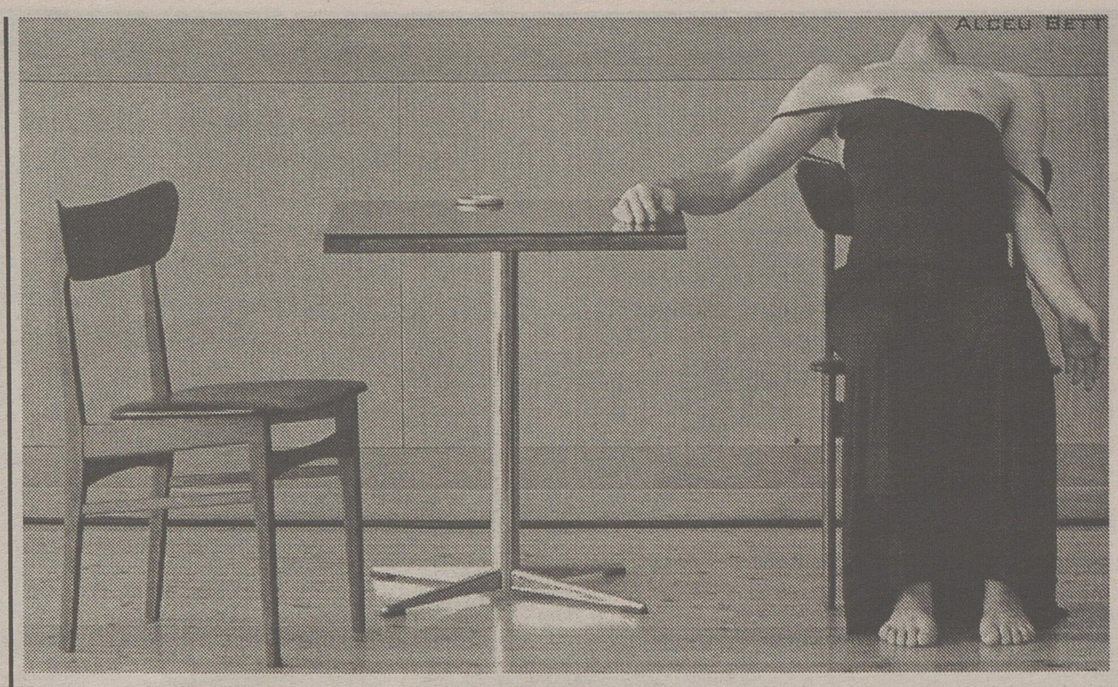
Os bilhetes estão à venda por oito euros.

Olga Roriz em estreia mundial no TAGV

As danças da paixão

A CABRA foi ao encontro da criadora e esta revelou que o espectáculo que a traz de volta a Coimbra "é baseado nas paixões proibidas da História, das lendas e da literatura"

Liliana Guimarães


ALDEU BETT

Paixão homenageada na nova criação de Olga Roriz

Hoje e amanhã no palco do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) a Olga Roriz Companhia de Dança apresenta a sua mais recente criação: "Jump–Up–And–Kiss–Me".

A pioneira da dança portuguesa, como é conhecida entre os críticos, escolheu Coimbra para a estreia mundial do seu novo espectáculo.

"Jump–Up–And–Kiss–Me" é atravessado pela temática da paixão e o que lhe está inerente. O apelo passional, nas palavras da coreógrafa, "é exactamente aquilo que é problemático e são as paixões proibidas que dão luta, são mais agressivas, têm mais violência, são mais interessantes e foram essas que me deram estímulo para fazer o espectáculo".

Durante cerca de um ano e meio, toda a companhia se embrenhou numa aprofundada pesquisa. A problemática da paixão, a saudade, a sedução, o sofrimento, a solidão e o erotismo foram algumas das questões que trilharam o caminho da pesquisa e que agora se apresentam sob a forma de um espectáculo de forte carga emocional. A primeira vez que a mestra dança com a sua companhia fá–lo num espectáculo que resulta de memórias afectivas e experiências de cada uma das pessoas que constitui a Olga Roriz Companhia de Dança.

D. Pedro e Inês de Castro, Kafka e Milena, Macbeth e Ofélia são alguns dos casais representados em cena. No entanto, o tema central da peça é tratado "de um ponto de vista universal, de hoje em dia", refere a coreógrafa. E prossegue afirmando que este espectáculo "tal como os outros, não é perceptível à partida, mas é isso que eu procuro". Este espectáculo, tal como outros da sua carreira "não é muito linear na sua construção dramatúrgica, há muito simbolismo. Obviamente uma pessoa tem que trabalhar para perceber o simbólico ". No entanto, o que vai acontecer no palco do TAGV "é uma coisa para se deixar levar. Não interessa saber quem é aquele casal, mas sim sentir as ondas de paixão que o espectáculo tem".

A música de Sergei Rachmaninov no dizer de Olga Roriz "traz um ambiente que deixa levar todas as correntes de paixão de um modo tranquilo, algo nostálgico". Além disso o seu "Terceiro Andamento" dá origem a uma cena demostrativa da "subversão das coisas quando estamos apaixonados".

Numa criação bastante interna, o cenário acabou por ser concebido pela coreógrafa e pelo seu assistente de dramaturgia, Pedro Cal. De uma ideia muito precisa que desde o início assolou Olga Roriz, surgiu um cenário "muito 'underground', subterrâneo, por baixo de uma floresta reflectindo–se num labirinto de raízes aéreas, vistas por baixo". Em cena existirá ainda uma representação do Olímpo onde Afrodite e Apolo serão representados por Olga Roriz e Pedro Cal.

Também a paixão homossexual subirá ao palco numa representação muito própria. A coreógrafa confessa ter feito "Barba Azul e a Judite dois homens, mas há um diálogo em off entre ambos em que uma das vozes pertence a uma mulher. Em vez de ir buscar um casal homossexual da história, subverti esta história e transformei a Judite num homem".

Depois de Coimbra, "Jump–Up–And–Kiss–Me" visitará as cidades de Sintra, Lisboa e a cidade Natal de Olga Roriz, Viana do Castelo.

Percurso de Olga Roriz

De Viana do Castelo, o sonho da dança levou Olga Roriz até Lisboa onde recebeu formação na área do ballet clássico e da dança moderna. Bailarina, coreógrafa, fotógrafa e professora, em 1995 criou a Olga Roriz Companhia de Dança.

Entre 1976 e 1992 foi bailarina do Ballet Gulbenkian para onde criou mais de 20 obras.

Em 1987 recebeu o 1º Prémio Coreográfico do Concurso de Dança de Osaka, no Japão, em 1991 o Prémio Ano de Coreografia da revista londrina "Time Out" e em 1994 o 2º Prémio no Festival Internacional de Dança Suzanne Delall, em Tel–Aviv, Israel.

Com um invejável percurso, Olga Roriz já coreografou para o Ballets de Monte Carlo, Ballet Nacional de Espanha, Maggio Musical Fiorentino, entre outros.

A Olga Roriz Companhia de Dança, para além de todas as cidades nacionais que visitou, já levaram a artista até ao Brasil, Alemanha, Polónia, França, EUA, Senegal e Egipto.

"O Jogo" - CITAC sem regras

CITAC lança os dados para a estreia de uma nova peça

João Baía
Cláudia Rodrigues

O Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC) apresenta nos próximos dias 26 e 27 no seu teatro–estúdio "O Jogo", peça vencedora do concurso "Pequenas estórias para teatro". Esta foi uma iniciativa organizada pelo CITAC em 1999, que recupera os concursos realizados ao longo dos anos 60.

"O Jogo", escrito em 1965 por Vanguardista, pseudónimo do autor Armando Pina Mendes, vai ser posto em cena por um grupo de actores que fizeram os cursos de formação do CITAC em 1998 e em 2000. A encenação da peça conta assim com uma criação colectiva que foi apoiada pela reitoria e integrada na semana da Mostra Cultural da Universidade de Coimbra.

Duas pessoas que decidem jogar um jogo, sem hesitações, compõem o cenário de um espaço que pretende representar uma metáfora do mundo em que vivemos. O espectro social desta encenação é assim composto por um casal, dois amigos e dois presidentes de diferentes países que assinam um tratado de paz mas que acabam por virar as costas um ao outro. É precisamente este último jogo de interesse que reflecte o que está a acontecer na vida real em que a *guerra é eminente. Se a realidade passa* à frente dessas duas pessoas durante o jogo, essa realidade passa a ser a jogada principal de cada um. Uma jogada sem árbitros, onde tudo é permitido, reflecte, segundo Hugo Gama, actor, "o absurdo de certas situações que não exigem certezas nem uma lógica para as coisas acontecerem como acontecem". Aqui destaca–se um anunciante que fala em nome do autor e que mostra conhecer bem os fundamentos do jogo. Sobre o palco desfilarão jogos onde os peões vão desafiar a própria vida e a amizade para tentar atingir a paz anterior que permitirá novas jogadas. O jogo remete assim para que o público questione a sua atitude perante o jogo de influências e interesses que tecem a vida real.

De 28 de Fevereiro a 11 de Abril

"O Elefante" vai voar

Depois de uma peça dirigida aos adolescentes - "Xmas qd kiseres"-, verifica–se o regresso da companhia de teatro para a infância de Coimbra ao seu público familiar (primeiro ciclo e pré–escolar)

Marta Poiares
Carina Fonseca

"O Elefante - Um dia no Zoo" é a mais recente produção d' O Teatrão - Teatro para a Infância de Coimbra. Da responsabilidade de Deolindo Pessoa, esta peça é, em parte, inspirada num conto do dramaturgo polaco Mrozek e vai estar em palco no cine–teatro do Colégio de S. Teotónio a partir da próxima sexta–feira.

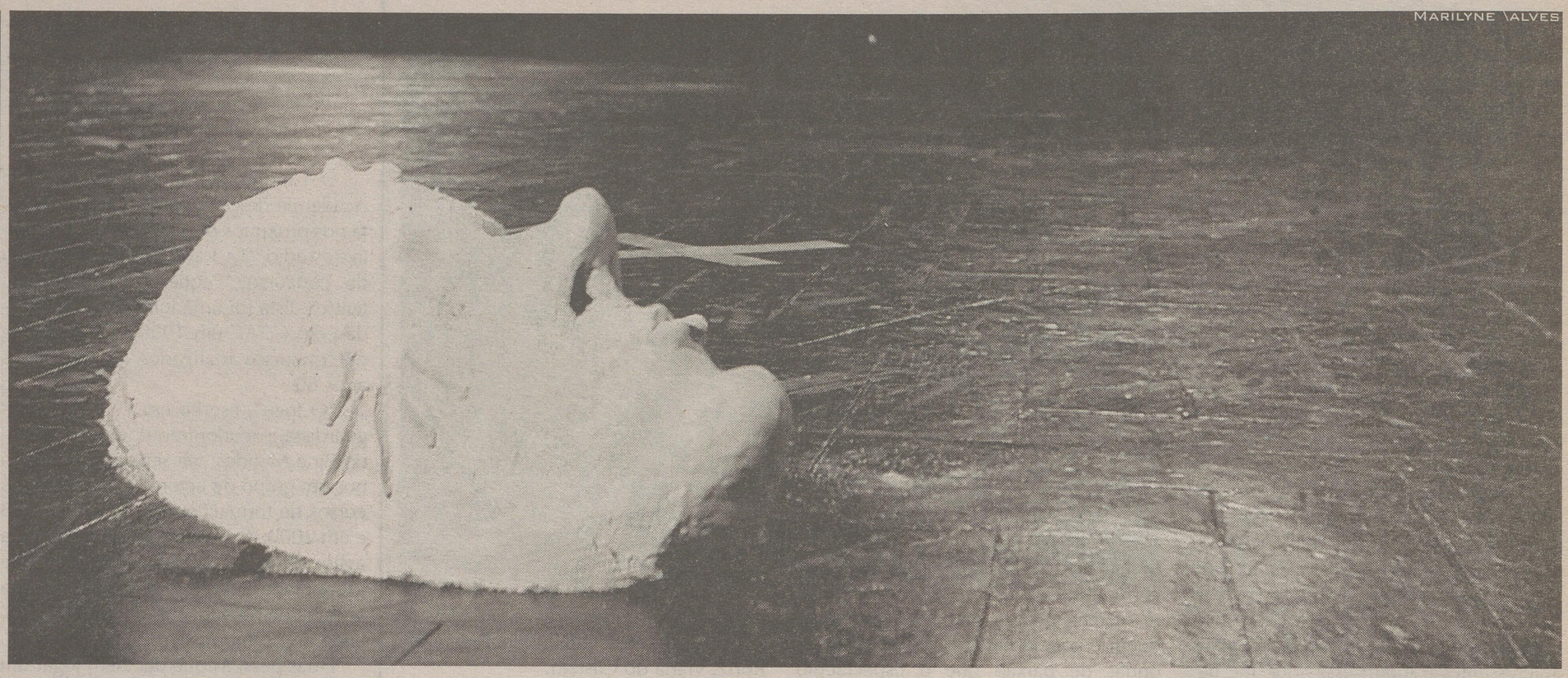
Tudo se centra num jardim zoológico a que é doado um elefante, aquando da comemoração do aniversário do Dia da Liberdade. Porém, este é recusado pelo director do zoo, que, ganancioso, corrupto e dominado por ambições políticas, contraria as expectativas das crianças da cidade. Este acontecimento deixa marcas inevitáveis e acarreta consequências futuras. Trata–se, na opinião de Isabel Craveiro, vice–presidente do Teatrão, de "uma chamada de atenção algo irónica à maneira como nós nos esquecemos - muito rapidamente- da nossa história".

Com a particularidade de ser um espectáculo de manipulação de bonecos (que interagem com os actores Cláudia Carvalho, Joana Macias, Pedro Marques e Ricardo Brito), "O Elefante - Um dia no Zoo" constitui uma aposta diferente, "que mostra uma vontade de explorar técnicas e talvez algum arrojo", segundo explica Isabel Craveiro. A comprová–lo está, por exemplo, a utilização de luz negra. Já a música, resultante do trabalho de Eduardo Pinto e Jaime Bingra, é original e permite a entrada no domínio da fantasia - no fundo, está–se perante o conflito real/imaginário. Até porque, segundo o encenador, "este é um zoo com características particulares" e cujos habitantes são um pouco bizarros.

Apesar de contar com os apoios do Ministério da Cultura e da Câmara Municipal de Coimbra, a peça enfrentou diversas dificuldades financeiras, como atesta Isabel Craveiro: "Em termos de produção, Portugal está ainda numa fase pré–arcaica, de 'subsídio-dependência'". E continua: "Não há uma lei do mecenato que permita uma outra dinâmica de produção" no panorama cultural português.

Desta forma, "O Elefante - Um dia no Zoo" é, sobretudo, um apelo à imaginação e ao sonho: por que é que a cobra não há–de poder ser cantora de ópera? "Há sempre uma outra verdade", é o que nos diz Deolindo Pessoa.

Companhias de teatro de Coimbra queixam–se


MARILYNE \ALVES

Os agentes teatrais da cidade capital nacional da cultura reclamam mais espaços para desenvolver os seus projectos

A insuficiência de espaços para a prática da actividade teatral em Coimbra é um problema com que diversos grupos de teatro se debatem. O facto de Coimbra ser a capital nacional da cultura para o ano de 2003 acabou por não trazer melhorias para a maioria das *companhias, que se mostram desiludidas com a situação*

Sónia Nunes
Rogério Ramos

A companhia de teatro Camaleão apresenta uma actividade contínua e crescente apesar ter como sala de ensaios a casa da directora do grupo, Helena Faria. Os fracos subsídios e a ausência de infraestruturas justificam a situação. A directora é clara: "Não temos apoio. Coimbra viveu durante muitos anos só do teatro universitário". Analisando a crescente criação de grupos de teatro, adverte que "o problema do espaço se vai agudizar". Porém, defende que uma boa gestão *do espaço pode solucionar o problema*: "Não é preciso gastar balúrdios, basta gerir com cabeça e inteligência". Para resolver a questão do espaço e gestão de equipamentos, a companhia conta com a federação MAFIA (ver caixa "MAFIA acusa câmara".)

Apesar das dificuldades logísticas a Camaleão tem projectos com a Coimbra Capital da Nacional da Cultura 2003 (CCNC). Porém o tempo de apresentação dos espectáculos acordados é curto: "Não é com quatro dias que conseguimos desenvolver um espectáculo", diz Helena Faria. Para superar esta situação, a Camaleão programou um itinerário pelo país: "A unica forma de fazermos uma temporada decente é andarmos com a tralha às costas", explica. *Ao nível de subsídios dados pela* organização, a directora do grupo argumenta que foram feitos orçamentos realistas, mas receberam "menos de um terço do que foi pedido".

Embora reconhecendo que ainda é cedo para uma avaliação da CCNC, Helena Faria não tem "dado conta que seja cor–de–rosa". Numa primeira fase o contacto com Abílio Hernandez, presidente da CCNC, foi positivo. Contudo, a partir de Julho do ano passado "tem sido mais difícil falar com a

Escola da Noite

Com a Oficina Municipal de Teatro e um forte projecto na Coimbra 2003, a Escola da Noite não se considera uma companhia privilegiada. Pedro Rodrigues, membro da direcção do grupo, explica que são uma estrutura profissional, o que implica " um grande conjunto de recursos e de encargos". A conquista, há muito ambicionada, de um espaço aumentou a actividade da companhia: "Desde Outubro já apresentamos 80 espectáculos". O Projecto Vicente, inserido na CCNC, tem tido "uma grande dimensão".

Companhias da casa com falta de condições

Espaço não chega

CITAC, TEUC e GEFAC criticam a política de gestão do edifício da Associação Académica de Coimbra (AAC) e afirmam que a Coimbra Capital Nacional da Cultura (CCNC) 2003 ficou aquém das expectativas

O Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC), apesar de ter um ritmo de trabalho quase profissional, vê a sua actividade condicionada pelas dificuldades que enfrentam na AAC: "A nossa a sala é pequena, tem condições precárias e está por cima de um bar–discoteca, o que prejudica muito o nosso trabalho", refere Hugo Gama, membro da direcção do grupo. Na mesma linha, Tiago Hespanha critica a equipa de Vitor Hugo Salgado que aposta na "uniformização e dignificação dos espaços públicos, o que se resume à pintura das portas de verde". Apesar das dificuldades, reconhecem que o espaço que têm é razoável, havendo mesmo companhias de teatro financiadas pela Coimbra 2003 a usar o espaço para ensaios e apresentações.

O CITAC tem em curso dois projectos sem o aval da CCNC, pois expirou o prazo de apresentação de propostas. Porém, Tiago Hespanha defende–se: "Não houve nenhum anúncio oficial de disponibildade da CCNC para receber projectos". Vânia Álvares, da direcção do CITAC, acrescenta que o evento "devia lançar as sementes para um futuro cultural em Coimbra, o que não acontece". Fundamentando a crítica dos colegas, Pedro Bastos lembra que os grupos que apresentaram um projecto, continuam sem espaço. Porém, em posteriores conversações, Fernando Mora Ramos, da CCNC, já manifestou interesse em apoiar as actividades.

Com um espectáculo em curso, o Grupo de Etnografia e Folcore da Academia de Coimbra (GEFAC) tem um ritmo de actividades lento. Nuno Mendes faz um retrato das condições de trabalho do grupo e considera que devem ser "o grupo com piores condições em Coimbra". Até ao ano passado, tinham uma sala de ensaios que foi ocupada, com a promessa de recuperar o espaço após a remodelação da AAC. Como resultado, só ensaia uma vez por semana e sem "um espaço digno. Temos de nos encolher numa sala e imaginar o que seria estar num palco a sério". Nuno Mendes clarifica a questão da negociação das salas: "É um processo que devia ser feito directamente entre nós e a reitoria, e o Seabra Santos quase delegou esta questão a Vitor Hugo Salgado." Sublinha ainda que a reitoria dá apoios pontuais, mas "não tem em conta as necessidades orgânicas do grupo".

Em relação à CCNC, o grupo propôs a realização das "Jornadas de Cultura Popular", nos finais de 2001. Como houve um atraso na realização do evento, o "grande projecto do GEFAC não pôde ser integrado". Entretanto, tudo indica que o lançamento de um livro e a realização de uma peça, relacionados com o teatro popular mirandês, estarão incluídos na CCNC.

Embora também aponte o bar da AAC como um entrave às actividades do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC), Carla Nunes, antiga vice–presidente, reconhece melhorias: "Durante a apresentação do último espectáculo, não houve barulho. O corredor já não está tão atulhado e já não é utilizado como casa de banho".

Após a reforma do Teatro de Bolso, a actividade do grupo tem sido regular. As nítidas melhorias na sala têm permitido a cedência do local a companhias que funcionam sem espaço próprio. Também o TEUC sublinha a falta de respeito da DG/AAC no que toca à gestão do edifício. Em relação à CNCC, Carla Nunes explica que o grupo não apresentou projecto e critica a falta de infraestruras e de divulgação do evento: "É inadmissível que uma cidade, com quinze grupos de teatro em actividade, tenha só o TAGV e a Oficina Municipal do Teatro. Não se sente que Coimbra é capital da cultura."

O estado da produção teatral na Lusa Atenas

da falta de condições e apoios

CCNC. Já não têm tempo para estar connosco". Receando que Coimbra 2003 não crie condições de trabalho para os grupos de teatro, Helena Faria recorda a Capital Nacional do Teatro (CNT): "A cidade ficou na mesma. O nosso governo anda a fazer uma revista portuguesa chamada 'Não há dinheiro'".

"Nas ruas da amargura"

Embora com uma média de duas produções por ano, também o teatro Morcego "pura e simplesmente não tem espaço", refere Manuel Matos, director do grupo. Os pedidos insistentes à Câmara Municipal de Coimbra (CMC) e às juntas de freguesia da cidade para um espaço de trabalho e armazenamento de materiais não têm sido acolhidos. A falta de um local de ensaio já levou a Morcego a recorrer à companhia Arte e Imagem, sediada no Porto. As negociações com Coimbra 2003, segundo Manuel Matos, têm sido complicadas: "A nossa relação com CCNC está pelas ruas da amargura. O nosso projecto não foi sequer mencionado. Mas vamos pedir algumas explicações sobre os critérios usados na selecção". As criticas do director da companhia à Coimbra 2003 continuam: "Está a comportar-se como um empresário que contrata entidades exteriores para virem fazer uma mostra sobre a sua cultura", conclui. Apesar de todos os contratempos, a Morcego irá continuar com os seus projectos.

> **"Não é preciso gastar balúrdios, basta gerir com cabeça e inteligência"**
>
> ***Helena Faria, Camaleão***

O Grémio Operário é a mais antiga das colectividades em Coimbra. Hoje, com as instalações degradadas tem a sua actividade paralisada. Luís Álvaro, director do Grémio Operário, retrata a situação da associação: "Tinhamos vergonha de levar pessoas ao Grémio por estar bastante deteriorado. As paredes estão em ruínas, o soalho abana, não temos casas de banho nem camarins. As obras são neste momento a nossa luta." Entretanto, o espaço foi doado ao Paço Episcopal e as negociações não têm sido fáceis: "Houve cedências de espaços tendo em conta o projecto para obras na colectividade. Mas o Paço Episcopal tem dificultado a concretização do projecto". Este panorama é agravado com os receios que Luís Álvaro manifesta em relação a Coimbra 2003: "O único benefício que a Capital Nacional do Teatro trouxe foi a realização de eventos pontuais. Os grupos de teatro amador que tinham os seus espaços degradados assim continuaram. Temo que isto se repita na CCNC".

Os primeiros paços da Bonifrates foram dados no Grémio Operário, mais tarde instalaram-se no Teatro Sousa Bastos. "Sem apoios para a reabilitação do Sousa Bastos, a Bonifrates é obrigada a mudar novamente de espaço". A falta de uma infraestrutura é resolvida com o apoio da CMC que cede a Casa Municipal da Cultura, onde estão há cerca de oito anos, explica João Paulo Janicas, director da cooperativa. Contudo o "espaço não é viável para a apresentação de todas as peças, mas sempre que possível cedemos o espaço a outras companhias", ressalva o director. Para além da não existência de espaços, a falta de pessoal técnico é outra dificuldade apontada. João Paulo Janicas apresenta uma solução: "Criar estruturas para o suporte das companhias que funcionassem como oficinas. A dificuldade não é financeira". O director lembra que a ausência da Bonifrates na Coimbra 2003 é justificada pela divulgação tardia dos prazos de candidatura e não pela falta de verbas.

João Paulo Janicas conclui que não será Coimbra 2003 a resolver o problema das estruturas: "A capital da cultura é como uma árvore. Esta árvore tem um tronco, tem ramos, aparecem flores. Mas as raízes não são profundas e temo que essas flores não cheguem a dar frutos".

MAFIA acusa câmara

Actualmente sem um espaço para desenvolver as suas activadades, o Movimento de Associações Federadas de Intervenção Cultural (MAFIA) tenta chegar a acordo com a autarquia. Mas a resolução do problema ainda parece estar longe

Em 2001 surge em Coimbra um projecto inédito no país: o Movimento de Associações Federadas de Intervenção Cultural (MAFIA). Esta federação engloba a companhia de dança Trampolim, e as de teatro Marionet, Projecto BUH! e Encerrado para Obras. Com projectos autónomos uniram-se com o objectivo de partilhar e gerir espaços ou equipamentos técnicos comuns.

Inicialmente esta federação tinha ao seu dispor o antigo quartel dos Bombeiros Sapadores de Coimbra. Mas com a "mudança da autarquia houve também a mudança de fechaduras", explica José Geraldo. A MAFIA ficou desalojada. As conversações com a Câmara Municipal de Coimbra (CMC) têm sido intensas com vários pedidos de audiência em tribunal. As negociaçõs melhoraram em Janeiro do corrente ano: " Mário Nunes [vereador da Cultura] finalmente percebeu que falando com a MAFIA não precisava de falar com as cinco associções. Houve um entendimento", refere José Geraldo. Contudo, as dificuldades não estão ultrapassadas e a CMC "continua a trazer imensos problemas. Todas as companhas utlizam o método do desenrasca e inventam salas", argumenta.

Com o objectivo de conseguir condições de trabalho às companhias associadas, a MAFIA reuniu com Abílio Hernandez que se "mostrou disponível e com muito boa vontade". Contudo, José Geraldo é contudente: "Não estou a ver iniciativas da Coimbra 2003 no sentido de ajudar a MAFIA. Vai ser um 'showzinho' que vamos ter aí. As verbas atribuídas aos grupos da MAFIA foram manifestamente insuficientes para levar a cabo a programação a que nos propusemos".

Capital da cultura e câmara municipal procuram soluções

Espectáculos da Coimbra 2003 fora da cidade

Os grupos de teatro da cidade responsabilizam a Câmara Municipal de Coimbra e a Capital Nacional da Cultura pela insuficiência de infraestruturas que assegurem a sua actividade. Mário Nunes e Abílio Hernandez justificam-se

De acordo com declarações do presidente da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003 (CCNC), Abílio Hernandez, a insuficiência de salas de apresentação de espectáculos poderá vir a ser colmatada com a utilização de estruturas de outras cidades.

A gestão do espaço é a falha mais apontada pelas companhias de teatro da cidade à CCNC. Abílio Hernandez compreende a posição dos grupos teatrais mas ressalva que "não é à Coimbra 2003 que cabe criar infraestruturas. Os ecos devem ser feitos à Câmara Municipal de Coimbra e à cidade". Segundo o mesmo, tem havido um esforço da capital da cultura em colmatar este problema: "Os grupos têm o Teatro Académico de Gil Vicente, a Oficina Municipal [de Teatro], o Museu dos Transportes e o Centro de Artes e Espectáculos da Figueira da Foz. Além disso, o teatro Municipal de Leiria será mais um espaço disponível no segundo semestre". Abílio Hernandez mostra-se solidário com as companhias de teatro com estruturas mais frágeis: "Desejo que os grupos da MAFIA sejam contemplados com estes espaços".

O presidente da Coimbra 2003 refere os esforços que houve em integrar todas os grupos da cidade no evento. Contudo, sublinha que não é legítimo colocar as companhias de teatro ao mesmo nível, pois "têm pesos diferentes. Há que dar revelo à Escola da Noite pela importância cultural que tem na cidade". Abílio Hernandez manifesta-se surpreendido quando os agentes teatrais falam em dificuldades de diálogo com a CCNC: "Há uma distribuição das áreas na estrutura 2003. O teatro é da responsabilidade do Dr. Mora Ramos que tem acompanhado as necessidades dos grupos".

Ao nível dos subsídios dados pela Coimbra 2003, os organismos culturais afirmam que os orçamentos recebidos são largamente inferiores aos inicalmente pedidos. A resposta de Abílio Hernandez é simples: "É o pobre que fala ao remediado". Reconhece que esta situação é injusta mas "não podemos passar a vida a chorar pelo leite derramado".

A escolha da programação para Coimbra 2003 é outra das críticas feitas pelas companhias de teatro que conversaram com o jornal A CABRA. De uma forma geral, argumentam que os eventos promovidos são similares aos que já ocorriam anteriormente e que seriam viáveis mesmo sem a estrutura 2003. Abílio Hernandez nega estas considerações: "É pura demagogia. Os exemplos são diários e de elevadíssima qualidade. Que não haja dúvidas em relação ao empenhamento da CCNC". Neste sentido, aponta o Festival de Jazz, no Centro Norton de Matos, e o Projecto Vicente, produzido pela Escola da Noite, como exemplos.

Ao contrário das companhias de teatro, Abílio Hernandez manifesta-se optimista em relação ao futuro da CCNC "Não tenho dúvidas que Coimbra será melhor no final de 2003". Argumenta esta posição com a recente pareceria do Instituto Politécnico de Coimbra, lembrando que "ninguém quer entrar num navio que corre perigo de se afundar".

A câmara e o teatro

Mário Nunes, vereador da Cultura da Câmara Municipal de Coimbra, afirma que tem resolvido os problemas mais prementes da Coimbra 2003. Casa Municipal da Cultura, Museu da Cidade - Edifício Chiado e o Museu dos Transportes são alguns dos espaços cedidos. Já este ano o convento de S. Francisco irá receber exposições integradas na CCNC. O vereador lembra que a Oficina Muncipal de Teatro foi inaugurada com a mesma intenção e que já acolhe a Escola da Noite e o Teatrão. "A câmara está a apoiar todos os grupos de teatro: dei à Escola da Noite 75 mil euros, ao Teatrão cerca de 5O mil e à Bonifrates 15 mil euros". As companhias Encerrado para Obras, Camaleão, Projecto Buh! e Teatro Anónimo também receberam uma comparticipação superior em relação a anos anteriores. Segundo Mario Nunes, as relações conflituosas entre a CMC e a federação MAFIA terminaram: "Isso da MAFIA está resolvido. A 20 de Janeiro tivemos uma reunião com a Camaleão onde acordamos resolver o problema com brevidade".

Artes Feitas

Ouve-se

Um ritual mágico

RUI CANIÇO

Há instantes na história da música das últimas três décadas que o poderiam não ter sido se este disco tivesse tido um parto menos doloroso. Na verdade foi registado a 15 de Janeiro de 1976 (e, diga-se, ao primeiro take), mas somente agora o mundo tem a possibildade de escutar um dos inúmeros gestos de Harry Whitaker (pianista, produtor e compositor) que outrora trabalhou com Roy Ayers, Lloyd Price, Bobby Rydell, Gene McDaniels ou Roberta Flack.

Apenas editado no ano seguinte no Japão pela Baystate (entretanto desaparecida) e com as fitas originais destruídas posteriormente num incêndio, tornou-se penoso para os responsáveis da editora Luv n' Haight a sua abordagem e requalificação.

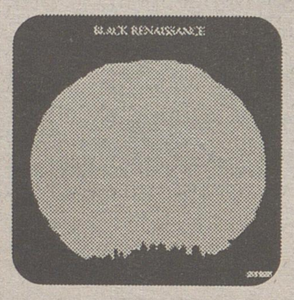
Constituído por apenas duas longas faixas correspondentes a cada face do vinil, "Body, Mind and Spirit" é um exercício eufórico e perturbador sobre o campo infinito de possibilidades de namoro entre as várias correntes da música negra.

Tendo o jazz como elemento unificador, as duas peças reflectem as relações de cumplicidade entre um naipe de instrumentistas que, de forma quase espontânea, o combinam com poesia, uma soul espiritual, solos virtuosos, insinuações rítmicas próximas do funk e algumas raízes africanas.

Black Renaissance

Body, Mind and Spirit

2003, Luv n' Haight, Symbiose



Ouvem-se palavras soltas evocando a esperança de um dia novo ou mesmo declamações sentidas numa das possíveis primeiras aproximações ao rap. As vozes deixam-se estimular pelo pulsar do baixo, pela cadência das percussões, pela delicadeza do piano e pelos devaneios dos sopros (saxofones e trompete). As noções de espaço, tempo, silêncios e respirações aqui reveladas declaram uma apreciável maturidade musical para quem apenas tinha toda uma completa liberdade de improviso.

A única certeza sonora evidente é a da extensão até o limite do acto de experimentar ordenadamente e num regime festivo próprio de uma qualquer jam session.

Casamento debaixo de sol

HUGO FERREIRA

Calexico é o nome de uma pequena localidade dividida entre os Estados Unidos e o México e "Feast of Wire" era um dos discos mais aguardados por todos os apreciadores do agora chamado "neo-folk" e devemos desde já referir que não defrauda quaisquer expectativas.

Uma das particularidades deste projecto da dupla criativa Joey Burns e John Convertino reside no facto de conseguirem, como ninguém, cruzar o folk com o mariachi, sempre com uma espantosa noção de canção (e quase sempre com colaborações de elementos de uma vasta matilha que se ocupa por entre inúmeras outras bandas, das quais "Friends of Dean Martinez", "Op8" e "Giant Sand"são a face mais visível).

"Mariachi" surge das constantes requisições para eventos sociais, nas regiões norte-americanas perto da fronteira, de músicos mexicanos (eram mais baratos e mais festivos...). Consta-se que faziam batizados, aniversários, festas de noivado mas sobretudo casamentos, que, com a sua pronuncia e sotaque característicos, cedo passaram de "mariage" a "mariachi".

Calexico

Feast of Wire

2003, City Slang



"Feast of Wire" é uma obra-prima bem tocada, bem cantada, inventiva e irrepreensível.

Provavelmente Calexico é o exemplo clássico da única semelhança entre o folk e o mariachi... o sol abrasador que se abate sobre as regiões onde estes géneros mais são tocados. Esse sol aqui é motivo para um casamento perfeito na alegria de "Sunken Waltz" e "Close Behind" e na tristeza de "Black Heart", "Woven Birds" ou "No Doze" com direito a lua de mel ao som do tropical "Güero Canelo" ou do devaneio bem dançável e jazzístico "Crumble".

Como não podia deixar de ser (e como se fosse necessário mais alguma coisa), depois temos os extras (no próprio sentido do termo) onde o espantosamente festivo "Corona" se reúne a uma deslumbrante versão, devidamente traduzida para inglês, de "Si Tu Disais" da diva francesa Françoiz Breut.

Disco obrigatório. Ponto final.

Em_Linha

Sítios...

NUNO CURADO NCURADO@IPN.PT

Personalização

Na semana passada houve uma discussão no site "/." - lê-se "slashdot" ("barraponto") e pode ser encontrado em http://www.slashdot.org - sobre a flexibilização do ambiente de trabalho que deve existir nos computadores. Umas das correntes defendia que deve ser dado ao utilizador toda a liberdade para modificar o aspecto do seu ambiente de trabalho e a outra defendia que a maior parte das aplicações ficam demasiado grandes quando incorporadas com essas escolhas. Discussões à parte, o certo é que é possível, nos dias de hoje, alterar o aspecto da maioria dos programas que aparecem nas prateleiras das lojas informáticas, desde o Winamp até ao PowerDVD. Para que os programas fiquem mais ao nosso gosto basta ir até ao arquivo Deviantart. Lá é possível encontrar todo o tipo de alterações gráficas para o ambiente de trabalho ou programas.

http:// www.deviantart.com

O tempo

Um dilema que costuma surgir depois de se acordar é sobre a roupa que se vai vestir. Em alguns casos é devido à moda ou ao trabalho que se vai fazer, mas a maior parte das vezes é para tentar não ser surpreendido com o tempo. Para tal melhor é visitar a CNN,onde se consegue ter uma previsão do tempo que acerta mais vezes que o nosso Instituto Nacional de Meteorologia.

http://europe.cnn.com/WEATHER/

http://www.meteo.pt/

Televisão

De vez em quando torna-se complicado seguir o que se passa nas séries americanas que passam nas televisões nacionais. Para que não se perca o fio à meada ou simplesmente para saber mais informações sobre determinada personagem o melhor sitio para visitar é o Epguides.

http://www.epguides.com

Revistas

Uma das revistas mais antigas dos EUA é a Atlantic Monthly. Existe há mais de cem anos e tem artigos sobre quase tudo. Os temas variam entre lobisomens (artigo escrito em 1871) e a possível invasão do Iraque em nome da paz mundial.

http://www.theatlantic.com

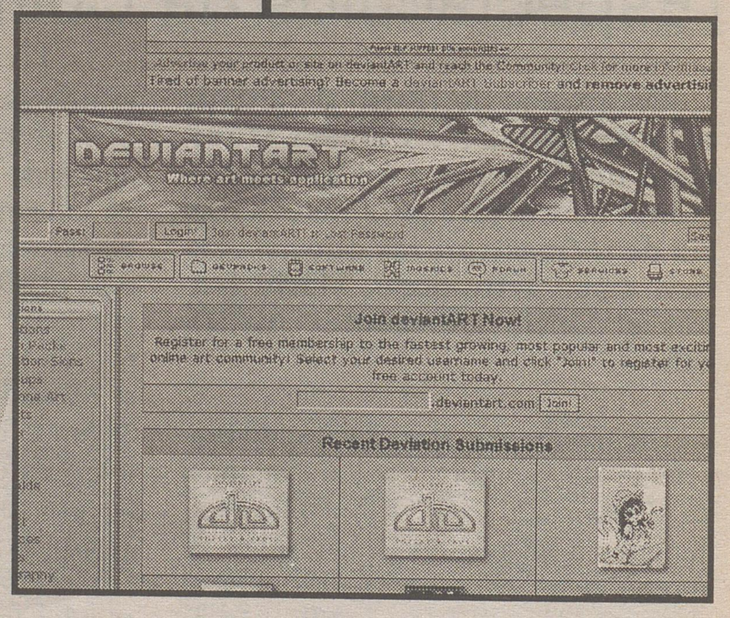
Banda desenhada

A vida de engenheiro por vezes é complicada. O Dilbert que o diga. Baseado na suas experiências como engenheiro, Scott Adams criou a famosa personagem de banda-desenhada Dilbert e todo os seus companheiros de trabalho (quem nunca os viu no "Diário de Notícias"?!). É incrível como a realidade se assemelha a muitos dos episódios que ele retrata.

http://www.dilbert.com

Dork Tower é uma sátira ao mundo dos fanáticos da "Guerra das Estrelas", "Senhor dos Anéis" e jogos de "Dungeons & Dragons".

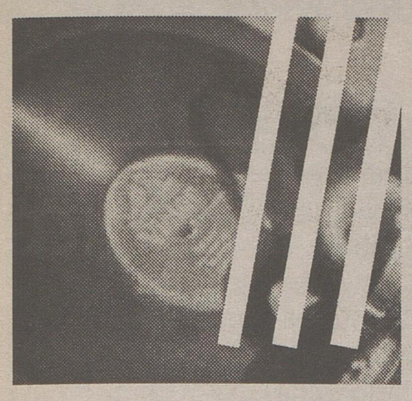
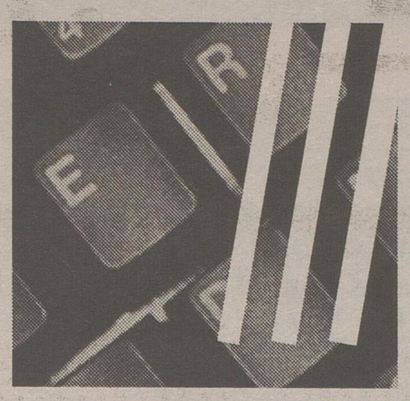
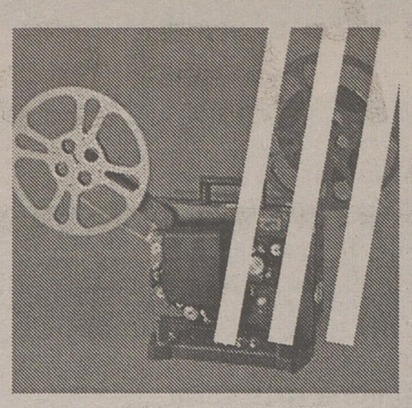
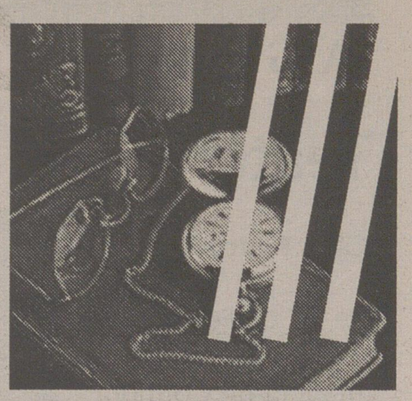
http://www.dorktower.com



Animação e filmes

O Internet Movie Database é dedicado ao cinema. Lá é possível descobrir toda a filmografia de um actor ou de um realizador. Tem filmes de todos os países (sim, os portugueses também lá estão). É possivel lá encontrar as longas-metragens clássicas da Disney e de outras empresas, mas e as curtas-metragens? Para esses existe o The Big Cartoon Database. Este sitio tem informação sobre todos os filmes da Disney, Hanna-Barbera, Warner Bros e muitos mais estúdios. Aqui é possível encontrar informação sobre o Droopy, o Scooby-Doo e todas as outras personagens de que nos podemos lembrar.

- *Internet Movie Database: http://www.imdb.com*
- *The Big Cartoon Database: http://www.bcdb.com/*

Vê-se

"Chicago", de Rob Marshall

JORGE VAZ NANDE



Quando Filipe La Féria decidiu pegar no moribundo teatro de revista e fazê–lo renascer segundo novos moldes sob a protecção do abraço carinhoso de um governo que o era pouco, o que resultou daí não foi, obviamente, uma transposição exacta do passado para o presente, mas antes uma mistura de muitas coisas e influências diferentes, que da revista típica herdou, isso sim, algumas referências formais e caricaturais (o fado, alternância quadros musicais/quadros narrativos, as figuras típicas da rua e vida lisboetas, etc.). Se resultou bem ou não, isso já é outra história. Este "Chicago", realizado por um coreógrafo estreante nas lides cinematográficas, Rob Marshall, também traz à memória um género quase desaparecido, o musical. Em tom de reverência para com um dos coreógrafos mais míticos do "show–biz" americano, Bob Fosse (falecido há 15 anos), o filme segue a estrutura do espectáculo da Broadway que o próprio Fosse dirigia, pouco lhe acrescentando.

Isso é mau? Não necessariamente. Ao menos, Marshall não tem a pretensão de querer reinventar o género, como Baz Luhrmann no malogrado "Moulin Rouge!", muito menos de o fazer renascer. Na verdade, "Chicago" distingue–se muito dos musicais dos anos 40, principalmente dos de padrão clássico saídos da unidade de produção de Alan Freed ("Meet Me In St. Louis", "Singing In The Rain", "An American In Paris"). Ele obedece a uma lógica inversa, em que não é o plano musical a encaixar no plano narrativo, mas este a moldar–se às exigências do outro. Ou seja, em vez de vermos a Judy Garland a subir ao eléctrico e a cantar "The Trolley Song", interrompe–se a história das queridas criminosas Zellwegger e Zeta–Jones para vermos a interpretação de "They Had It Coming" ou a do advogado Richard Gere para o vermos sapatear.

É por esta sua concepção de si mesmo que "Chicago" sai por cima de qualquer comparação com "Moulin Rouge!". Primeiro, porque, apesar de nenhum deles assumir a bom rigor a filiação do musical típico, "Moulin Rouge!" segue o esquema dos filmes da Disney (que já é, ele mesmo, uma adaptação daquela forma clássica), enquanto que "Chicago" é puro Broadway e cabaré. Segundo, porque o filme de Marshall é construído desde o início em obediência ao universo feérico e embriagante do musical. As personagens são caricaturas, excessivas e inverosímeis, porque não podia ser de outro modo. O nível dos seus desejos, reflectidos no espelho da permanente alucinação musical, confunde–se com elas mesmas, enquanto que no filme de Luhrmann a história parecia ter sido escrita em cima do joelho de modo a colar vários números. Ou seja, em "Chicago" tudo interessa. Gere não sapatearia se as dificuldades não surgissem no nível do "real", Zellwegger não cantaria se não estivesse grata ao marido. O filme é um excesso incontrolável em que nada é deixado ao acaso e em que nada é mal aproveitado. Ao contrário de La Féria e de Luhrmann, Marshall não adapta - Marshall transpõe, sendo competente perante o que é bom e deixando brilhar o que sabe que deve deixar brilhar. Felizmente, sabe-o muito bem.

Lê-se

Queria ter alguém à minha espera num sítio qualquer
Anna Gavalda
Publicações Dom Quixote, 2001, 2ª ed.

ANDREIA FERREIRA

O primeiro livro de Anna Gavalda, que recebeu o Grande Prémio RTL LIRE 2000, contrói–se a partir de quotidianos, que habitam num espaço que todos nós conhecemos: a solidão.

Narrando–nos doze episódios de doze existências humanas, Gavalda dá–nos margem para manobrar as nossas esperanças e sonhos, perspectivando um final que se adequa à nossa necessidade.

Dizer que a nossa vida é um palco, em que todos representamos um papel que supomos nosso, será um cliché, o que não anula a validade da ideia. Neste livro, há uma suspensão do que é efémero, suspensão essa que se traduz, porque eterna, num espelho de Alice, em que vemos outras coisas de nós que se nos escapam nos olhares matinais de dentífricos.

Escrevia Baudelaire, numa ideia subscrita por Deleuze, que a tarefa do artista, no seu sentido lato, seria o de captar episódios do quotidiano transitório e fugaz, eternizando–os, sendo essa eternidade a permanência desses mesmos episódios numa esfera já não concreta, mas passível de se encontrar com outros, *des–subjectivando–se* qualquer sentimento de uma qualquer vida individual. Seria esta mesma eternidade captada em gestos comuns, que, ainda sem consciência disso, permitiria retratar, mais tarde, a época.

Neste livro, essa *des–subjectivação* é conseguida, assistindo–se a sentimentos comuns a todos nós, que nem sempre conseguimos gerir, sejamos mulheres ou homens, sejamos editores ou vendedores de uma empresa de presuntos, levando–nos a admitir, a nós mesmos, que o nosso maior medo é a solidão e tudo quanto fazemos é metáfora do nosso desejo de segurança, independentemente da qualidade que exigimos. Será isto que permanecerá de nós?

Anna Gavalda "limita–se" a dar–nos as coordenadas da vida dos personagens, os paralelos e os meridianos de vidas tão vulgares quanto as nossas e, contudo, tão exponencialmente únicas. Não há "romance", não há inícios ou pressupostos, não há enredos novelísticos, não há finais, nem felizes ou reais - e, aqui, espero que o leitor não concorde - , nem lamechices avulsas.

Não há formulação de questões existenciais, ainda que se vislumbrem, nem respostas ou conselhos que nos orientem. Há fotografias, suspensão de uma parte do real - seja uma memória, uma doença, um toque de telemóvel ou a ausência de palavras -,que se deseja aprofundar sem conhecer, que se deseja partilhar sem que se espere uma fórmula ou medicamento que, reconhecendo–lhe um mal, o sare ou o perceba, porque a nossa vida não é passível de receituários e estatísticas. Somos, estamos, vivemos e esperamos... que alguém nos espere, num sítio qualquer. Haverá mais?



AGENDA

Teatro

Cine–Teatro S. Teotónio

De 28 de Fevereiro a 11 de Abril
O Elefante, pelo Teatrão - Teatro para a infância de Coimbra

Teatro Académico de Gil Vicente

Dias 11 e 12 de Março
AAL, de Bertolt Brecht
Artistas Unidos

Música

Auditório do ISEC

Dias 27 e 28 de Fevereiro
Poetry - António Olaio e João Taborda

Teatro Académico de Gil Vicente

Dia 1 de Março
José Mário Branco

Pitchclub

Dia 1 de Março
Tu Metes Nojo

O Bazófias

Dia 7 de Março
The Legendary Tiger Man

Igreja do Botão

Dia 8 de Março
Orquestra de Câmara de Coimbra

Le Son

Dia 28 de Fevereiro
Ki Sap
20pas8

Dia 1 de Março
Fuse
Dj Da Flux

Exposições

Galeria do refeitório do Mosteiro de Santa Cruz - Sala da Cidade

Até 28 de Fevereiro
A escultura de Coimbra: do Gótico ao Maneirismo

Casa Municipal da Cultura

Até 11 de Março
De Nariz no Ar - Exposição Interactiva

Galeria Arte Vária

Até 28 de Fevereiro
Exposição colectiva de pintura e escultura

Galeria do Átrio

Até 19 de Agosto
A Rota dos Escritores do Séc. XX

Centro de Artes Visuais/Encontros de Fotografia

Até dia 23 de Março
Coimbra - exposição colectiva de fotografia
Ophelia - instalação de Noé Sendas
Aproxima-te, Ouve-me - escultura de Rui Chafes

Dança

Teatro Académico de Gil Vicente

Dias 25 e 26 de Fevereiro
Jump–Up–And–Kiss–Me - Companhia Olga Roriz

Cinema

Girassolum Coimbra

Chicago
De: Rob Marshal
Sala 1: 14h30, 16h45, 19h00, 21h30

Apanha–me Se Puderes
De: Steven Spielberg
Sala 2: 14h14, 16h45, 19h15, 21h45

Cinemas Millenium - Avenida

Chicago
De: Rob Marshal
Cine Teatro: 14h30, 17h00, 19h30, 22h00, 00h15

O Aviso
De: Gore Verbinski
Estúdio 1: 14h00, 16h30, 18h50, 21h30, 0h00

Apanha–me se puderes
De: Steven Spielberg
Estúdio 2
Todos os dias: 13h30, 16h15, 19h00, 21h45, 0h30
Terça e Quinta: 13h30, 16h15, 21h45, 0h30
Quarta: 13h30, 16h15, 21h45

Sessão Especial: O Filho
Terça: 19h00
Quarta: 19h30, 00h30
Quinta: 19h00

V Mostra Cultural da Universidade de Coimbra

25 de Fevereiro

Primeiro Encontro de Italianística. - Caminhos da Italianística em Portugal
Sala de Leitura do Instituto de Estudos Italianos FLUC

"Jogo do Beto" jogo tradicional português, apresentado pelos alunos do terceiro ano do curso de Ciências do Desporto e Educação Física - área de recreação
Praça da República
14h00 - 16h00

"E por que não falar de... MORTE?"
Organizado Pela Linha SOS–Estudante
Centro Cultural D. Dinis
18h00

Projecção de um filme mudo com música ao vivo
Organizado Pela Linha SOS–Estudante da AAC
Centro Cultural D. Dinis
21h00

Ciclo do Cinema Português (Década de 60) - "Os Verdes Anos" de Paulo Rocha (1963)
Mini–Auditório Salgado Zenha
21h45

26 de Fevereiro

Oficina de Dança Contemporânea
Organizado pelo Grupo Ecológico
9h30 - 13h00
14h00 - 19h00
Palestra - "O mel na saúde", pela Prof. Doutora Graça Campos (Faculdade de Farmácia da UC)
Auditório da Reitoria da UC
16h00

Seminário - "SMS - uma forma emergente de Literatura", pelo Prof.Doutor Carlos Guimarães
Sala 50 FLUC
16h00 - 18h00

Recital de música e poesia
Organizado pela SESLA
Biblioteca Joanina
21h45

Ciclo de Cinema Português (Década de 70) - "Uma Abelha Na Chuva" de Fernando Lopes (1972)
Mini–Auditório Salgado Zenha
21h45

Estreia da Peça "O Jogo"
Organização do CITAC
Teatro Estúdio do CITAC
21h30

27 de Fevereiro

Conferência - "O Museu das Ciências: o Passado e o Futuro da Universidade de Coimbra", por Fernando Seabra Santos
Anfiteatro de Zoologia
15h30

Lançamento do livro "A Estrada Curva", de Jorge Vaz Nande
Organização da Secção de Jornalismo da AAC
Centro Cultural D. Dinis
18h00

Ciclo de Cinema Português (Década de 80) - "Manhã Submersa", de Lauro António (1980)
Mini–Auditório Salgado Zenha
21h45

28 de Fevereiro

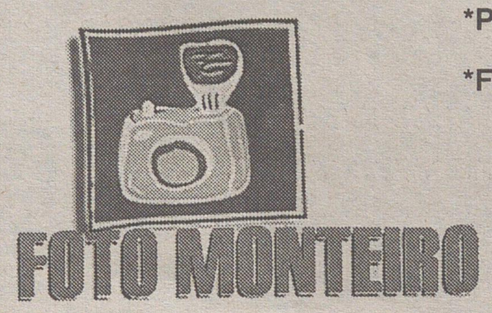
Concerto de Piano a quatro mãos pelo 'Pianissi Due', constituído por Elsa Cabral e Luís Vasco
Teatro Académico de Gil Vicente
21h45

Ciclo de Cinema Português (Década de 90) - "Mal", de Alberto Seixas Santos (1999)
Mini–Auditório Salgado Zenha
21h45

1 de Março

Lançamento da nova página de Internet da RUC
0h00

Concerto pelos antigos Tunos
Instituto Português da Juventude
21h30



*Pede o teu cartão de cliente e ganha uma máquina fotográfica ou uma revelação grátis

*Faz o teu book académico em estúdio e ganha um poster

Revelação em 30 minutos

Praça do Comércio – 8-1º telef: 239 822 105
Galerias Avenida, Piso O, Loja 2 3000 - 351 Coimbra telef: 239 821 915
Edifício da Associação Académica, 1º piso

8 euros nas revelações de 24 fotografias + oferta de rolo e álbum

Pub

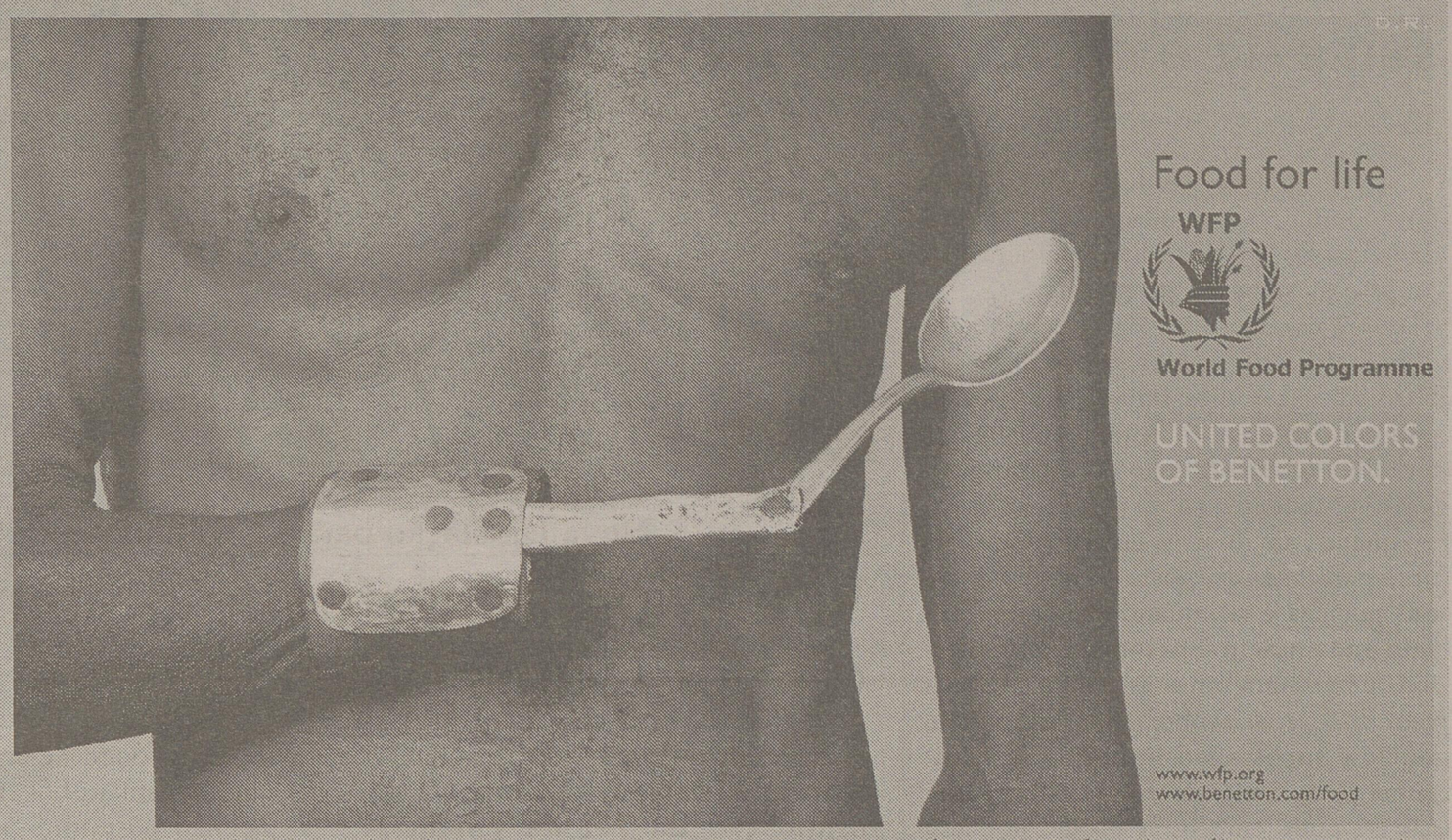
As cores da solidariedade

"Comida pela vida". Esta é a campanha publicitária que a Benetton está a concretizar para combater a fome à escala mundial. Durante seis semanas, os painéis exteriores de publicidade e a comunicação social de pelo menos 36 países serão a voz da campanha.

Comida pela educação, pela paz, pelo trabalho, pela segurança e pela protecção. Estes são os principais slogans da campanha da marca italiana Benetton. Surgem acompanhados por imagens marcantes de crianças, mulheres e homens que vivem em países como a Libéria, a Serra Leoa, a Guiné, o Camboja ou o Afeganistão, em circunstâncias consideradas abaixo dos limites da dignidade humana.

Segundo dados oficiais da Organização das Nações Unidas (ONU), a fome mata diariamente 25 mil pessoas (aproximadamente uma em cada três segundos e meio), e estima-se ainda que, à escala planetária, 800 milhões de pessoas passem fome.

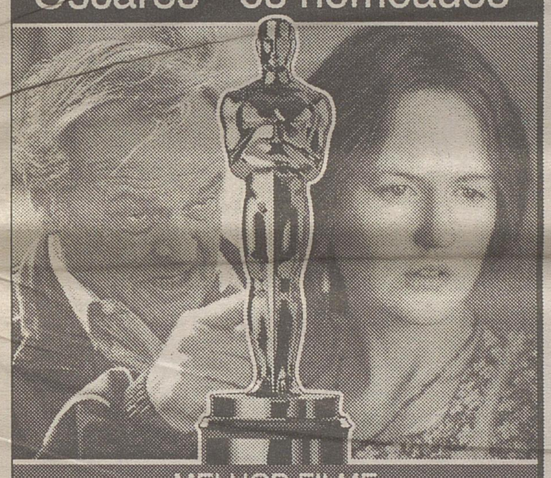
Na tentativa de combater um dos mais fortes inimigos do planeta, a fome, a ONU lançou o Programa Alimentar Mundial (PAM) que, no seu início, no ano de 1963 tinha apenas um carácter experimental, mas que agora é uma ajuda preciosa, ainda que insuficiente, para todos aqueles que, espalhados pelos cinco continentes, acordam de manhã sem saber quando poderão voltar a comer. Sem qualquer tipo de apoio financeiro da ONU, o PAM conta apenas com o auxílio dos governos. O problema é que esse patrocínio tem vindo a decrescer de ano para ano. A título exemplificativo, no ano de 2001 o PAM contou com um orçamento de 1700 milhões de euros, que serviu para alimentar 77 milhões de pessoas. Muito trabalho há ainda a fazer para que se satisfaçam as necessidades alimentares das restantes 723 milhões de pessoas.



D.R.

Foi no intuito de combater as consequências trágicas destes números, que a Benetton se juntou ao PAM numa iniciativa que conta histórias de pobreza e miséria. James Mollison foi o profissional da Benetton que as fotografou. O artista da Fabrica (projecto de pesquisa sobre comunicação da marca italiana) explica como surgiu a ideia: "Quando conheci o PAM fiquei interessado na ideia de como usam a comida para resolver problemas sociais". E prossegue, afirmando que "dar comida em troca de armas ou ajudar prostitutas no Camboja pareciam-me ideias poderosas". Para finalizar, o fotógrafo afirma estar esperançado em ter dado um bom contributo "para o debate sobre a fome".

Óscares - os nomeados



MELHOR FILME

Chicago
Gangs de Nova Iorque
As Horas
O Senhor dos Anéis: As Duas Torres
O Pianista

MELHOR ACTOR

Adrien Brody *O Pianista*
Nicholas Cage Inadaptado
Michael Caine Um Americano Tranquilo
Daniel Day-Lewis *Gangs de Nova Iorque*
Jack Nicholson Confissões de Schmidt

MELHOR ACTRIZ

Salma Hayek *Frida*
Nicole Kidman *As Horas*
Diane Lane *Infiel*
Julianne Moore *Far From Heaven*
Renee Zellweger *Chicago*

MELHOR ACTOR SECUNDÁRIO

Chris Cooper *Inadaptado*
Ed Harris *As Horas*
Paul Newman *Caminho para a Perdição*
John C. Reilly *Chicago*
Christopher Walken
Apanha-me Se Puderes

MELHOR ACTRIZ SECUNDÁRIA

Kathy Bates *Confissões de Schmidt*
Julianne Moore *A Horas*
Queen Latifah *Chicago*
Meryl Streep *Inadaptado*
Catherine Zeta-Jones *Chicago*

MELHOR REALIZADOR

Rob Marshall *Chicago*
Martin Scorsese *Gangs de Nova Iorque*
Stephen Daldry *As Horas*
Roman Polanski *O Pianista*
Pedro Almodóvar *Fala com Ela*

Fotos: New Line Productions Inc., Paramount Pictures © GRAPHIC NEWS

A história do Carnaval

O Carnaval teve as suas origens em ritos pagãos relacionados com a Primavera e o renascer da vida natural. Apesar da data não poder ser precisamente estabelecida, talvez possa ser ligada aos cultos agrários, nomeadamente ao festival de Osíris no Egipto, que comemorava as cheias anuais do rio Nilo. Da antiga Grécia existem também registos de celebrações em honra de Dionísio - deus do vinho.

Assim, a dança, os festejos, os cânticos e a celebração, sempre estiveram presentes na vida, na evolução dos homens e das sociedades. No caso europeu esta influência marcou os tempos do cristianismo. Impotente para esmagar esta tradição popular, a Igreja Católica não teve outra alternativa senão integrar o Carnaval como festividade religiosa. Actualmente, o Carnaval marca o início de um período de supressão de carne devido à Quaresma e que culmina na celebração da Páscoa.

Mas, apesar do que se possa pensar, o Carnaval não é só samba e calor. Em Munique, por exemplo, as celebrações têm o seu início no dia seis de Janeiro, enquanto em Colónia, os festejos estão religiosamente marcados para as 11 horas e 11 minutos do dia 11 de Novembro.Em Cuba, Fidel Castro, decretou que os festejos se efectuassem no mês de Julho de forma a comemorar "La Revolucíon" da década de 50.


D.R.

No entanto, existem também os chamados "Carnavais do Mundo" como é o caso dos três dias de folia no Rio de Janeiro, ou do sumptuoso Carnaval de Veneza. Vistos como eventos turísticos, a sua importância está sobretudo ligada a questões económicas.

Em Portugal, as melhores alternativas serão Ovar, Torres Vedras, Alcobaça ou Funchal. Afinal a vida são dois dias e Carnaval são três.

Leilão musical

Na passada sexta feira, realizou-se em Londres, um leilão onde se venderam algumas raridades do mundo musical. A CABRA faz uma retrospectiva de algumas das obras leiloadas.

Uma guitarra "Fender Stratocaster", utilizada por Jimmy Hendrix em Woodstock em 1969, foi arrebatada por 10 mil euros. Outra guitarra da mesma marca, utilizada por Kurt Cobain, falecido vocalista dos Nirvana, na digressão de promoção ao álbum "Nevermind" foi comprada por cerca de 11 mil euros. Pelo mesmo valor foram comprados alguns poemas de Jim Morrison, vocalista dos "The Doors".

Há vinte anos atrás Tom Fisher comprou por 30 euros uma bobine inédita. "Too Many Cooks" foi gravado em 1974 e conta com a voz de Mick Jagger, a guitarra de John Lennon e a bateria de Ringo Starr. No leilão, esta bobine rendeu 20 mil euros.

A transacção mais cara deste leilão foi a matriz utilizada para o fabrico do single "That's all Right, Mama". Este foi o tema de estreia do rei Elvis Presley, em 1945, e foi comprado por 30 mil euros.

Poesia vs Guerra

Esta noite, em Lisboa, 30 poetas de língua portuguesa reúnem-se para levar a cabo um recital de poesia contra a ideia de guerra, qualquer que seja a sua forma.

Esta iniciativa é organizada pelo Pen Clube Português e toma o nome de "Ouvindo: Os Poetas Contra A Guerra". Entre os poetas que integram esta iniciativa contam-se Liberto Cruz, Ondjaki, Teresa Rita Lopes ou Pedro Tamen. Entre os poemas lidos pode encontrar-se um poema alusivo à Bósnia-Herzegovina.

A ESTRADA CURVA
JORGE VAZ NANDE

senta–te e ouve,

vamos lá a ver se desta vez consigo falar contigo, normalmente tenho dificuldade, deixas–me demasiado vulnerável,

há coisas que me perturbam,

moro contigo já há algum tempo, podíamos dizer que somos irmãos, mas isso é trivial, não somos irmãos, mas podíamos ser filho um do outro, isso sim, eu teu filho, tu meu filho, o oposto também seria verdade,

quando saí do liceu escrevia umas cenas, percebes, eu gostava de escrever, uns poemas e tal, quando se entra para aqui anda tudo muito romântico, as pessoas perguntam umas às outras se escrevem, não sei se tenho saudades ou não, aquilo é suposto mostrar que se tem alguma parte muito profunda e bruta que não se pode embelezar e que, por isso mesmo, parece mais verdadeira,

eu era assim, eu escrevia, mas um dia encontrei no bar um gajo qualquer, um palerma amigo do amigo da amiga e ele disse que isto da escrita me ia acabar quando arranjasse gaja e eu odiei o gajo por isso, porque ele desprezou–me ao ponto de me reduzir a algo mais e menos do que eu, algo em que eu me confundia, e eu odiei-o ainda mais quando logo a seguir arranjei uma gaja e a escrita acabou–se e eu fiquei ali com a pilinha a abanar ao vento como uma fonte seca, a pilinha a abanar ao vento, atenção, mas uma gaja ao meu lado,

mas a gaja também acabou por se ir embora, e depois veio outra, e outra, e outra, e um tipo a tentar perceber se manda ou se é mandado,

sinceramente, tu entendes, tu escreves para o jornal, o pessoal até lê as cenas que escreves, há quem te perceba e quem não, é sempre assim, mas o que é que tu achas, quer dizer, andamos aqui mais ao menos ao lado um do outro já há uns anitos, achas que isto fez algum sentido, ou seja, percebes, um gajo anda aqui a estudar e metade dos motivos para isso estavam dentro de nós, mas agora não tenho a certeza, isto não era nada necessário, e a seguir o que se segue, casar, ter filhos, pedir um empréstimo, comprar carro, outro empréstimo, casa, trabalhar, trabalhar, trabalhar e queixarmo–nos para o resto da vida do ladrão do fisco e dos sovinas da segurança social, quer dizer, quem é que tu achas que nos guarda a vida afinal,

sinto–me como um acrobata mesmo mesmo no momento em que larga o trapézio, percebes, de vez em quando dá–me essa vertigem aguda na garganta, olha, jorge, sabe–se lá, eu e tu somos homens, vivemos e morremos e nunca haveremos de saber a importância do resto, portanto, que importa, vamos tomar café, tenho saudades de tomar um café contigo, podemos estar calados, não interessa, já falámos demais.



Nova legislação para o Ensino Superior em debate

Vital Moreira defende o aumento das propinas

A autonomia das instituições, o estatuto da carreira docente e a reformulação da Lei de Financiamento foram os principais temas da discussão que teve lugar na passada quarta–feira. Vital Moreira defendeu o pagamento do ensino superior por parte dos estudantes

PEDRO RAMOS

Intitulado "Pensar a Universidade" e organizado pela Direcção–Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), o debate sobre as Regulamentações à Legislação do Ensino Superior contou com a presença do Ministro da Ciência e do Ensino Superior, Pedro Lynce, do novo reitor, Seabra Santos, de Vital Moreira, professor da faculdade de Direito, de Dias Urbano, docente da faculdade de Ciências e Tecnologia e ainda de dois ex–ministros da Educação, Augusto Santos Silva e Veiga Simão.

Vital Moreira foi o orador mais polémico. Apresentando dez argumentos contra a gratuitidade do mesmo nas instituições públicas, o constitucionalista considerou a Lei de Financiamento o aspecto mais importante a resolver.

"Quem defende que o Estado deve continuar a pagar o ensino superior, está a defender que o ensino deve continuar a estagnar e degradar–se" declarou Vital Moreira. A necessidade de uma equidade social, a questão do retorno individual de que beneficia o estudante, ou ainda o sub–financiamento do ensino superior foram algumas das razões apontadas para justificar esta posição. Na opinião do jurista, as propinas podem colmatar esse défice, justificar a autonomia, promover a competitividade entre instituições e ainda servir de incentivo ao desempenho dos estudantes. Defendendo um sistema de empréstimo para os mais desfavorecidos economicamente, Vital Moreira condenou também a disparidade no ensino público, entre licenciaturas quase gratuitas e mestrados "pagos a preços de ouro".

Pedro Lynce assumiu uma postura de ouvinte, procurando auscultar as várias partes neste período de "discussão activa" que termina no final do mês.

"As propostas ainda não estão prontas", afirmou. Considerando os diplomas em discussão, a base da estrutura do ensino superior, o ministro diz–se interessado em "ouvir ideias que podem ser mais–valias em relação aos projectos–lei". A discussão final e o envio dos documentos para a Assembleia da República, apenas ocorrerá em Abril dando assim espaço a uma maior discussão com as várias partes.

Seabra Santos defendeu que, neste período activo, não foi dado tempo suficiente às instituições para apresentarem as suas propostas, principalmente à Universidade de Coimbra, remetendo claramente para a sua recente tomada de posse. "O processo requer tempo, o que não é compatível com o mês e meio que foi dado às instituições para que produzam as suas contribuições, principalmente à nossa".

Lynce defende estudante elegível

À margem do debate, Pedro Lynce considerou a aplicação do critério de estudante elegível consagrado na lei, "injusta sob o ponto de vista social", assumindo como preferível o sistema de prescrição de matrículas.

Este critério é "mais justo" porque se baseia na capacidade dos estudantes, enquanto o conceito de estudante elegível discrimina os alunos em função das suas capacidades económicas: "Se o Estado deixa de pagar a determinados estudantes, só se mantém a estudar aquele que tem dinheiro".

O ministro que tutela a pasta do Ensino Superior admitiu ainda excepções à aplicação deste sistema de prescrições que quer ver aplicado a curto prazo em todas as instituições.

Debates são para continuar

Hoje e no próximo dia 5 de Março vão ocorrer mais dois debates, também às 15h00, mas desta nos auditórios de Engenharia Mecânica e da Faculdade de Economia, respectivamente.

O debate de hoje, subordinado à discussão sobre a temática da acção social, vai contar com a presença de Lúzio Vaz, administrador dos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra, Osório Araújo, presidente do Conselho Nacional de Acção Social Escolar (CNASES), Elsa Justino, do Fundo de Apoio ao Estudante e Francisco Costa, representante dos estudantes no CNASES.

O debate de dia 5 de Março irá contar, por sua vez, com a presença de representantes dos vários grupos parlamentares da Assembleia da República, faltando apenas a confirmação de um representante do Partido Socialista. A temática em debate nesta mesa redonda vai girar em torno de uma reflexão sobre o futuro do Ensino Superior.

DG/AAC promove vigília

No início da próxima quinta–feira, pelas 0h00, a Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra vai levar a cabo uma vigília sob a designação "Dêem uma oportunidade à Paz". Esta iniciativa pretende ser um acto de incentivo à procura de uma solução pacífica para a actual crise vivida no Iraque. De resto, a DG/AAC já tinha manifestado esta posição, apoiando a manifestação que ocorreu em Coimbra no passado dia 15 contra uma intervenção armada no país de Saddam Hussein.

Assim, vão ser colocadas faixas brancas no edifício e postas no chão velas brancas para serem acesas à meia–noite, quando se iniciará uma vigília de aproximadamente uma hora à porta do edifício, que estará de luzes apagadas.

